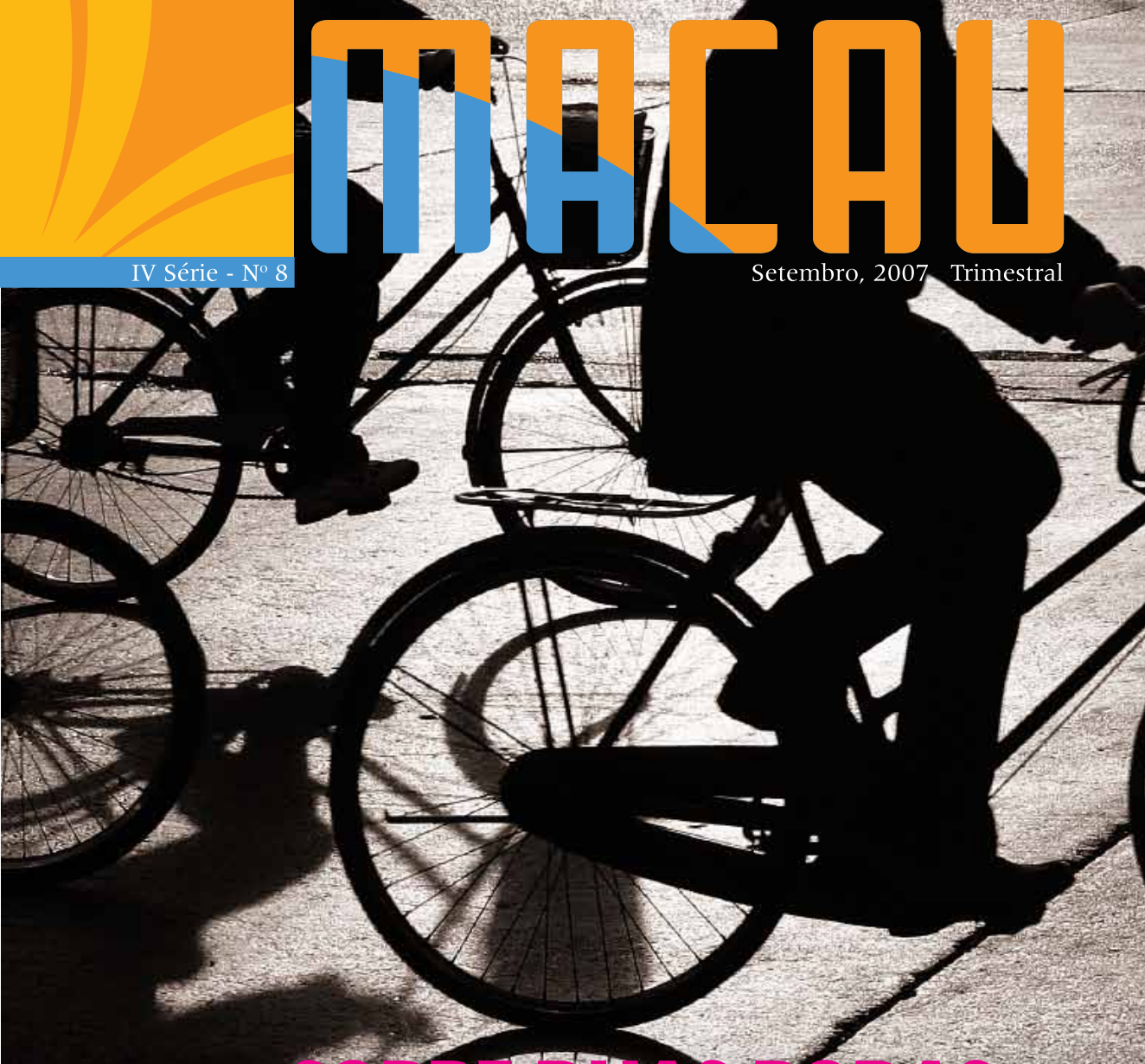
IV Série - Nº 8

MACAU

Setembro, 2007 Trimestral



SOBRE DUAS RODAS
A bicicleta chinesa em busca de novos caminhos

LEE PENG HONG
As regras da boa cooperação

A XINHUA
O que é?

JOGOS EM RECINTO COBERTO
Toda a Ásia na RAEM

ANGOLA: 300,00 AON BRASIL: R $8,50 CABO VERDE: 350$00 CVE GUINÉ-BISSAU: 2000,00 XOF MACAU: 30,00 MOP MOÇAMBIQUE: 100.000,00 MZM PORTUGAL: € 3,00
S.TOMÉ e PRÍNCIPE: 30.000,00 STD TIMOR-LESTE: US $3,80 RESTO DO MUNDO: US $3,80

MACAU
Setembro, 2007

Director
Victor Chan Chi Ping

Director Executivo
Louie Wong Lok I

Editor Executivo
Fernando Sales Lopes

Propriedade
Gabinete de Comunicação Social
da Região Administrativa Especial de Macau

Endereço
Avenida da Praia Grande, nºs. 762 a 804
Edif. China Plaza, 15º andar, Macau
Tel: +(853) 2833 2886 Fax: +(853) 2835 5426
e-mail: info@gcs.gov.mo

Produção, Gestão e Distribuição
Delta Edições, Lda.
Tel: +(853)2832 3660 Fax: +(853)2832 3601
e-mail: info@deltapublishing.com.mo

Editor
Luís Ortet

Direcção Gráfica
José Manuel Cardoso
Graffiti - Arte & Comunicação

Colaboradores Permanentes
Ina Chiu e Patrícia Lemos

Colaboraram nesta edição
António Falcão (fotografia), Carmo Correia (fotografia), Fernando Madeira (fotografia), Gilberto Lopes, João Costeira Varela, João Francisco Pinto, José Carlos Matias, Joyce Pina, Luís Nestor Ribeiro, Luis Pereira, Marco Antinossi, Maria João Belchior, Rui Boavida e Sofia Jesus

Administração, Redacção e Publicidade
Av. Dr. Rodrigo Rodrigues 600E
Edif. Centro Comercial "First International"
14º andar, Sala 1404
Tel: +(853) 2832 3660 Fax: +(853) 2832 3601
e-mail: contacto@revistamacau.com
www.revistamacau.com

Impressão
Tipografia Welfare, Macau

Tiragem
3 000 exemplares

ISSN: 0871-004X

O Fórum para a Cooperação Económica e Comercial entre a China e os Países de Língua Portuguesa foi lançado há quatro anos. O que tem sido essa experiência constitui um dos temas da entrevista ao presidente do Instituto de Promoção do Comércio e do Investimento (IPIM), LEE Peng Hong, que tem a cargo a organização da Feira Internacional de Macau (MIF), o maior evento de promoção comercial e de exposição de serviços e de produtos que se realiza no território. O responsável máximo do IPIM afirma que a feira, que terá lugar em Outubro, oferece uma "excelente oportunidade para os homens de negócios do exterior tomarem conhecimento da nova dinâmica" da Região Administrativa Especial de Macau (RAEM). Nesse mesmo certame continuará a marcar presença o chamado "Pavilhão dos Países de Língua Portuguesa", que em anos precedentes tem atraído empresários de diversas origens visando a aquisição de mercadorias e o estabelecimento de negócios.

O modo como o sector financeiro se tem disponibilizado para apoiar projectos de cooperação económica e comercial é igualmente abordado nesta edição da MACAU, que apresenta alguns balanços sectoriais do que têm sido estes quatro anos de Fórum.

Outro entrevistado é o director dos Serviços de Educação e Juventude, que explica as alterações trazidas pela nova Lei do Sistema Educativo Não-Superior, que agora entra em vigor. A conversa com Sou Chio Fai permite-nos conhecer um pouco da realidade do sistema educativo local.

Nos últimos dias do mês de Outubro, as múltiplas infra-estruturas desportivas de que Macau dispõe serão de novo utilizadas com a realização de um evento desportivo internacional, desta vez os Jogos Asiáticos em Recinto Coberto. Milhares de atletas, profissionais ligados ao desporto e espectadores afluirão a Macau.

Antes disso, o mesmo mês de Outubro ficará marcado pela realização do Festival Internacional de Música, que este ano terá como cabeça de cartaz a pianista portuguesa Maria João Pires. Do seu programa damos igualmente conta nas páginas desta edição.

Luís Ortet

Os artigos assinados expressam as opiniões dos seus autores e não necessariamente as da revista MACAU.

ÍNDICE



Setembro, 2007

CAPA



A utilização generalizada da bicicleta como meio de transporte é uma das imagens habitualmente associadas à China. Mas tudo muda e essa indústria outrora incontestada enfrenta desafios e considera mercados alternativos.

XINHUA



Com mais de 70 anos de existência, a agência de notícias chinesa Xinhua está presente em 110 países e territórios pelo mundo fora e utiliza oito línguas, entre as quais o português, para veicular os conteúdos que produz.

EDUCAÇÃO



Uma nova lei do sistema educativo não-superior começa a ser implementada este ano lectivo. Entrevistado pela MACAU, o director dos Serviços de Educação e Juventude, Sou Chio Fai, defende que este novo enquadramento irá beneficiar a qualidade ao ensino ministrado na RAEM.

CINEMA CHINÊS II



Este segundo artigo dedicado ao cinema chinês debruça-se sobre a chamada 6ª geração de cineastas e o modo como eles reflectem as transformações das últimas duas décadas na China.

REGRESSO



Maria João Pires é convidada pela Orquestra de Macau para um dos momentos altos do Festival Internacional de Música, que se realizará entre 5 e 31 de Outubro. A pianista portuguesa regressa a Macau 25 anos depois de ter actuado num recital na Biblioteca Sir Robert Ho Tung.

■ Entrevista
Servir Macau, 4
Gilberto Lopes e Carmo Correia
■ Investimento
Crédito à cooperação, 14
José Carlos Matias
■ Cooperação
Visita à Lusofonia, 22
José Carlos Matias
■ Bicicleta
"Voando" para África, 26
Rui Boavida
Um país a pedalar, 31
Maria João Belchior
■ Xinhua
A maior agência de notícias do Mundo, 36
João Francisco Pinto
■ Yunnan
Para além das nuvens, 44
Luis Pereira
■ Educação
Virar de página na educação, 58
João Costeira Varela e António Falcão
■ Desporto
Toda a Ásia em Macau, 72
Joyce Pina
2008-Torres olímpicas, 82
Rui Boavida
Salto mortal na estreia, 96
Gilberto Lopes
■ Comunidades
De portas abertas, 100
Sofia Jesus
■ Cinema II
A oeste nada de novo, 104
Luís Nestor Ribeiro

SECÇÕES

■ NOTICIÁRIO, 56 e 98
■ CARTAZ, 118
■ RETRATO, 128

MIF

第十二屆澳門國際貿易投資展覽會

12ª FEIRA INTERNACIONAL DE MACAU

12th MACAO INTERNATIONAL TRADE & INVESTMENT FAIR

18-21/10/2007

地點：路氹金光大道™（澳門威尼斯人）會展中心

Venue : The Cotai Strip™ Convention and Exhibition Center at The Venetian® Macao

Um Espaço, em Macau, destinado ao Comércio e Investimento Internacional

Oferece novas oportunidades de negócios, e dá as Boas-Vindas à participação de Empresários de Macau!
Informações: (853) 2871 391

Actividades Principais

Exposições, Fóruns e Conferências, Bolsa de Contactos, Zona de Transacções Comerciais

Principais Pavilhões

Pavilhão das Províncias e Cidades da China,
Pavilhão de Macau,
Pavilhão das Pequenas e Médias Empresas,
Pavilhão dos Países de Língua Portuguesa,
Pavilhão de Portugal,
Pavilhão da União Europeia,
Pavilhão Internacional,
Pavilhão para Organismos de Promoção do Comércio e do Investimento Internacional,
Pavilhão para Convenções e Exposições Internacional

Apresentar a Nova Dinâmica de Macau
Desfrutar das Oportunidades Geradas pela Plataforma de Cooperação

展現嶄新澳門
發揮平台優勢

澳門 MACAO



www.mif.com.mo

ufi Approved Event

主辦機構 / Organizador / Organiser

協辦機構 / Co-organizadores / Co-organisers

承辦機構 / Coordenadores / Co-ordinators

Cupão de resposta

Para mais informações é favor preencher o cupão abaixo, e enviá-lo por fax para o número: (853) 287 15009 / 2859 0309

Informação sobre: ☐ Expositores ☐ Bolsas de Contactos ☐ Transacções Comerciais ☐ Delegações Empresariais ☐ Outros

Nome: _____ Nome da Empresa / Entidade: _____ Cargo: _____

Tipo de Actividade: _____

Informações adicionais pretendidas: _____

Morada: _____

Tel. no.: _____ Fax no. : _____ Endereço electrónico (e-mail): _____

Centro de Administração e Serviço da 12a. Feira Internacional de Macau

Alameda Dr. Carlos de Assumpção, no. 263, 20o. Andar, Edifício China Civil Plaza, Macau,
Tel: (853) 2871 3913 / 7989141 / 7989249; E-mail: ipim@ipim.gov.mo

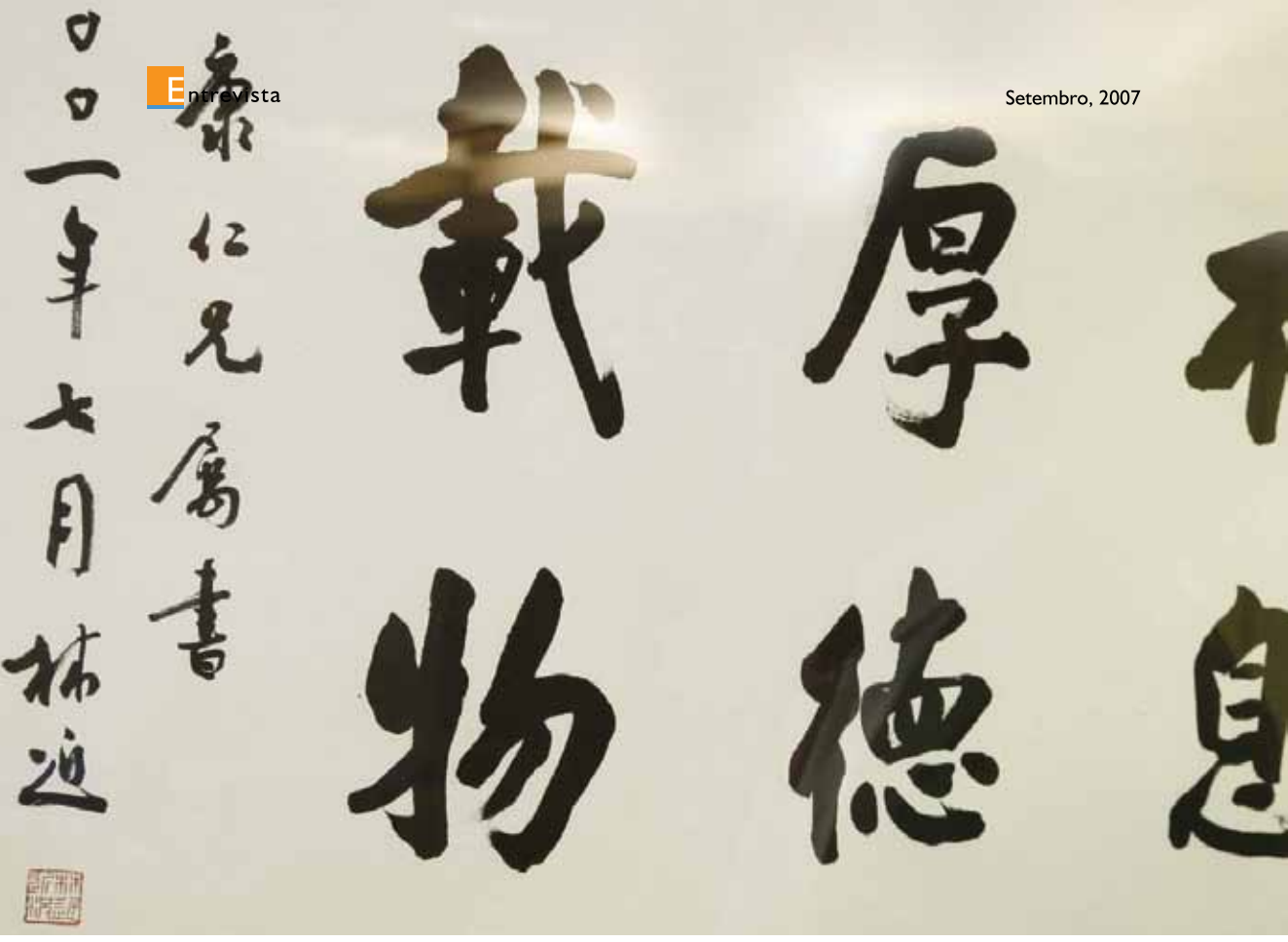
Gilberto Lopes (texto) e Carmo Correia (fotos)





Servir Macau

Aos 30 anos de idade, em 1999, assumiu a liderança do organismo que promove a imagem do comércio e do investimento de Macau no mundo. Quase uma década depois, LEE Peng Hong, presidente do IPIM, reitera a sua disponibilidade para continuar a servir a sociedade de Macau



É um dos mais jovens directores da Administração Pública de Macau. Quando em 1999 substituiu João Domingos na presidência do IPIM – Instituto de Promoção do Comércio e do Investimento de Macau - , LEE Peng Hong tinha apenas 30 anos de idade. Na altura, a nomeação não deixou de surpreender os meios económicos locais, mas quem o conhece garante que era o quadro mais bem preparado, no seio do IPIM, para liderar os desafios que então se avizinhavam.

Natural de Macau, filho de pais chineses, estudou na escola Hou Kong. Licenciado em gestão de empresas, frequentou em Coimbra o curso de língua e cultura portuguesas, e assistiu a aulas na Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra. Entre 1990 e 1992 aprendeu a falar português, sendo hoje um dos quadros superiores da Administração Pública que melhor domina a língua de Camões.

De regresso a Macau inscreveu-se no mestrado em Administração Pública, que o INA - Instituto Nacional de Administração - promoveu em colaboração com a Universidade de Macau, e completou o Doutoramento na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Tsinghua em Pequim.

Em 1992 ingressou no Instituto de Promoção do Investimento de Macau, na altura dirigido por José Romão, trabalhando na área da promoção económica. Em Julho de 1994, após a reestruturação institucional, foi criado o Instituto de Promoção do Comércio e do Investimento de Macau (IPIM), onde passou a trabalhar no Núcleo de Estudos, que depois dirigiu até ser designado presidente, em Setembro de 1999.

Ao longo da sua actividade profissional, participou em pesquisas, estudos, investigações e realização de actividades de promoção económica e comercial entre a China e os países de língua oficial portuguesa, especialmente Portugal. Em 1994 acompanhou a delegação empresarial portuguesa



Muitos investidores estrangeiros têm criado empresas em Macau em sectores, como trading, *convenções e feiras, transporte aéreo, serviços e* media

à China, na visita oficial do então primeiro-ministro de Portugal, Prof. Aníbal Cavaco Silva; em Maio de 2000, acompanhou uma delegação empresarial dos países de língua portuguesa à cidade de Yiwu, na China, e participou no "Fórum Internacional entre a Cidade de Yiwu, Zhejiang – Macau – Fórum dos Empresários da Língua Portuguesa"; organizou as Actividades Empresariais por ocasião dos 1º. e 2º. "Fórum para a Cooperação Económica e Comercial entre a China e os Países de Língua Portuguesa (Macau)", respectivamente em 2003 e 2006; organizou anualmente, a partir do ano de 2005, os "Encontros de Empresários para a Cooperação Económica e Comercial entre a China e os Países de Língua Portuguesa" em Angola (2005), Lisboa (2006) e Maputo (2007).

Em 1999 colaborou com a Associação Industrial Portuguesa - Câmara de Comércio e Indústria na elaboração do "Guia de Macau – para empresários e investidores portugueses" e é autor do livro intitulado "Estratégia para o Desenvolvimento da Plataforma de Macau - Estudo sobre o Papel de Macau como Plataforma de Serviços para a Cooperação Económica entre a China e os Países de Língua Portuguesa", lançado em Setembro de 2006.

Discreto, não gosta de dar entrevistas (a conversa com a MACAU estava agendada há mais de meio ano) e de falar da família. Casado, tem um filho e uma filha. Foi praticante de natação e basquetebol. "Como atleta amador ganhei algumas medalhas", recorda com satisfação.

LEE Peng Hong diz não ter ambições políticas, mas está disponível para continuar a servir a sociedade de Macau. "Disciplina e compromisso social" são, de resto, dois objectivos que procura alcançar no dia-a-dia. No amplo gabinete de trabalho, no edifício World Trade Center, tem, aliás, um amplo quadro, com esse desiderato desenhado em caracteres chineses.

Compreender a estratégia de cooperação

Entre outros temas, LEE Peng Hong fala, nesta entrevista, na edição 2007 da Feira Internacional de Macau (MIF), a maior de sempre, e no papel "notável" de Macau na relação com os países de língua portuguesa. Mesmo assim, acha que os empresários da RAEM precisam de compreender melhor a estratégia de cooperação delineada

- A edição 2007 da Feira Internacional de Macau (MIF) vai decorrer no complexo Venetian Macau. Quantos expositores e instituições vão participar no evento?

- A 12ª Feira Internacional de Macau (MIF) vai decorrer, de 18 a 21 de Outubro, no Centro de Convenções e Exposições do *Venetian* Macau. Organizada pelo IPIM e co-organizada por onze associações comerciais locais e do exterior, é o maior evento de promoção comercial e de exposição de serviços e de produtos que se realiza em Macau.

Recorde-se que a edição de 2006 atraiu 148 delegações comerciais oriundas de 47 países e regiões e 24 associações comerciais da RAEM.

O Centro de Convenções e Exposições da *Venetian* Macau possui uma área total de cerca de 100 mil metros quadrados. A 12ª edição da MIF vai realizar-se, pela primeira vez nesse Centro e irá acolher um número aproximado de 900 *stands*, o que corresponde um aumento para mais do dobro em relação ao número disponibilizado nas edições anteriores.

- O que espera da edição deste ano?

- A MIF terá como tema "Apresentar a Nova Dinâmica de Macau, Desfrutar das Oportunidades Geradas pela Plataforma de Cooperação". A feira vai concentrar investidores, empresários, comerciantes e expositores de diversos países e territórios.

Ao mesmo tempo em que se verifica uma maior internacionalização do evento, a feira constitui também uma excelente oportunidade para os homens de negócios do exterior tomarem conhecimento da nova dinâmica de Macau.

A concepção dos diversos pavilhões foi inspirada pela plataforma de serviços e pelo crescimento económico que Macau

atravessa no presente momento.
Graças ao CEPA - Acordo de Estreitamento das Relações Económicas e Comerciais entre o Continente Chinês e Macau - , a RAEM tornou-se numa ponte ideal para as empresas estrangeiras entrarem na China. A edição de 2007 apresentará um "Pavilhão das Províncias e Cidades da China", reforçando assim o papel de Macau como plataforma de serviços e investimento da China.
O referido pavilhão visa, por outro lado, estreitar o relacionamento estabelecido na sequência de visitas de estudo efectuadas por delegações comerciais de Macau ao interior da China e das deslocações a Macau por parte de delegações comerciais oriundas do interior da China.
Na zona "*The Flying Macau*" os visitantes poderão constatar a capacidade produtiva dos sectores comercial e industrial de Macau, apresentada pelas Associação Industrial de Macau; Associação dos Exportadores e Importadores de Macau, Associação dos Industriais de Tecelagem e Fiação de Lã de Macau e Associação de Fretadores de Macau.
O "Pavilhão dos Países de Língua Portuguesa" pretende salientar o papel desempenhando por Macau como plataforma de cooperação entre a China e os países de língua portuguesa, tendo atraído nos anos anteriores, em média, mais de uma centena de empresários dos diversos países de língua portuguesa, quer para aquisição de mercadorias, quer para estabelecimento de negócios.

A presença da União Europeia

- A União Europeia vai estar representada pela primeira vez ...

- A União Europeia (UE) é o maior bloco comercial do Mundo, tendo Macau sido o primeiro entreposto comercial dos países europeus. Portugal desempenha agora a presidência da União Europeia e este ano vamos ter um "Pavilhão da União Europeia". Macau quer servir de plataforma de serviços entre a China e os países europeus.

Com vista a impulsionar e diversificar o desenvolvimento económico de Macau, a edição de 2007 instituirá, pela primeira vez, um "Pavilhão para organismos de promoção do comércio e do investimento internacional e um "Pavilhão para convenções e exposições internacional".
Temos que estreitar as relações comerciais entre Macau e os organismos internacionais vocacionados para a promoção do comércio e do investimento e, ao mesmo tempo, dar a conhecer aos grupos empresariais ligados ao sector de convenções e feiras as vantagens que Macau pode oferecer como destino ideal para esses eventos, de modo a que possam ser estabelecidas mais oportunidades para cooperação.
Além disso, será instalado um "Pavilhão Internacional", onde ficarão concentrados todos os expositores do exterior, havendo também no recinto três sub-zonas temáticas: "Zona de exposição para serviços e produtos de turismo e lazer", "Zona de exposição para artigos e equipamentos de entidades expositoras" e "Zona de exposição dos produtos gerais".
No recinto da feira será instalado um "Pavilhão de Pequenas e Médias Empresas", com mais de 100 stands.

- A MIF terá também uma forte componente institucional...

Gostaria de salientar a realização do "Fórum para a Cooperação entre as Empresas Privadas da China e dos Países Africanos (Macau)". Por outro lado, durante a feira, vai ser criado o "Conselho de Negócios China-África de Macau".
Durante o evento serão realizadas várias conferências e sessões de promoção, das quais se destaca a "*International Chinese Entrepreneurs Convention - 2007*".
Com vista a desenvolver o sector de convenções e feiras vão decorrer dois fóruns, um sobre o desenvolvimento do sector, o outro de cooperação na área de convenções e fóruns entre Cantão, Hong Kong e Macau.
Serão realizadas várias sessões de esclarecimento sobre o ambiente de investimento, promovidas por vários

países e diversas províncias da China, com vista a proporcionar aos visitantes uma apresentação profissional sobre o ambiente de investimento e desenvolvimento da economia.

Melhorar o *business matching*

- A edição 2007 tem outras novidades?

- Vamos aumentar a dimensão e melhorar o conteúdo de *business matching*. Dado que os visitantes das edições anteriores manifestaram interesse em projectos de investimento, a organização oferece uma nova modalidade de serviços ("*matching* de projectos"). Os participantes são solicitados a proporcionar projectos de investimento, com vista a aumentar a qualidade e quantidade dos mesmos. É também oferecido o serviço de "*matching* das delegações comerciais, mediante registo prévio", em que os participantes poderão, dentro do horário estabelecido, realizar bolsas de contactos com os membros das delegações comerciais.

Vai ser criada uma comissão de consultores internacionais na área de exposições, que vai integrar individualidades de grande prestígio, oriundas dos Estados Unidos, Alemanha, Portugal, Hong Kong, Taiwan e Singapura. Com o objectivo de recolher opiniões e partilhar experiências na organização de grandes eventos.

- Como classifica as relações comerciais com os países de língua portuguesa?

- Neste momento, as relações comerciais e diplomáticas entre a China-Macau e os países de língua portuguesa são as melhores da história contemporânea. O papel de Macau neste contexto é muito elevado e notável.

Ao nível dos contactos institucionais e entre governos a situação está mais avançada do que em termos comerciais. É preciso reforçar o relacionamento empresarial.

É compreensível que assim seja, dada a estrutura da economia de Macau e a capacidade de intervenção dos seus agentes económicos. Os empresários de Macau precisam de compreender melhor





“Os empresários de Macau precisam de compreender melhor a estratégia delineada pelos Governos de Macau e de Pequim. Têm que planear melhor a sua actividade e alinhar com os colegas do Continente e dos países de língua portuguesa.”

a estratégia delineada pelos Governos de Macau e de Pequim. Têm de planear melhor a sua actividade e alinhar com os colegas do Continente e dos países de língua portuguesa.
Apesar destas dificuldades, o volume de transacções comerciais e o investimento tem aumentado.

Macau tem de mudar

- Como é que os empresários de Macau têm respondido aos novos desafios, tendo em conta a forte concorrência mundial e a necessidade de diversificar o tecido económico...
- Macau está a mudar e tem de mudar, já que a globalização obriga as empresas locais a reagir e a encontrar soluções para a forte concorrência que enfrentam. Hoje vivemos numa aldeia global e as empresas tradicionais estão a sentir as alterações.
Começa a existir uma nova geração de empresários, que aposta em outras formas de trabalho.
A indústria de mão-de-obra intensiva tem-se deslocado para os locais, onde a mão-de-obra é mais barata. É um processo irreversível, que ninguém pode vencer.
Hoje o conceito empresarial é totalmente diferente. Uma empresa pode ter escritórios em Macau, o escritório de compras no Vietname e a unidade de produção na China. É a chamada globalização, a que os empresários de Macau também têm que se adaptar.
- E isso está a suceder...
- Não tão rapidamente como todos desejamos, mas há sinais evidentes de que algo está a mudar. O número de empresas nas acções de promoção no exterior está a aumentar. A sua participação é mais activa, o que revela que os empresários locais estão interessados em aproveitar as oportunidades que vão surgindo.
- O CEPA tem sido bem aproveitado?
- Em número absoluto não há muitos casos, mas algumas empresas têm tirado partido das vantagens que o acordo oferece. As exportações de mercadorias e serviços para o Continente têm aumentado. O mais importante, é que foi criado um enquadramento de cooperação económica com o Continente ...
Há ainda muito a fazer, já que muitos empresários continuam a olhar para os mercados tradicionais (Estados Unidos e Europa) e outros optaram pelos países asiáticos.
- Está satisfeito com o desenvolvimento do parque industrial transfronteiriço?
- Os resultados são muito satisfatórios, pois o parque está já lotado, uma parte das unidades fabris já se encontra a laborar.
A torrefação de café de Vasco Pereira Coutinho, o maior investimento português em Macau nos últimos anos, tem o início de actividade previsto para o próximo ano.

Diversificação é um desafio

- A captação de investimento está quase toda ligada ao sector do jogo...
- Os números das outras áreas, embora reduzidos, vêm crescendo gradualmente e muitos investidores do exterior continuam a criar empresas em Macau noutros sectores, como *trading*, convenções e feiras, transporte aéreo, serviços e media.
- O sector das convenções e feiras pode sobreviver sem o jogo...
- A curto e médio prazo, não, e não faz sentido desligá-lo totalmente do jogo.
Macau deve, de resto, aproveitar as vantagens que o jogo lhe proporciona para atrair exposições e congressos. A longo prazo, o sector pode gradualmente começar a ter autonomia de sobrevivência.
A economia de Macau não pode depender de um único sector. A diversificação é uma tarefa, um desafio para Macau.
- Há meios humanos para desenvolver a área das convenções?
- O Governo e os privados têm feito grandes esforços na área da formação, mas é evidente que há falta de recursos humanos, em qualidade e quantidade.
Tenho que reconhecer que o desenvolvimento deste sector e da economia em geral tem sido muito acelerado. A pressão sobre os agentes económicos é elevada. O ritmo de

50 empresas portuguesas na MIF



Com o apoio da Agência para o Investimento e Comércio Externo de Portugal (AICEP-Portugal Global) e das principais associações comerciais de Portugal, a MIF tem atraído, todos os anos, empresários lusos para exporem os seus produtos e a tecnologia de Portugal, além de bolsas de contactos. Em Fevereiro deste ano, o IPIM, a Associação de Convenções e Exposições de Macau, a Associação de Comércio e Exposições de Macau e a Associação das Companhias e Serviços de Publicidade de Macau, o ICEP Portugal - actualmente AICEP Portugal Global, a Associação Industrial Portuguesa – Confederação Empresarial (AIP-CE), a Associação Empresarial de Portugal (AEP), subscreveram um acordo de intenções relativo à cooperação no sector de convenções e feiras. Em 2007, a dimensão do "Pavilhão de Portugal" será significativamente ampliada, de forma a constituir uma das principais atracções do evento. Mais de 50 empresas lusas vão marcar presença no certame.

crescimento que Macau está a atravessar excede o quadro legal, o ambiente de negócios e os hábitos.

No entanto, estou confiante que os operadores vão rapidamente adquirir conhecimentos, desenvolver experiências e colocá-las em prática, elevando assim a sua competitividade.

- O IPIM tem pessoal suficiente para desenvolver as funções que lhe estão atribuídas?

- Quando assumi a presidência do IPIM, em 1999, o número de funcionários ultrapassava ligeiramente a meia centena.

Gradualmente o mesmo foi aumentando, atingindo mais de uma centena. O número de funcionários vai aumentar nos próximos tempos, mas não será um crescimento significativo.

Vamos, entre outras tarefas, reforçar o serviço de apoio às pequenas e médias empresas. O IPIM não existe para promover relações diplomáticas, já que há outras entidades que têm essas responsabilidades. O IPIM tem que servir os empresários e as empresas de Macau e auxiliar os empresários e as empresas do exterior a apostar na RAEM.

- A fixação de residência continua a ser uma "dor de cabeça" para o IPIM? Quantos processos aguardam aprovação?

- No último ano, o IPIM recebeu um total de 3096 novos pedidos de fixação de residência, mais 221 casos do que no ano anterior. Os pedidos com fundamento na aquisição de imóveis foram 2337, menos 127 pedidos do que no ano anterior.

O Governo suspendeu em Abril a fixação de residência por investimento na compra de imóveis. No IPIM há, no entanto, mais de 3000 pedidos em lista de espera. Temos marcações até Novembro do próximo ano.

José Carlos Matias



Crédito à cooperação

O Fórum para a Cooperação Económica e Comercial entre a China e os Países de Língua Portuguesa foi lançado há quatro anos. Das ideias passou-se aos factos e o sector financeiro disponibiliza-se para viabilizar intenções e projectos

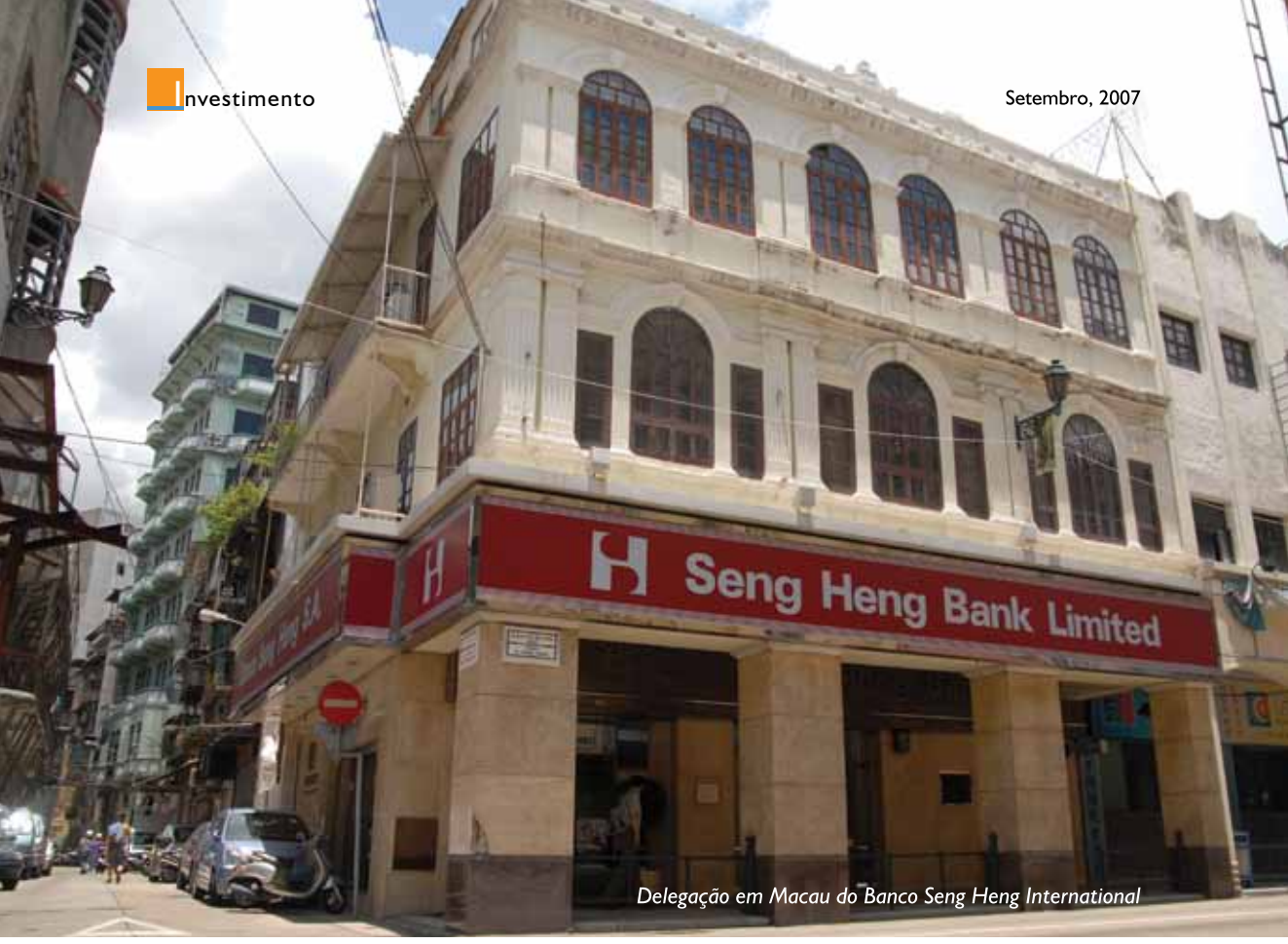
Além da vertente comercial, a relação entre a China e os Países de Língua Portuguesa tem sido também desenvolvida através dos investimentos e acordos feitos por intermédio do sector financeiro. O Banco Seng Heng, a Geocapital e o *Eximbank*, além do Banco da China, são os actores principais nesta dinâmica.

A principal função do sector financeiro é colocar os capitais onde não existem mediante uma necessidade do mercado. É isso que tem estado a acontecer no relacionamento sino-lusófono, especialmente desde 2003, ano em que foi criado o Fórum para a Cooperação Económica e Comercial entre a China e os Países de Língua Portuguesa (FCECCPLP).

Em muitos casos, a expansão dos laços comerciais e de investimento - as duas faces visíveis das relações económicas – só é possível através do impulso dado pelo sector financeiro. Para o economista Albano Martins, há mais de duas décadas a trabalhar em Macau, "o sistema financeiro funciona como um intermediário, ou seja, canaliza os capitais para locais onde não existem verbas para financiar o comércio ou o investimento. E isso acontece sobretudo através de linhas de crédito".

O exemplo do *Eximbank*

Um exemplo desta dinâmica é a linha de crédito no valor de dois mil milhões de dólares norte-americanos que, em Março de 2004, o Banco de Exportação e Importação da China (*Eximbank*) disponibilizou para os investimentos de empresas estatais chinesas em Angola. O empréstimo destina-se a financiar companhias da China continental que invistam em Angola em projectos de construção e recuperação de infra-estruturas, como estradas, pontes, caminhos-de-ferro. Faz também parte do caderno de encargos das empresas chinesas a construção de escolas e hospitais, entre outros empreendimentos, no âmbito do Programa de Investimentos Públicos. Em contrapartida, Angola salda a dívida através do envio de barris de petróleo à China, país que tem vindo a aumentar a necessidade de recorrer a fontes energéticas externas. Em Junho de 2006, aquando da visita do primeiro-ministro Wen Jiabao a Angola, o Governo de Luanda e o *Eximbank* assinaram um Memorando de Entendimento para a concessão de um crédito adicional num valor provavelmente superior à linha de crédito anteriormente concedida. Este novo crédito visa o desenvolvimento de infra-estruturas de grande dimensão como a construção do novo Aeroporto Internacional de Luanda e a reabilitação dos caminhos-de-ferro de Luanda, Benguela e Namibe e das principais estradas de Angola.



Delegação em Macau do Banco Seng Heng International

As ambições da Geocapital

Além do impulso dado pelo *Eximbank*, um banco estatal da China continental, algumas entidades financeiras de Macau também estão atentas às oportunidades de negócio com os países lusófonos. É o caso da Geocapital, consórcio formado em 2005, que nasceu da parceria entre os empresários de Macau Stanley Ho e o português Jorge Ferro Ribeiro. Poucos meses depois do seu nascimento, a Geocapital anunciou o seu primeiro grande investimento. Em Dezembro de 2005, a Geocapital assinou, em Macau, um acordo com duas empresas moçambicanas, a Sogir – Sociedade de Gestão Integrada de Recursos – e a *Mozzacapital*. As três entidades firmaram um entendimento com vista à criação da *Zambcorp*, uma companhia destinada a explorar as potencialidades de desenvolvimento do Vale do Rio Zambeze, uma zona com recursos minerais abundantes.

O entendimento indica uma acção "concertada no aproveitamento económico de recursos naturais, nos domínios da energia hidroeléctrica e térmica, do carvão, gás, da agro-indústria, do transporte ferroviário, portos, minerais ferrosos e não ferrosos, imobiliário e turismo".

Estando encontrada a necessidade do mercado e identificadas algumas das potencialidades, a Geocapital está a preparar a criação de um banco de investimento, juntamente com um parceiro local, com o objectivo de financiar os projectos de exploração dos recursos naturais. Mas as actividades da Geocapital não se cingem a Moçambique. Em Angola está a ser estudada uma parceria com uma entidade local também para lançar um novo banco. Na Guiné-Bissau, além de ter adquirido a posição do Montepio Geral e da Caixa Geral de Depósitos no Banco Africano Ocidental, a Geocapital está a efectuar estudos de prospecção com vista à exploração de biocombustíveis. No Brasil, a Geocapital,



Foto: Fernando Madeira

associada à Tap - Air Portugal, comprou a VEM, a empresa de engenharia e manutenção da companhia aérea brasileira.

A aposta do Banco Seng Seng

Neste processo, o Banco Seng Heng é a instituição bancária de Macau que tem acompanhado mais de perto e que tem investido mais no fortalecimento das relações entre a China e os Países Lusófonos. O Banco Seng Heng, que pertence ao grupo de Stanley Ho, pretende diversificar as suas actividades através de uma aposta nos negócios com as nações lusófonas. Em declarações à revista MACAU, Patrick Huen, director executivo do Banco Seng Heng, refere que "à medida que a China procura no exterior, incluindo em países de língua portuguesa, mais recursos naturais e energéticos, existe um grande potencial para o sector financeiro canalizar fundos para empreendimentos relacionados com a exploração de recursos e a construção de infra-estruturas".

No futuro próximo, o Banco Seng Heng está apostado em estabelecer em Macau um *FIT Center*, ou seja um centro de serviços financeiros e de tecnologias da informação. "O nosso objectivo é criar uma plataforma em que os empresários de Macau e da China, particularmente do Delta do Rio das Pérolas, possam ter acesso a informação e contactos com agentes económicos dos países de língua portuguesa", explica Patrick Huen.

Um outro passo foi dado em 2005 através de um acordo com o banco português Caixa Geral de Depósitos. Com o objectivo de exploração conjunta das oportunidades de negócio na China Patrick Huen salienta que "ao combinar a escala internacional da CGD com as ligações locais do Seng Heng, a parceria visa explorar o sector da banca de investimento direccionada para o mercado chinês". Simultaneamente, o Banco Seng Heng abriu um escritório em Lisboa, com o objectivo de abrir as portas do primeiro banco chinês em Portugal.



Foto: António Falcão

Albano Martins, economista

A ligação Banco da China – BFA – BPI

Um outro acordo que liga Macau, Portugal e Angola foi assinado em Setembro de 2006. O Banco da China – sucursal de Macau, o Banco de Fomento de Angola (BFA) e o Banco Português de Investimento (BPI) firmaram um protocolo de cooperação para abertura de uma linha de crédito no valor de 100 milhões de dólares norte-americanos para apoiar as exportações da China para Angola. Na mesma ocasião, o BFA e o Banco da China (Macau) assinaram um outro acordo que facilita as transferências de verbas dos imigrantes chineses que estão a trabalhar em Angola.

Quatro anos depois da criação do Fórum para a Cooperação Económica e Comercial entre a China e os Países de Língua Portuguesa, o sector financeiro de Macau olha com cada vez mais interesse para esta dinâmica económica. No entendimento de Albano Martins, as oportunidades estão subaproveitadas. "Seria interessante se em Macau houvesse uma linha de crédito destinada não só à exportação de mercadorias, mas também de serviços de empresas da RAEM para os países de língua portuguesa", considera o economista.

Grandes avanços desde 2003



Foto: Fernando Madeira

Eduardo Ambrósio, Presidente da Associação Comercial Internacional para os Mercados Lusófonos

A Associação Comercial Internacional para os Mercados Lusófonos (ACIML), fundada em 2003, em Macau, tem vindo a colher os frutos do ambiente criado desde a constituição do fórum. O presidente da associação, Eduardo Ambrósio, revela que os negócios intermediados pela ACIML, associação que sucedeu à Associação Comercial Internacional dos Empresários Lusófonos (ACIEL), criada em 2001, duplicaram nos últimos quatro anos. "O Fórum é essencialmente um local de cooperação intergovernamental, ou seja, cria o ambiente propício para que os privados possam beneficiar", diz.

Na abordagem à dinâmica comercial sino-lusófona, Eduardo Ambrósio distingue os negócios que são feitos directamente a partir da China, que envolvem na maioria grandes empresas estatais ligadas à exploração de recursos energéticos e à construção de infra-estruturas, das operações de pequenas e médias empresas de importação e exportação de bens. É nesse campo que actua a ACIML, disponibilizando informação sobre o mercado chinês e dos países de língua portuguesa e ajudando a encontrar o parceiro ideal.

"Desde 2003 tem havido grandes avanços quer nas trocas comerciais quer no interesse de empresários de Macau e da China pelo mercado lusófono", garante.

Nos últimos dois anos, os agentes económicos ligados à ACIML têm vindo a prestar ainda mais atenção aos países africanos de língua portuguesa. A venda de medicamentos da China para Angola Cabo Verde, e Moçambique tem aumentado. Para o mercado angolano, tem sido cada vez mais significativa a exportação de vestuário, calçado e, mais recentemente, motorizadas. No caso de Moçambique, o presidente da ACIML destaca a importação de madeira, algodão e caju. No caso da Guiné-Bissau, "há interesse em aumentar a importação de caju, mas os custos com o transporte são mais elevados".

De Timor-Leste algumas companhias de Macau têm importado café, que passa pelo processo de torrefacção e embalagem na RAEM, de forma a beneficiar da isenção de imposto no âmbito do CEPA – Acordo de Estreitamento das Relações Económicas e Comerciais entre o Continente Chinês e Macau.

Com Portugal têm aumentado a importação de azeite, vinho e medicamentos, mas "a subida do valor do euro face à pataca nos últimos três anos tem criado dificuldades. De qualquer modo, apesar desse factor, a compra de vinho a Portugal tem crescido". Ao nível da exportação para o mercado português, tem aumentado a venda de motorizadas e aparelhos de ar condicionado fabricados na província de Guangdong.



macauhub • NOTÍCIAS • NEWS 新闻

www.macauhub.com.mo

O Macauhub é um serviço gratuito de informação sedeado em Macau, que distribui informação e análises economico-financeiras sobre a região do Grande Delta do Rio das Pérolas (PPRD), no Sul da República Popular da China, e os países de língua portuguesa de modo a apoiar governos, instituições e empresários na compreensão das potencialidades existentes para negócios e investimentos.

O Macauhub integra uma equipa de profissionais espalhados pela Ásia, América do Sul, Europa e África que produz informação em chinês simplificado, português e inglês sobre a região chinesa que integra as províncias de Fujian, Jiangxi, Hunan, Guangdong, Hainão, Sichuan, Guizhou e Yunnan, a região autónoma de Guangxi Zhuangzu e as regiões administrativas especiais de Macau e Hong Kong, e, por outro lado, sobre os países de língua oficial portuguesa, abrangendo Angola, Brasil, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, Portugal, São Tomé e Príncipe e Timor-Leste.

O Macauhub, criado na esfera do Gabinete de Comunicação Social (GCS) do Governo da Região Administrativa Especial de Macau (RAEM), é mais uma das ferramentas de que o Governo da RAEM dispõe para concretizar o seu papel de ligação e de potenciador de negócios entre a República Popular da China e os países de língua oficial portuguesa.

O Macauhub distribui ainda informação geral das zonas e países onde actua, nomeadamente estatísticas, dados, publicações, eventos e elementos sobre Quem é Quem.

O Macauhub tem por objectivo final ser um "website" de referência nas relações económico-financeiras entre o Grande Delta do rio das Pérolas, conhecido em inglês como "Pan Pearl River Delta (9 + 2 = oito províncias e uma região autónoma do interior da China e as duas regiões administrativas especiais da China) " e os países de língua portuguesa.

O Macauhub vai lançar em breve uma página sobre a China dedicada aos seus leitores do Brasil.

Avenida do Infante D.Henrique, Nº43-53A, The Macau Square, 13º N, Macau
Tel. (853) 2835 5315/6 Fax (853) 2835 5466 macauhub@macauhub.com.mo

José Carlos Matias

Macau "é uma montra"

Seis anos depois de ter assumido a liderança em Macau do ICEP Portugal – Instituto para as Empresas para os Mercados Externos - Manuel Geraldes faz um balanço claramente positivo das relações económicas e comerciais entre Portugal, Macau e a China

Desde 2003, altura em que foi criado o Fórum para Cooperação Económica e Comercial entre a China e os Países de Língua Portuguesa, que os laços foram reforçados. Tudo se deve, afirma Manuel Geraldes, a uma conjugação de esforços e interesses dos governos e dos agentes privados da China Continental, da Região Administrativa Especial de Macau e de Portugal.

Na hora da despedida como delegado do ICEP, entidade que entretanto deu lugar à Agência para o Investimento, Comércio e Exportações de Portugal (AICEP), Manuel Geraldes começa por garantir que "a presença portuguesa atravessa uma fase de grande crescimento nesta zona do mundo". Não só o comércio entre Portugal e China quase duplicou nos últimos três anos, como o número de delegações empresariais que visitam Macau e a China tem vindo a aumentar. Prova disso é o facto de estarem previstas 50 empresas lusas na edição deste ano da Feira Internacional de Macau (MIF).

A importância do Fórum

Reconhecendo que ainda há muito por fazer, Manuel Geraldes realça que a mentalidade de vários agentes económicos portugueses face à China e a Macau está a mudar. "Hoje em dia as empresas começam a perceber que o mercado chinês não é apenas produtor de bens, mas cada vez mais também consumidor". O envolvimento crescente da China na globalização económica faz com que as exigências de consumo dos cidadãos chineses aumentem, o que cria "vários nichos de mercado que podem ser aproveitados". Além dos aspectos da conjuntura económica internacional, existe um outro factor que é considerado como essencial: o Fórum para a Cooperação Económica e Comercial entre a China e os Países de Língua Portuguesa. O Fórum criou uma agenda e um ambiente propício para multiplicar as oportunidades de negócio, "especialmente para as pequenas e médias empresas", assinala. Do ponto de vista português, sendo o Fórum uma iniciativa do Governo Central, "Portugal tem todas as vantagens em ter uma papel muito activo neste processo". Além de ter uma presença histórica em Macau, Portugal "tem ligações económicas privilegiadas com os países africanos de língua portuguesa, que podem ser úteis para o estabelecimento de parcerias com empresas chinesas".

Nesta dinâmica,"é fundamental assegurar uma forte presença institucional e empresarial de Portugal na RAEM". É em Macau que existe um maior conhecimento e sensibilidade para os produtos portugueses. Além de ser uma porta de entrada para o continente chinês, a RAEM é sobretudo "uma montra". Manuel Geraldes explica que é na região administrativa especial que podem ser colocadas as mercadorias portuguesas, fruto do fluxo elevado de turistas oriundos da China continental. Para o ex-delegado do ICEP, é importante perceber o papel não só de Macau, mas de toda a região



Foto: António Falcão

do Delta do Rio das Pérolas, uma vez que 65 por cento das exportações de Portugal para o mercado chinês entram através do Sul da China. O sector agro-alimentar é uma das bandeiras de Portugal na exportação de bens para a China. "Temos vinho e azeite com qualidade ao nível dos melhores do mundo", salienta. E qualidade é cada vez mais uma palavra de ordem na estratégia de exportação para o mercado chinês, dado que "o mercado de consumo da China está cada vez mais exigente". Outros produtos como o calçado, maquinaria ou os têxteis-lar encontram boa receptividade na China, onde "existe cada vez mais conhecimento das empresas e produtos portugueses". Mas, independentemente disso, "o que os compradores procuram é a melhor equação entre a qualidade e o preço".

No que diz respeito ao investimento, ainda há muito caminho a percorrer. As vias estão abertas sobretudo às Pequenas e Médias Empresas (PME), que desempenham "um papel cada vez mais importante na globalização, especialmente no processo iniciado pelo Fórum". Nos últimos anos têm vindo a implantar-se na China e, em Macau, PME portuguesas ligadas às novas tecnologias, fogo-de-artifício, de materiais de decoração, consultoria ou na torrefacção de café.

Grande optimismo para o futuro

Questionado sobre o que está na origem deste reforço das relações económicas e comerciais, Manuel Geraldes destaca o grande apoio prestado pelo Instituto de Promoção do Comércio e Investimento de Macau (IPIM), pelo Gabinete de Apoio ao Secretariado Permanente do Fórum e o papel desempenhado por Stanley Ho e Ambrose So, empresários que têm estado muito activos nos negócios entre a China, Macau e os países lusófonos.

Residente em Macau desde 1988, Manuel Geraldes, que antes de ter chefiado o ICEP na RAEM desempenhou cargos de responsabilidade na área da segurança na fase final da administração portuguesa de Macau, olha para o futuro com muito optimismo. "Portugal olha para esta zona do mundo como uma prioridade e isso tem sido posto em prática. Prova disso foi a recente abertura de uma delegação da AICEP em Xangai", sublinha. O comércio, prevê, "tenderá a crescer substancialmente, especialmente depois da criação do Centro de Distribuição de Produtos Portugueses na China", uma entidade criada através da parceria entre o ICEP, a Associação Industrial de Portugal, a Escom (Grupo Espírito Santo e o Banco Efisa) juntamente com a Nam Kwong, empresa estatal chinesa que será a responsável pela gestão do centro.

José Carlos Matias

Repórteres do jornal de Hong Kong *Ta Kung Pao* viajaram durante mais de um mês por quatro países de língua portuguesa e concluíram que as relações entre as nações lusófonas e a China seguem de vento em popa. O papel de Macau é referido como essencial e insubstituível

Visita à lusofonia



Foto: CHEUNG Lui

Ao longo de 33 dias, dois jornalistas do jornal *Ta Kung Pao* visitaram Angola, Moçambique, Brasil e Portugal, numa missão que tinha como objectivo avaliar o impacto da dinâmica gerada pelo Fórum para a Cooperação Económica e Comercial entre a China e os Países de Língua Portuguesa (FCECCPLP). Depois de encontros e entrevistas com 50 representantes de 38 organizações, os jornalistas Chang Sui Wai e Sum Kong Kun vislumbraram "as grandes potencialidades para o incremento substancial das relações comerciais".

A visita foi organizada pelo Gabinete de Comunicação Social do Governo de Macau, com o apoio de outras entidades.

Além de destacarem a oportunidade de conhecer paisagens naturais únicas, os repórteres mostraram-se bem



impressionados com a forma como os responsáveis políticos e agentes empresariais estão interessados no processo de desenvolvimento da China nos últimos 20 anos e com a vontade de aprofundamento das relações com Pequim e Macau.

Os agentes económicos contactados pelos jornalistas do *Ta Kung Pao* salientaram a forma como Macau serve de plataforma para os contactos com a China e Hong Kong. "Para quem tem relações económicas e comerciais com a China a posição de Macau é insubstituível", anotam. Por exemplo, no Brasil, onde vivem e trabalham centenas de milhar de chineses, desde logo, o facto de na RAEM o português também ser língua oficial foi referido como um forte factor de proximidade por um responsável

do Ministério do Comércio Externo. Quando representantes de empresas ou de departamentos do comércio brasileiros viajam para a China, Macau é visto como uma paragem muito importante.

O caso de sucesso de Martin no Brasil

As relações entre a China e o Brasil vivem momentos de grande fulgor, num momento em que os dois países emergem na economia internacional. Em grande medida o reforço das relações comerciais deve-se à combinação das necessidades do mercado chinês com os abundantes recursos naturais e a riqueza do Brasil em termos de matérias-primas. Em São Paulo, os repórteres encontraram Fernandric Martin, um macaense que emigrou para o Brasil há vários anos, onde gere uma companhia de exportação de carne de vaca e galinha para Hong Kong. O facto de ser fluente em cantonês e em português traz-lhe vantagens naturais que passam também pelo domínio da cultura empresarial do Brasil e de Macau e Hong Kong. O caso de Martins é referido como ilustrativo sobre a forma como Macau pode tirar proveito do seu papel de intermediário. "Estamos perante uma oportunidade de ouro para Macau", escrevem os jornalistas.

Ivo Ramalho, vice-director do Departamento de Comércio e Indústria do Brasil, concorda com a visão de Macau como plataforma de comunicação entre o Brasil e a China. Com o aumento das relações sino-brasileiras, o papel da RAEM também é reforçado.

Acesso à África Austral

Em Moçambique, país com vastos recursos naturais por explorar, o ambiente é cada vez mais propício para o investimento de empresas chinesas. O Ministro moçambicano do Comércio, António Fernando, salienta as vantagens que o país tem para atrair agentes económicos externos: por um lado o país está localizado numa zona de entrada para os mercados da África Austral, por outro o governo de Maputo está a desenvolver políticas de formação dos recursos humanos com vista à preparação de Moçambique para responder aos investimentos que estão projectos para o país. António Fernando também sublinha que Macau tem um





Angola vive, há cinco anos, dias de paz e reconstrução e Moçambique está numa zona de entrada para os mercados da África Austral



Portugal deseja tirar proveito da dinâmica gerada pelo Fórum de Cooperação

papel essencial a desempenhar uma vez que funciona como uma plataforma de serviços que serve de interligação com a China continental e com outros países da Ásia Oriental.

Em Angola, as portas também estão abertas e o tapete está estendido aos investidores chineses. Joaquim Augusto de Lemos, Chefe do Departamento para a Ásia do Ministério dos Negócios Estrangeiros de Angola, afirma que o país precisa da experiência que a China tem em várias áreas, nomeadamente no sector da construção e das infra-estruturas, numa altura em que, depois de quatro décadas de guerra, Angola vive, há cinco anos, dias de paz e reconstrução. "Precisamos de apoio e de ajuda dos nossos camaradas chineses neste período", afirma.

Irene Neto, vice-ministra das Relações Exteriores de Angola, refere que Angola está a aprender com a China em todas as frentes. Angola espera poder beneficiar com os investimentos chineses em vários aspectos, especialmente ao nível da aprendizagem de tecnologias que possam elevar os níveis de qualidade das indústrias locais.

Porta para a Europa

Cada um dos países lusófonos apresenta factores atractivos para o investimento chinês. "Portugal é uma porta de entrada para os restantes países da União Europeia", defende Basílio Horta, chefe da Agência para o Investimento, Comércio e Exportações de Portugal (AICEP). Tendo em conta os laços seculares de Portugal com a China, as autoridades portuguesas desejam tirar proveito da dinâmica gerada pelo FCECCPLP. Basílio Horta pretende atrair investimentos chineses em várias áreas. A equipa de jornalistas do *Ta Kung Pao* refere também que os países lusófonos com relações com a China que não teve a oportunidade de visitar – Cabo Verde, Guiné-Bissau e Timor-Leste – também têm grandes mais-valias, quer do ponto de vista estratégico, quer em termos de matérias-primas e recursos naturais. Em conclusão, os jornalistas argumentam que "se Macau souber aproveitar as vantagens que tem sobretudo em aspectos como a língua e a qualidade dos serviços, no curto prazo, o seu papel como plataforma com os países lusófonos será cada vez mais óbvio".

*Rui Boavida**



“Voando” para África

A *Flying Pigeon* (ou *Fei Ge*) é a marca mais conhecida e mais emblemática de bicicletas na China. Os tempos mudam e o “Pombo Voador” prepara-se para novos voos, nomeadamente em direcção aos países africanos de língua portuguesa. O fabricante dos populares veículos procura agora parceiros já implantados nesses mercados

A China e as bicicletas vivem uma verdadeira relação sentimental, ainda que não necessariamente uma história de amor. Mais como um casamento. A bicicleta começou por ser um sonho. Depois foi a companhia com quem se fez tudo, que se levou para todo o lado. Com o passar do tempo chegam os barulhos, as frustrações, as falhas, as avarias e os problemas. A solução, para cada vez mais chineses, é abandonar a relação.

A mais popular é a *Flying Pigeon*, a bicicleta do povo, o sonho de anos para milhões e milhões de chineses, que é agora cada vez mais o parente pobre que a família chinesa tenta esconder e esquecer.

Os netos dos que sonhavam com a *Flying Pigeon* querem agora Audis e Mercedes, mas é a velhinha bicicleta do pombo que carrega ainda as memórias da China. Se a *Flying Pigeon* ("Pombo Voador") fosse alemã, seria um Volkswagen. Carocha. Pesada, mas sólida, robusta e fiável.. Sendo chinesa, é a "bicicleta do povo", a lembrança da era maoísta a enfrentar o mundo e o futuro, um dos símbolos mais famosos da República Popular da China, o império da bicicleta.

Nas cidades, a bicicleta perde terreno para os carros e para os autocarros. Passou a ser o veículo dos pobres. Xangai proibiu bicicletas no centro da cidade, para evitar os engarrafamentos. Em Pequim, onde quatro milhões de bicicletas competem por espaço com mais de dois milhões de carros, pedalar é quase uma missão suicida. Para o governo, a produção e a compra de carros são um pilar do desenvolvimento, mas a *Fei Ge* não perde a esperança e tenta desenhar um futuro nas novas tendências na China.

O modelo tradicional, o favorito nos campos devido à robustez, assegura 20 por cento das vendas. No entanto, aparecem outros modelos, entre 200 e 300 renminbis, o mais barato, e dois mil renminbis, o mais caro. A *Fei Ge* produz agora 300 modelos diferentes, de várias cores, que deixaram de se vender exclusivamente em lojas do estado e vendem-se mesmo nos supermercados, os altares do capitalismo.

A conexão portuguesa

Se, por um lado, parece querer dar uma segunda oportunidade à relação com a China, por outro, a *Fei Ge* não se importa também de olhar para outros parceiros, em especial para África, para onde a *Fei Ge*, tal como a própria China, quer aumentar as exportações.

"Já exportamos para África, para o sudeste asiático, para a Europa, apesar das tarifas proteccionistas da União Europeia", observa Wang Dajian, director do Departamento de Exportação da *Fei Ge*. "Desde há 15 anos que produzimos as bicicletas que a UNICEF envia para as zonas mais necessitadas, incluindo Angola".

"No mercado chinês, existe demasiada oferta e a procura já não é tão elevada quanto no passado. Isso torna a competição pouco saudável, e queremos por isso apostar na internacionalização", diz Wang, apresentando o plano da *Flying Pigeon* para entrar nos mercados africanos de língua portuguesa.

A empresa, segundo o responsável, quer apostar também na criação de uma rede de revendedores nos mercados dos países de língua portuguesa, e não põe de parte parcerias com empresários portugueses.

"Os canais de venda podem ser empresas ou homens de negócios portugueses que já estejam implantados no terreno, o que nos permitiria também dividir os riscos de entrada", diz.

"Em Angola, já sabemos que os nossos produtos são populares, porque já produzimos as bicicletas que a UNICEF, a agência das Nações Unidas de protecção dos direitos das crianças, distribui no país. Por outro lado, Moçambique é um país grande, onde é preciso percorrer distâncias extensas e as pessoas não têm muito dinheiro para carros ou motas, por isso podem comprar as nossas bicicletas mais baratas", acrescenta.

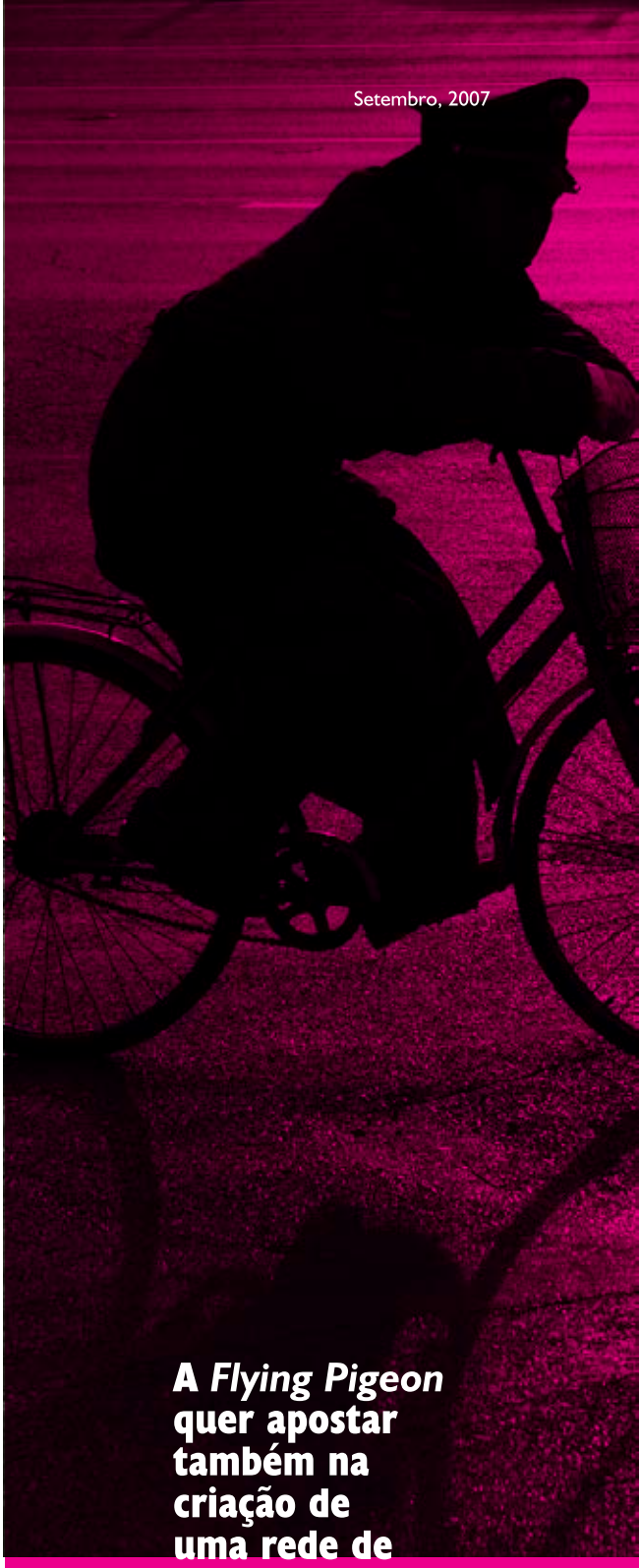
Um símbolo do passado

A *Flying Pigeon*, ou, em chinês, *Fei Ge*, é mais do que uma bicicleta ou uma simples marca. Já foi sonho para quem esperava mais de um ano para a ter, já foi o ganha-pão de muitas famílias. Hoje, em especial o modelo original, é vagamente nostálgica, a tentar ter mão no futuro, um pouco envergonhada do seu passado. Em cada *Fei Ge*, a China.

A *Flying Pigeon*, o símbolo do modelo económico maoísta, do emprego para a vida, dos preços controlados e das quotas de produção, tenta agora sobreviver face à concorrência feroz e à quebra das vendas de bicicletas.

Antes das reformas económicas do final dos anos 80, a *Fei Ge* era rainha no império das bicicletas, sobretudo no norte do país, partilhando o mercado com as outras duas marcas do estado, a *Phoenix* e a *Forever*, de Xangai. Na China colectivista era vendida, como dizia a anedota, na cor que o cliente quisesse desde que fosse preta. O veículo de 20 quilos e mudança única, com uma barra no quadro onde se carregavam os porcos, quando os havia, era dos quatro produtos com que sonhava cada habitante chinês.

O sonho de cada jovem casal que começava uma vida era ter "uma voz e três rodas". Uma rádio (a voz), um relógio, uma máquina de costura e uma *Fei Ge*, lembra Wang Dajian. "Para os chineses, hoje, a bicicleta é um bem comum. Há 30 anos, ter uma bicicleta era vital. Cada família tinha de ter uma bicicleta, era o único meio de transporte. Agora é comum cada família ter um carro, mas há 30 ou 40 anos, se você tivesse uma bicicleta o seu vizinho ia admirá-lo e tinha inveja", recorda Wang Dajian. Eram os tempos da economia planificada, tempos, diz o responsável, em que se levava um ano para comprar uma *Fei Ge*. "Depois de poupar um ano, não havia nada a fazer. Era preciso comprar senhas e depois esperar seis meses, um ano. Punha-se o nome numa lista de espera e era uma



A *Flying Pigeon* quer apostar também na criação de uma rede de revendedores nos mercados dos países de língua portuguesa



Foto: istockphoto

enorme alegria quando finalmente se podia comprar a bicicleta. Era preciso poupar 30 renminbis em talões, meio ano de ordenado".

Novos tempos

Falo com Wang Dajian numa sala que serve de montra à história recente da China. Nas paredes, fotografias de visitantes ilustres à antiga fábrica no centro de Tianjin, cidade portuária e industrial a cerca de 150 quilómetros a leste de Pequim. Uma fotografia destaca-se na parede, imortalizando a visita de Mao Zedong na década de 1950. As outras fotografias marcam o tempo histórico e a cada vez maior abertura económica da China, que levou ao divórcio entre os chineses e a bicicleta: Li Shaoqi, presidente entre 1959 e 1968, o ex-presidente chinês Jiang Zemin, o ex-presidente dos Estados Unidos George Bush, e Romano Prodi, ex-líder da Comissão Europeia e actual primeiro-ministro italiano.

O triunfo do capitalismo ultrapassou a *Fei Ge* a grande velocidade, com o nascimento de centenas de fábricas privadas de bicicletas, mais atentas ao mercado, mais preocupadas com a venda e com os custos.

A entrada de capitais privados na empresa em 1998 levou também a uma grande reestruturação. Dos 10 mil empregados que a *Fei Ge* tinha no final da década de 1980, sobram só 500, que recebem um ordenado de 1500 renminbis por mês.

"A maioria foi para a reforma. Alguns criaram novas fábricas de bicicletas e peças. Há mais de 300 fábricas do sector em Tianjin, a maioria pertencem a antigos funcionários. Estão todos ricos", diz Wang Dajian.

A *Fei Ge* mudou-se para os arredores de Tianjin, para poupar dinheiro e slogans como "vamos melhorar a qualidade e satisfazer cada cliente". Wang Dajian começou a trabalhar na *Fei Ge* há 40 anos, quando tinha 16 anos. A fábrica hoje não parece muito diferente desde essa era e deixaria Henry Ford orgulhoso. Jovens de toda a China, agarrados à máquina de soldar, os tornos e às fresas, a colocar peças no tapete de pintura. Um trabalho mecânico que pouco parece ter evoluído desde a revolução industrial.

Os empregados, jovens migrantes oriundos de um pouco por toda a China, trocaram também as roupas azuis e

os bonés maoístas por ténis, saltos altos, calcas de ganga, leitores de MP3. Quase nenhum tem bicicletas *Fei Ge*, quase todos têm bicicletas de corrida, de montanha ou eléctricas. O próprio Wang Danjian guia um carro japonês, mas jura que a família tem três *Fei Ge* em casa para distâncias mais curtas.

O filho tem 25 anos e é engenheiro, como o pai. "Mas não quero que ele trabalhe aqui. Trabalhar numa fábrica não é uma boa posição social. Quando comecei, não era fácil encontrar emprego numa fábrica, era a Revolução Cultural e as pessoas tinham orgulho em ser operários", argumenta. "Ser operário era glorioso", dizia na altura Mao Zedong.



Foto: istockphoto

Partilhando o mercado

Agora a música e os *slogans* são outros. Depois de Mao, como mostram as fotografias na sala de entrevistas das *Fei Ge*, veio Deng Xiaoping, e o lema era "enriquecer é glorioso." E as pessoa ricas não fazem, nem sequer andam, de bicicleta. No final da década de 1970, uma das campanhas da Deng Xiaoping ao chegar ao poder era mesmo "Uma *Fei Ge* em cada lar", o que seria um grande passo no desenvolvimento económico e fez a marca de Tianjin crescer mais do que o operário Huo Baoji, que criou a marca em 1950, alguma vez sonhou.

Wang Dajiang revela-se um aristocrata da produção industrial. O importante, parece dizer, não é acabar com a concorrência, é manter a posição num mercado com espaço para todos. "Devemos partilhar o mercado com os outros produtores, e nós não disputamos o mercado de alta qualidade".

"Em países como Angola e Moçambique, as pessoas precisam das nossas bicicletas mais baratas. São fortes e fáceis de reparar", afirma. Tal como a China, a bicicleta do povo está cada vez menos agarrada ao passado e aposta a sobrevivência nas novas tendências de uma sociedade que começa agora a lidar com as maleitas da abundância.

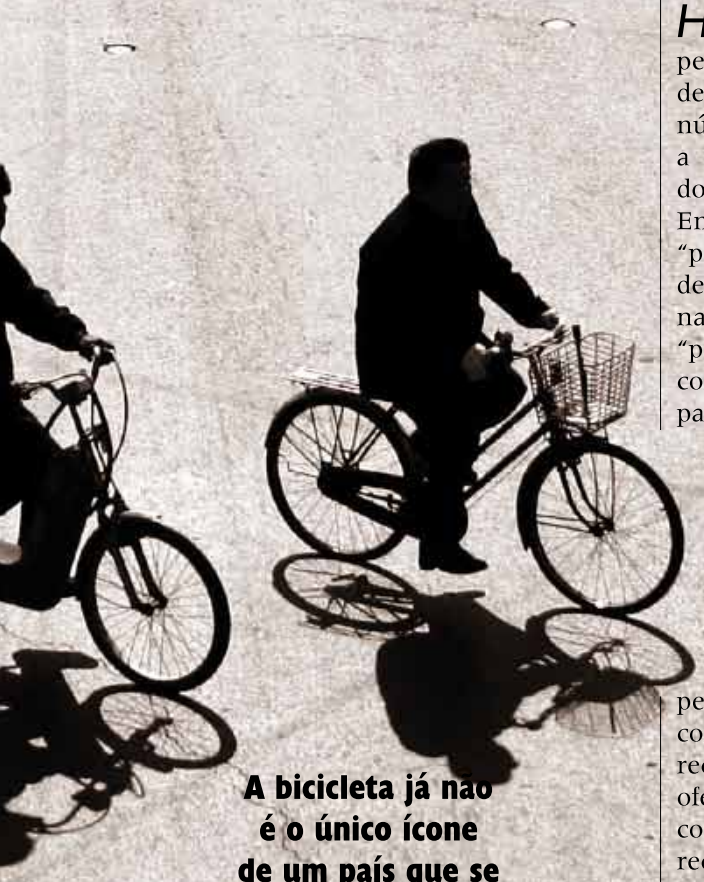
"Os consumidores vão sempre precisar de novas bicicletas, para substituir as antigas. Mesmo que tenham carros, vão querer bicicletas para distâncias mais curtas, para fazer exercício ou para poupar o meio ambiente", comenta, com confiança. O director de exportação aponta para uma nova palavra de ordem, num cartaz pendurado sobre a porta de saída da fábrica. "A competição não tem fim. Deixemos para trás o passado brilhante, encaremos a realidade presente. Vamos começar o trabalho a partir do presente para construir um novo dia".

"O director-geral é filósofo. Foi ele que escreveu", diz Wang Danjian. Nada mau, como lema da nova China. E da nova *Fei Ge*, a bicicleta do povo.

** Jornalista da Lusa, em Pequim*

*Maria João Belchior**

Um país a pedalar



A bicicleta já não é o único ícone de um país que se moderniza. Apesar da transformação, as duas rodas continuam a ser o transporte por excelência na República Popular da China e em circulação existem ainda cerca de 500 milhões de bicicletas

Há coisas que nunca se esquecem e pedalar uma bicicleta é uma delas. Com o desenvolvimento económico da China, o número de carros nas cidades tem vindo a aumentar, mas a bicicleta continua a dominar as avenidas e estradas da China. Em português chamavam-lhe "pasteleiras". Diz-se que o nome vinha de serem bicicletas lentas e pesadas. Mas, na China, a dificuldade de pedalar uma "pasteleira" era também a mestria de conduzir as duas rodas mais famosas do país – a *Flying Pigeon*. Originárias da cidade costeira de Tianjin, as primeiras datam do ano de 1950 e hoje só muito raramente se encontra um exemplar original.

"Já não temos para venda", diz o empregado numa loja de Pequim.

"Só os mais velhos é que ainda pedalam essas bicicletas antigas", continua o rapaz que vende os mais recentes modelos da marca *Giant*. Entre a oferta do que há na loja, destacam-se as cores vivas e alguns dos exemplares mais recentes de bicicletas com rodas mais pequenas. "O peso e o *design* tornaram-se condições essenciais na escolha", explica o vendedor.

O desenvolvimento dos últimos anos tem vindo a modificar a aparência de Pequim que se caracterizava pelos bairros antigos chamados de *hutongs*. Mas se as novas construções de arranha-céus são agora o que mais salta à vista, é ainda nos *hutongs* que existem, que se encontra o espírito daquela que foi a capital imperial desde o século XV. E para entrar nestes cantos escondidos da cidade nada melhor que as duas rodas.

De ruas planas, a capital chinesa ainda acorda todos os dias com os primeiros ciclistas a pedalar em direcção aos seus

trabalhos. Ao amanhecer são as bicicletas que definem o trânsito na cidade. E entre os novos modelos, as velhas "pasteleiras" e as bicicletas com atrelados, as ruas simétricas preenchem-se ao som dos pedais.

Uma questão de personalidade

"As bicicletas têm as suas almas e vida". A frase vem no livro de Wang Wenluan com o título "Uma Vida com as Bicicletas". Num trabalho fotográfico de vários anos, Wang Wenluan retrata bicicletas de todo o mundo, embora inspirado pelo seu país Natal – a China.

A recordar desde o dia em que pela primeira vez conseguiu o equilíbrio num selim até ao dia em que comprou a primeira *Flying Pigeon*, o fotógrafo fala por imagens do mundo das duas rodas com a célebre mensagem "uma vez que consegues pedalar nunca mais te esqueces". E é esta também a ideia que continua a inspirar milhões de pessoas por todo o país, onde muitos dizem que já se nasce a pedalar.

Wang Wenluan expôs o seu trabalho em várias galerias por todo o país. A vida das bicicletas faz parte da vida da China e, pela naturalidade de ser um objecto presente na casa de todas as famílias, há quem nem esteja consciente da sua importância. Até ao dia em que faz falta.

Relembra a infância e conta que no dia em que toda a Nação prestava homenagem ao Presidente Mao que tinha falecido, se esqueceu de colocar o cadeado na bicicleta que a mãe lhe tinha emprestado. O roubo da bicicleta custou-lhe um peso na consciência durante muito tempo ao ver a mãe acordar duas horas mais cedo para ir trabalhar. Pequenas histórias da memória de alguém que de tanto olhar o mesmo meio de transporte, decidiu eternizá-lo em fotografia.

Entre todos que as utilizam para levar os jornais, garrafões de água, ou até mobiliário atrelado, entre muitas outras coisas, há uma história de vida. Da bicicleta e da pessoa.

Na capital, as esquinas das ruas mais antigas continuam a ser os melhores locais para encontrar quem conserte bicicletas. Rodas furadas, correntes que saltam ou se partem ou, simplesmente selins fora do lugar, enchem os cantinhos improvisados de loja onde, nos intervalos do trabalho, os mecânicos se sentam a jogar *mahjong* com os vizinhos. Sem segredos aparentes, as duas rodas ocupam a vida destes senhores que raramente se conheceram a fazer outra coisa. Contam-se histórias entre o passado e o futuro das duas rodas.

"Para nós isto não é uma forma de exercício, mas um meio de transporte", afirma um velho senhor sentado ao lado da banca do amigo mecânico.

Ninguém pensa que a cultura das bicicletas se vai perder na China, mas a comodidade de um carro começa a convencer muitos que optam pelas quatro rodas. A opinião é geral, "é mais conveniente". Porém, ao mesmo tempo que o conforto do carro já é possível para uma grande parte das famílias de classe média em Pequim, o problema do estacionamento cresce paralelamente. Onde antes existiam ciclovias alinham-se hoje viaturas vigiadas pelos seguranças da rua. E, à semelhança de muitas capitais modernas, começa a haver mais carros que espaço, com o preço do estacionamento a aumentar.

Para quem ainda segue a pedalar, o aumento do trânsito em Pequim torna as curvas mais perigosas e apertadas. No entanto, a cidade continua a estar imaginada para a maioria que são as bicicletas. Mesmo com a velocidade cada vez mais acelerada da vida moderna, nas horas de ponta os carros passam horas no pára-arranca enquanto que, ao lado, aparentemente devagarinho, as bicicletas ultrapassam todos.

Oficialmente há hoje três milhões de carros em Pequim. Não estando tão contabilizadas, ninguém adianta números certos sobre as duas rodas. Por um lado, porque não exigem registo ou matrícula e, por outro, porque são parte da herança histórica da capital quando a maior parte dos carros que circulavam eram apenas táxis ou os carros do governo. Crê-se que

em todo o país circulem hoje 500 milhões de bicicletas, o que representa quase metade da população do país.

Mas o trânsito problemático em cidades como Pequim deve-se aos carros. "Durante os Olímpicos o trânsito vai diminuir", assegura um taxista. A contar com o Verão do próximo ano, o município de Pequim já anunciou a diminuição do número de carros para descongestionar a cidade e diminuir a poluição. Ninguém duvida da grandiosidade do evento que está a ser preparado desde 2002, quando Pequim foi escolhida como cidade-anfitriã.

Devolver a cidade às bicicletas e fazer uns Olímpicos o mais verdes possível são ideias para o cada vez mais próximo Verão de 2008. Mas à medida que a riqueza aumenta, a compra de carros também cresce e não se sabe ainda qual vai ser a cooperação dos novos condutores. Actualmente, por dia há 1000 carros novos a entrar no trânsito da capital.

Para os mais jovens, a comodidade do carro não se pode comparar ao esforço dos mais velhos que pedalam dezenas de quilómetros por dia. Só que entre a nova geração com poder de compra, há igualmente uma consciência ecológica sobre a vantagem de pedalar. Para muitos, recuperar a bicicleta enquanto meio de transporte mais do que manter um ícone cultural pode ser uma forma de melhorar o ambiente da cidade.

Um legado maoísta

Nostálgicos de uma China que não conheceram, muitos estrangeiros optam por comprar bicicletas antigas a que chamam "bicicletas do tempo do Presidente Mao Tse-tung". Mas a expressão não convence ninguém em chinês. "As bicicletas daquela época eram as *Flying Pigeon* e hoje quase ninguém tem", diz um comerciante que aluga bicicletas ao dia.

O tema puxa sempre mais gente à conversa que falam das histórias das duas rodas na sua vida. "Era muito importante quando conseguíamos ter uma bicicleta porque era a melhor forma de transporte e a mais barata".

A fábrica da *Flying Pigeon* em Tianjin continua a apostar na marca que eternizou. Mas porque as "pasteleiras" já não são o que o mercado procura, o grupo económico optou por modelos modernos. Como um nome de referência no mercado,



Foto: istockphoto

as iniciais FP (de *Flying Pigeon*) continuam a valer por si só e a exportação já chega a 50 países diferentes.

An Xiao é um jovem de 28 anos que constrói as suas bicicletas. "Faço-o para competição", adianta. Participante em corridas organizadas por grupos de amigos ao fim-de-semana, An Xiao conhece todas as montanhas à volta de Pequim. Começou a pedalar muito novo e ainda hoje confessa que "a liberdade de ser eu a guiar-me não se compara com o esforço de andar de autocarro". Defensor da velocidade nas montanhas, o jovem que sonha um dia ver ao vivo a Volta à França, comenta que pedalar na cidade exige muito mais cuidado. Mas, como muitos outros jovens, concorda que o carro é mais cómodo. Para ele, a expressão da "bicicleta do tempo do Presidente Mao" leva a um sorriso. Nascido no final dos anos 70, diz ainda lembrar-se de como pedalavam as pessoas da sua cidade na província de Hebei nos anos 80. "Agora vemos bicicletas modernas e muitas marcas estrangeiras", continua.

De facto, as bicicletas "modernas" são cada vez mais comuns e muitos chineses renderam-se à era das duas rodas eléctricas. A funcionar com um motor movido a electricidade, as novas bicicletas poupam metade do esforço a quem as pedala. Com valores que vão dos 700 renminbi (mais ou menos 720 patacas) até aos milhares, as bicicletas eléctricas assemelham-se às motorizadas com a vantagem de não consumir gasolina.

An Xiao, que concorda com a ideia de eternizar as duas rodas num Museu, considera que as eléctricas ainda são uma minoria e, mesmo sendo um luxo para alguns, para ele "perde-se muito do sentimento do que é a bicicleta".

Há coisas que nunca se esquecem

A primeira campanha chegou no ano passado. Uma associação promoveu uma semana para comemorar as bicicletas na capital. Acompanhada pela exposição de Wang Wenluan, a actividade desenvolvia-se na rua. Mais do que sensibilizar, pretendia alertar para a importância das duas rodas na vida moderna.



"A modernidade e o desenvolvimento não ameaçam a existência do meio de transporte, considerado como o mais característico do país"

Para os velhos mecânicos, a cultura do carro pode desenvolver-se paralelamente sem ameaçar as bicicletas. Porém, para os ciclistas, os carros são o maior perigo. Tendo em vista a segurança de quem pedala, estabeleceu-se em Pequim que a bicicleta tem prioridade no trânsito.

No espaço onde se alugam bicicletas ao dia, o comerciante conta histórias enquanto enche uma roda. "As bicicletas hoje já não são moda e Pequim tornou-se muito grande para pedalar. Claro que o carro no Inverno é muito mais fácil de conduzir". Ao falarmos do trânsito e da poluição preocupante, "é normal que assim aconteça".

A China descreve-se em bicicletas? O silêncio de um pensamento. "Sim, talvez



Foto: Maria João Belchior

seja o que mais se vê na rua", nota, enquanto olha a avenida em frente da sua loja.

A pedalar desde há décadas, os chineses seguem ainda hoje ao ritmo dos pedais que acordam a cidade. Capazes de levar a família toda – pai, mãe e filho – em duas rodas, para quem sempre se conheceu a pedalar, o exercício físico fica reservado para outras actividades como, por exemplo, a patinagem ou tai-chi. Os ginásios pagos não apostam muito nas bicicletas ergométricas que não saem do lugar. "A maior parte não gosta de pedalar se não for em movimento". An Xiao sublinha que é uma questão de praticar, mas prefere ir para as montanhas com a bicicleta de corrida feita por si.

O primeiro dia, a primeira bicicleta ou a primeira queda, parecem ser registos de toda a gente que ainda escolhe as duas rodas na China. Há coisas que nunca se esquecem.

A modernidade e o desenvolvimento não ameaçam a existência do meio de transporte, considerado como o mais característico do país. "As cidades foram imaginadas para pedalar, mas muitos querem escolher uma forma mais fácil de mover-se" sustenta An Xiao.

Com mudanças ou eléctricas, as bicicletas de Pequim moderno redefiniram-se. Ao recordar as velhas "pasteleiras", há quem diga "aquelas eram mais bicicletas". Mas os tempos são outros e mudaram-se as vontades. Só que apesar da aparência diferente, as duas rodas continuam a ser a melhor forma de sentir e conhecer a China. Um país a pedalar.

** Em Pequim*

João Francisco Pinto

A maior agência de notícias do mundo

Verdade, objectividade, imparcialidade e prontidão. São estes os princípios essenciais da linha editorial da Agência de Notícias Xinhua. Este órgão de informação, que nasceu há mais de 70 anos com o nome China Vermelha, está hoje presente em todo o mundo



Foto: Arquivo

Tudo começou em 1931 com o nome de China Vermelha. Mao Zedong liderava o Partido Comunista Chinês, numa altura em que o país vivia momentos de grande turbulência com a invasão nipónica da Manchúria.
Foi neste contexto que Mao Zedong entendeu ser necessário criar uma agência noticiosa capaz de divulgar informações sobre a luta de libertação. Nascia assim, a Agência de Notícias China Vermelha no distrito de Ruijin a Leste da Província de Jiangxi.
Em Janeiro de 1937, a agência muda de nome. Passa a chamar-se Xinhua, o que quer dizer "Nova China". Nome que se manteve inalterado até hoje. Mas apesar da denominação se manter, tudo o resto é diferente nesta agência de notícias que se assume actualmente como uma das mais importantes organizações do género a nível mundial.
De simples agência noticiosa doméstica, a Xinhua evoluiu para se transformar numa grande produtora mundial de conteúdos num ambiente multilingue. A Xinhua produz actualmente informação em oito línguas, disponível no *website* (www.xinhuanet.com) e através de subscrição, e publica 40 diferentes títulos entre jornais e revistas.
O processo de modernização da agência está longe de concluído. O presidente da Xinhua, Tian Congming, anunciou recentemente que a agência está "a integrar gradualmente os recursos noticiosos e informativos, a modificar as componentes dos produtos noticiosos e informativos com o objectivo de aumentar a qualidade e garantir aos clientes um melhor serviço e apoio técnico".
Mas as ambições da Xinhua vão mais longe. A palavra de ordem nos últimos anos tem sido de criar uma verdadeira agência de notícias à escala global, algo em que todos os funcionários se encontram empenhados. O projecto tem já resultados visíveis: uma simples busca no motor da Internet *Google* mostra que as notícias produzidas pela Xinhua surgem inevitavelmente no topo dos resultados.
Dois momentos históricos marcam a evolução da Agência Xinhua. O primeiro, a fundação da República Popular da China em 1949, que permitiu à Xinhua afirmar-se como agência oficial a nível nacional. Foi a partir dessa altura que a agência começou a expandir os seus serviços. O segundo, o lançamento da política de abertura e reforma em 1978, que constituiu o mote para a crescente internacionalização da cobertura noticiosa.

Colosso mundial

A Agência Xinhua tinha no final de 2005 cerca de 8400 trabalhadores, dos quais 1900 eram jornalistas a trabalhar na sede e dezenas de delegações a nível nacional e internacional. Estes são números que colocam a Xinhua como a maior agência de Notícias do Mundo.
No quartel general da Xinhua, situado no centro de Pequim, funcionam os departamentos de notícias nacionais, notícias internacionais, notícias nacionais para clientes estrangeiros, notícias de referência, fotojornalismo, notícias desportivas, difusão de informação, notícias on-line e de informação.
A Xinhua tem também delegações nas 31 províncias assim como nas regiões administrativas especiais de Macau e Hong Kong. Existem também escritórios nas 50 cidades mais importantes da China, contando a agência também com uma vasta presença internacional.
A Agência Xinhua é um dos órgãos de comunicação social mais conceituados na China. É nesta agência que trabalham os melhores recém licenciados em jornalismo das universidades de Pequim, Xangai e Nanquim. O recrutamento é feito nas próprias universidades, onde são identificados os alunos com maior potencial.
Mas a entrada nos quadros da agência está longe de ser fácil, uma vez que o acesso só é possível a quem passar os exames escritos e uma exigente entrevista



Liu Guobin, editor do serviço em português da Agência Xinhua, com o consultor Manuel Martinez, na sede em Pequim

conduzida pelos editores da secções nacional e internacional.
A carreira de jornalista na Xinhua é considerada das mais aliciantes pelos candidatos, uma vez que permite a colocação nas delegações no estrangeiro.
Além da produção de notícias para outros órgãos de comunicação social, a Xinhua é também responsável pela produção de dossiers que condensam o essencial da informação e que se destinam a ser lidos pelos dirigentes nacionais.
Outra das missões da Xinhua é a gestão



Foto: Albert Dai

O português é uma das oito línguas usadas na produção de notícias na Agência Xinhua

do acesso à informação, produzida por agências estrangeiras, por clientes chineses. Legislação publicada em Setembro de 2006 determina que cabe à agência decidir que informação pode ser publicada e em que condições. Assim, a Xinhua pode impedir a divulgação de informação que ponha em causa os princípios da Constituição da República Popular da China, viole a unidade, a soberania e a integridade territorial da China, que coloque em risco a segurança, a reputação e os interesses nacionais, entre outros.



Assinatura do protocolo de cooperação entre a Xinhua e o Jornal Tribuna de Macau

Xinhua em Macau

A delegação da Xinhua em Macau teve, até 1999, funções que iam muito além de uma mera agência de notícias. Assim, durante a fase final da administração portuguesa a agência funcionou como representação diplomática de Pequim, uma vez que à luz dos acordos internacionais assinados pela China e Portugal, Macau era reconhecido como território chinês sob administração portuguesa, o que impossibilitava a instalação de uma embaixada ou consulado. O papel duplo da Xinhua era reconhecido pela administração portuguesa e a agência assumia a função de porta-voz do Governo Central sempre que havia necessidade de tomar posições quanto a temas locais ou facilitar o diálogo entre as forças locais e o Governo Central. Esta dupla função perdeu-se logo após a transferência de administração, em 20 de Dezembro de 1999, com a separação das duas funções e a criação do Gabinete de Ligação do Governo Popular Central na Região Administrativa Especial de Macau e da Delegação de Macau da Agência de Notícias Xinhua.

Processo semelhante foi vivido em Hong Kong que em 1 de Julho de 1997, foi reintegrado na nação chinesa.

A Xinhua celebrou em Janeiro passado 70 anos de vida com a actual identidade. Mas a verdade é que esta agência noticiosa tem já uma história de 76 anos vividos em torno do lema "Verdade, Objectividade, Imparcialidade e Prontidão" que consagra os princípios essenciais do trabalho desenvolvido desde 1931.

Português entre oito



Foto: cortesia JTM

O português é uma das oito línguas usadas na produção de notícias na Agência Xinhua. Além da língua portuguesa, a Xinhua tem serviços em chinês, inglês, francês, russo, espanhol, japonês e árabe.

Para Xue Yongxing , director da delegação Ásia Pacífico sedeada em Hong Kong, a introdução de serviços em língua portuguesa "mostra que a Xinhua dá grande importância à cooperação com Portugal e os Países de Língua Portuguesa em todo o mundo".

Actualmente trabalham no serviço em língua portuguesa cerca de 20 pessoas. "Nos últimos anos, para reforçar o serviço em língua portuguesa reunimos estes funcionários, que estavam dispersos por diferentes departamentos, num único gabinete", afirma Xue Yongxing, que lembra também que a agência tem delegações em quase todos os países de língua portuguesa com um ou dois correspondentes residentes.

A aposta no serviço português é justificado pelas "boas relações políticas e económicas" que Pequim mantém com estes estados.

É também esse o motivo que levou a Xinhua e o Jornal Tribuna de Macau a assinar um protocolo de cooperação em Maio passado.

O acordo prevê a troca de notícias e informação, mas também a formação em Macau de estagiários enviados pela sede em Pequim.

Para Xue Yongxing o protocolo é "benéfico para ambas as partes, pois permite incrementar a troca de informações e a Xinhua pode oferecer aos países lusófonos e a Macau mais notícias da China Continental, e vice-versa.Macau tem funcionado com plataforma entre a China e os países lusófonos em várias áreas e, com este acordo, pode desempenhar o mesmo papel ao nível da cultura e do jornalismo", defende Xue Yongxing.

Para Rocha Dinis, director do Jornal Tribuna de Macau, a presença na RAEM de estagiários chineses da Xinhua vai permitir "ajudar a Xinhua a impor esse serviço que é dirigido aos países luso-falantes e aproximar os continentes". Rocha Dinis lembrou também que historicamente Macau tem desempenhado um papel de "ligação entre o Oriente e o Ocidente, China e Portugal".

As ligações da Xinhua a órgãos de informação de língua portuguesa datam de 1976, ano em que foi estabelecido o primeiro protocolo entre a agência chinesa e a Agência Lusa sedeada em Lisboa. Xue Yongxing diz agora que existe um maior interesse em "reforçar a cooperação" com organizações de comunicação social nos países de língua portuguesa.

Agência oficial dos Jogos Olímpicos

A Xinhua será a agência oficial dos Jogos Olímpicos de Pequim, que vão decorrer em Agosto de 2008. Além da produção e difusão de notícias, a Xinhua vai ser também responsável pelo serviço fotográfico.

O acordo foi assinado em Outubro do ano passado e atribui à agência o papel de *"Host News Agency"*. O vice-presidente da Xinhua, Ma Shengrong, prometeu todo o empenhamento na cobertura das 29ª Olimpíadas da Época Moderna.

"A Xinhua vai formar um corpo de elite com os melhores jornalistas e editores para garantir a cobertura noticiosa e fotográfica total dos Jogos Olímpicos e, em particular, dos atletas chineses para os meios de comunicação social chineses", refere Ma Shengrong.

"Como *Host News Agency*, a Xinhua compromete-se a fornecer aos órgãos de comunicação social toda a assistência necessária", adianta o vice-presidente.

Presente em 110 países

Nasceu como agência nacional, mas hoje a Xinhua tem os seus serviços espalhados por todo o mundo.

A primeira experiência de internacionalização da Xinhua deu-se em 1944, ano em que começou a produzir conteúdos em inglês. A primeira delegação no exterior foi aberta em 1948.

Actualmente a rede de delegações e correspondentes da Xinhua cobre todo o planeta. Na dependência directa da sede em Pequim estão cinco escritórios regionais. A Delegação Regional para a Ásia e o Pacífico, está sedeada em Hong Kong; a Delegação Regional para a América Latina localiza-se na Cidade do México; a Delegação Regional para a África, fica em Nairobi; a Delegação Regional para o Médio Oriente tem sede no Cairo, e a Delegação Regional para os Países Francófonos, sedeada em Paris. Além disso, a Xinhua possui redacções em Nova Iorque e Moscovo e delegações em cerca de 110 países e regiões do mundo.

A Agência Xinhua produz informação 24 horas por dia em oito idiomas: chinês, inglês, francês, espanhol, árabe, russo, japonês e português. No serviço em língua chinesa são produzidos diariamente cerca de 600 mil caracteres. O noticiário da Xinhua, em média mil textos diários, inclui notícias nacionais e internacionais, sendo que 70 por cento são temas internacionais e 30 por cento são notícias da China.

Desde Novembro de 1997, a Agência Xinhua começou a distribuir oficialmente na Internet (http://www.xinhua.org) as notícias da China e de todo o mundo, nas várias línguas em que produz informação.

Actualmente, a Agência Xinhua emite também, através da Internet, noticiário, fotos, informações económicas, banco de dados sobre informações sintetizadas da agência, e informações sobre acções e produtos futuros nas bolsas de valores, em chinês, inglês, espanhol, francês, russo, árabe e português.

Além da Internet, a difusão do serviço da Xinhua é feita também através de satélite e linha telefónica, disponível para clientes registados.

Disponível *on-line*

Centro de notícias: fornece notícias sobre a actualidade doméstica e internacional, abordando temas como a política, economia, diplomacia, desporto, entre outras.

Actividades da liderança: cobertura das actividades do Partido Comunista Chinês e dos dirigentes nacionais a nível doméstico e internacional.

Mudanças governamentais: a Xinhua tem o exclusivo na divulgação de informações sobre mudanças no Governo da República Popular da China a nível central e provincial.

Fórum Xinhua: um dos mais influentes fora de discussão sobre questões da actualidade nacional e internacional.

Governo electrónico: divulgação de novas políticas e regulamentos do governo central, dos governos provinciais e locais.

Universidades *on-line*: divulgação das actividades das mais conhecidas universidades chinesas com a cobertura dos principais acontecimentos académicos a nível nacional.

Empresas *on-line*: fornece informação sobre empresas, mercados e produtos chineses.

Zonas de desenvolvimento *on-line*: divulgação de informação sobre as zonas de desenvolvimento tecnológico e zonas económicas especiais da China, contribuindo para a atracção de investidores.

Alargar a actuação no Brasil

A Xinhua planeia alargar a sua actuação no mercado brasileiro, por meio da contratação de jornalistas locais e da criação de um serviço em português, com uma média diária de oito notícias, revelou à revista MACAU o responsável pela agência noticiosa chinesa no Brasil.

Yang Limin disse que o objectivo será aumentar o número total de notícias produzidas pela equipa da agência no Brasil e passar a transmiti-las directamente das delegações brasileiras para o serviço em português da Xinhua.



Foto: cortesia Yang Limin

Yan Limin, responsável pela agência noticiosa no Brasil

"Como o Brasil é um parceiro estratégico da China e as relações económicas e comerciais entre os dois países estão a intensificar-se, a Xinhua presta muita importância e trabalha para contribuir para o conhecimento mútuo entre os dois povos", afirma Yang Limin.

Criado em 1995, o serviço em português da Xinhua conta actualmente com cerca de 50 notas diárias, traduzidas em Pequim a partir do noticiário em chinês, inglês e espanhol, sendo distribuído aos países de língua portuguesa via Internet, após o pagamento de um valor simbólico.

A Xinhua iniciou a sua actuação no Brasil, em 1961, com a abertura de uma delegação no Rio de Janeiro, mas três anos depois foi obrigada a encerrar as suas actividades, após o golpe militar que derrubou o então presidente João Goulart.

Nos anos 70, com a retoma das relações diplomáticas entre o Brasil e a República Popular da China, a agência noticiosa chinesa regressou ao Brasil, com a abertura de uma delegação em Brasília.

Desde 1987, a Xinhua mantém duas delegações no Brasil, uma em Brasília e outra no Rio de Janeiro, actualmente com um total de cinco correspondentes, além de seis jornalistas contratados localmente, nota Yang Limin.

"Temos planos de contratar mais repórteres locais, nomeadamente em São Paulo, onde ainda não temos delegação, e ampliar a nossa cobertura também para outras áreas, como financeira e científica", acrescentou.

As delegações da Xinhua no Brasil enviam actualmente para Pequim uma média diária de cinco notícias em chinês, 12 em espanhol e três em inglês.

"Cobrimos todas as áreas de interesse jornalístico, tais como política, economia, educação, cultura, desporto, ciência e tecnologia, a vida dos brasileiros e as relações bilaterais entre a China e o Brasil", salientou.

Marco Antinossi
Jornalista da Lusa, no Brasil

Luis Pereira

Para além das nuvens

Yunnan, ou na sua tradução literal, "a sul das nuvens" é melhor descrita como uma terra de diversidade, sendo a província chinesa que alberga o maior número de minorias étnicas – que perfazem cerca de um terço da população – e a mais vasta biodiversidade do país.



Localizada no extremo sudoeste da China, Yunnan faz fronteira com o Mianmar (antigo Burma), o Laos e o Vietname, com os quais partilha o Rio Mekong. A noroeste é contornada pela Região Autónoma do Tibete, a norte pela Província de Sichuan e a este pela Região Autónoma de Guanxi e pela Província de Guizhou.

Yunnan, que corresponde a cerca de quatro por cento do território nacional, estende-se por uma área de 394 mil quilómetros quadrados – área sensivelmente idêntica à da Alemanha – e tem cerca de



44 milhões de habitantes – perto de metade da população alemã.

Atravessada pelo trópico de Câncer, no extremo sul, e pelas cordilheiras do Tibete, a norte, Yunnan oferece visões tão díspares como a de uma floresta subtropical ou picos montanhosos cobertos de neve, de uma beleza natural única no globo. Yunnan foi imortalizada pelo romance de James Hilton, "Horizontes Perdidos", onde o autor descreve as idílicas paisagens de Shangri-la, na região Oeste da província.

É na variedade de climas e ao ritmo das



Paisagem característica da provincia de Yunnan

estações que se rege a economia da província, assente maioritariamente na produção agrícola – de tabaco, de cana-de-açúcar e de diversas plantas únicas no país, muitas das quais utilizadas como ingredientes da medicina tradicional chinesa. Também desempenham um papel importante a exploração mineira de alguns dos mais importantes recursos naturais nacionais, como os metais não ferrosos, e, mais recentemente, o lucrativo sector do turismo, que em 2004 rendeu receitas no valor de 4,6 mil milhões de dólares norte-americanos.

Uma das províncias menos desenvolvidas do Continente, Yunnan foi englobada no programa económico de "abertura ao mercado Oeste", lançado em 1999 pelo Governo Central, para revalorizar o interior rural e as regiões ocidentais do país. Actualmente é uma das nove províncias que, juntamente com as duas regiões administrativas especiais de Macau e Hong Kong, constituem o bloco económico da Região do Grande Delta do Rio das Pérolas, vulgo "9+2". Um projecto que visa dinamizar a cooperação regional afirmando-se com um primeiro mercado de consumo comum do Continente.

Dada a sua localização geográfica, Yunnan desempe-



nha desde tempos remotos o papel de elo ligação entre a China e a região do Sudeste Asiático. As Rotas da Seda faziam aqui uma paragem obrigatória, trazendo consigo todo um espólio cultural que ainda pode ser observado nos nossos dias. Actualmente Yunnan constitui um importante pólo na cooperação entre a China e os restantes países da ASEAN e também com o resto do globo.

Minorias

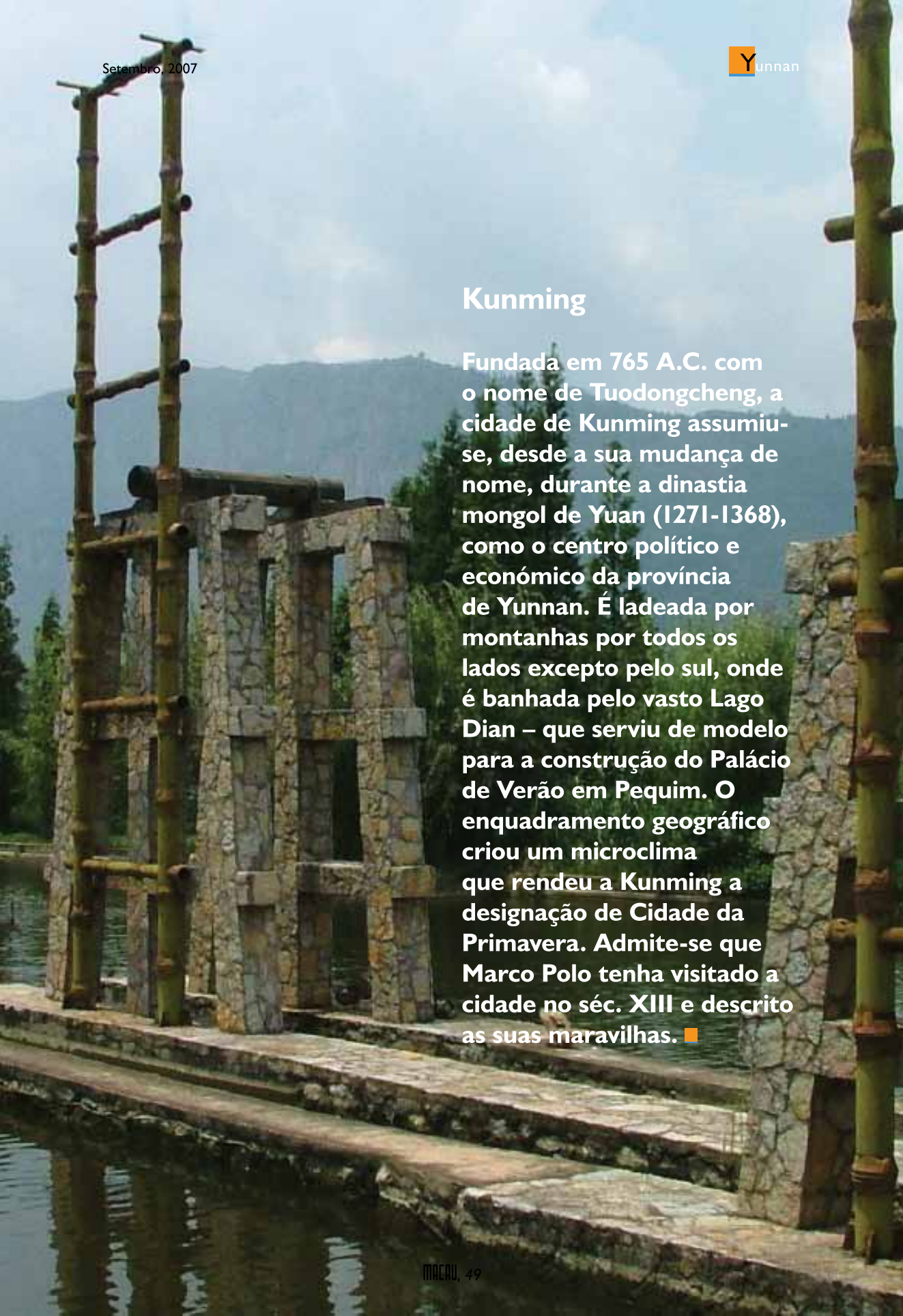
Yunnan alberga 25 minorias étnicas, cada uma com os seus usos, costumes, dialectos e, inclusivamente, religiões que passam pelo islamismo, taoismo e budismo. As suas raízes genealógicas remontam, entre outros, aos manchus e aos tibetanos. Compostas por pelo menos oito mil elementos e distribuídas por vários pontos da província - algumas em isolamento quase total - as minorias representam mais de 30 por cento da população de Yunnan.

Gastronomia

Dada a diversidade étnica da província, a gastronomia de Yunnan é uma amalgama de tradições. Em termos de especiarias, pode ser comparada em pujança ao paladar picante da vizinha província de Sichuan. Um factor que distingue a culinária de Yunnan é a profusão, nos pratos tradicionais, de flores, de cogumelos e espécies silvestres diversas.

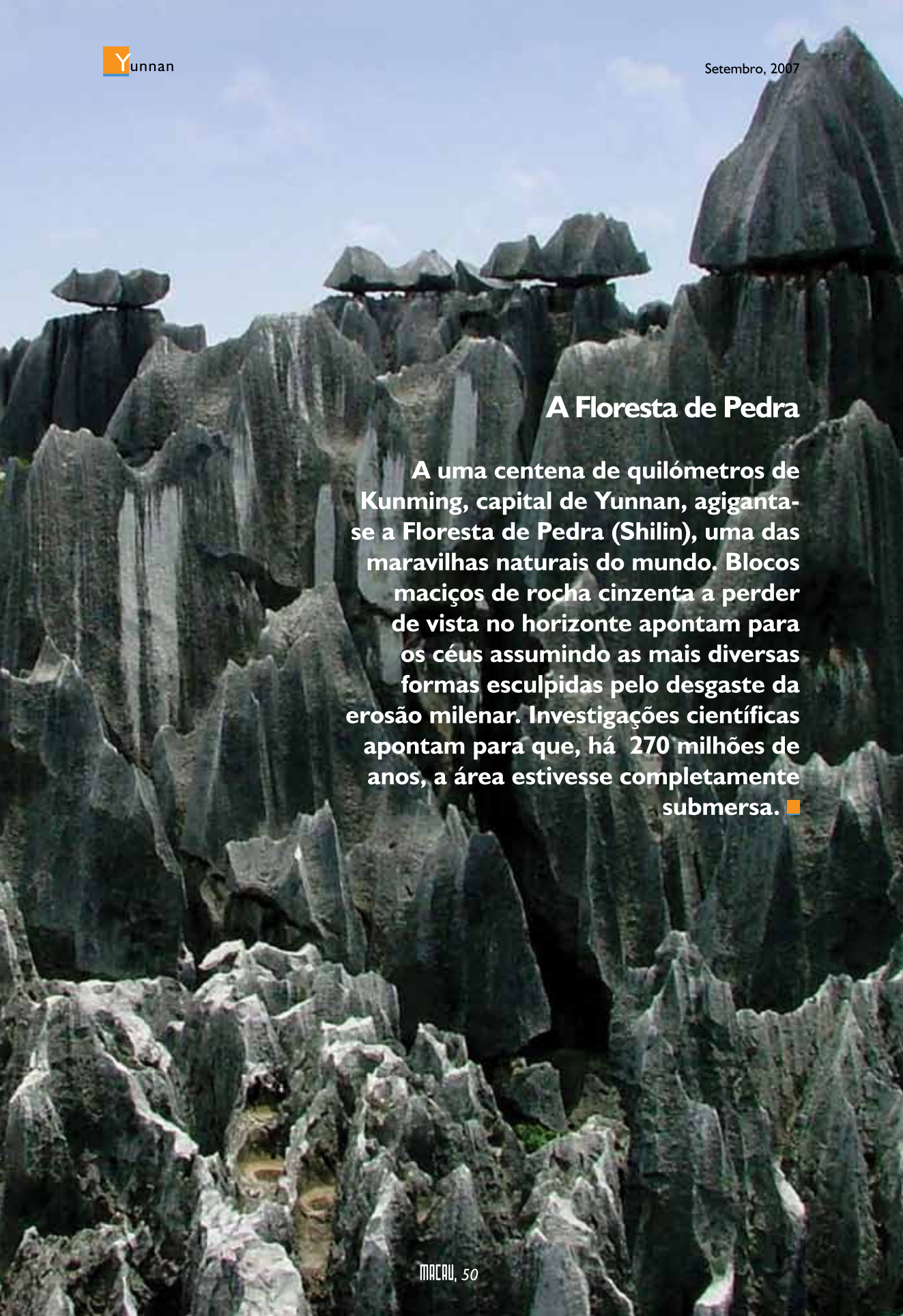






Kunming

Fundada em 765 A.C. com o nome de Tuodongcheng, a cidade de Kunming assumiu-se, desde a sua mudança de nome, durante a dinastia mongol de Yuan (1271-1368), como o centro político e económico da província de Yunnan. É ladeada por montanhas por todos os lados excepto pelo sul, onde é banhada pelo vasto Lago Dian – que serviu de modelo para a construção do Palácio de Verão em Pequim. O enquadramento geográfico criou um microclima que rendeu a Kunming a designação de Cidade da Primavera. Admite-se que Marco Polo tenha visitado a cidade no séc. XIII e descrito as suas maravilhas.



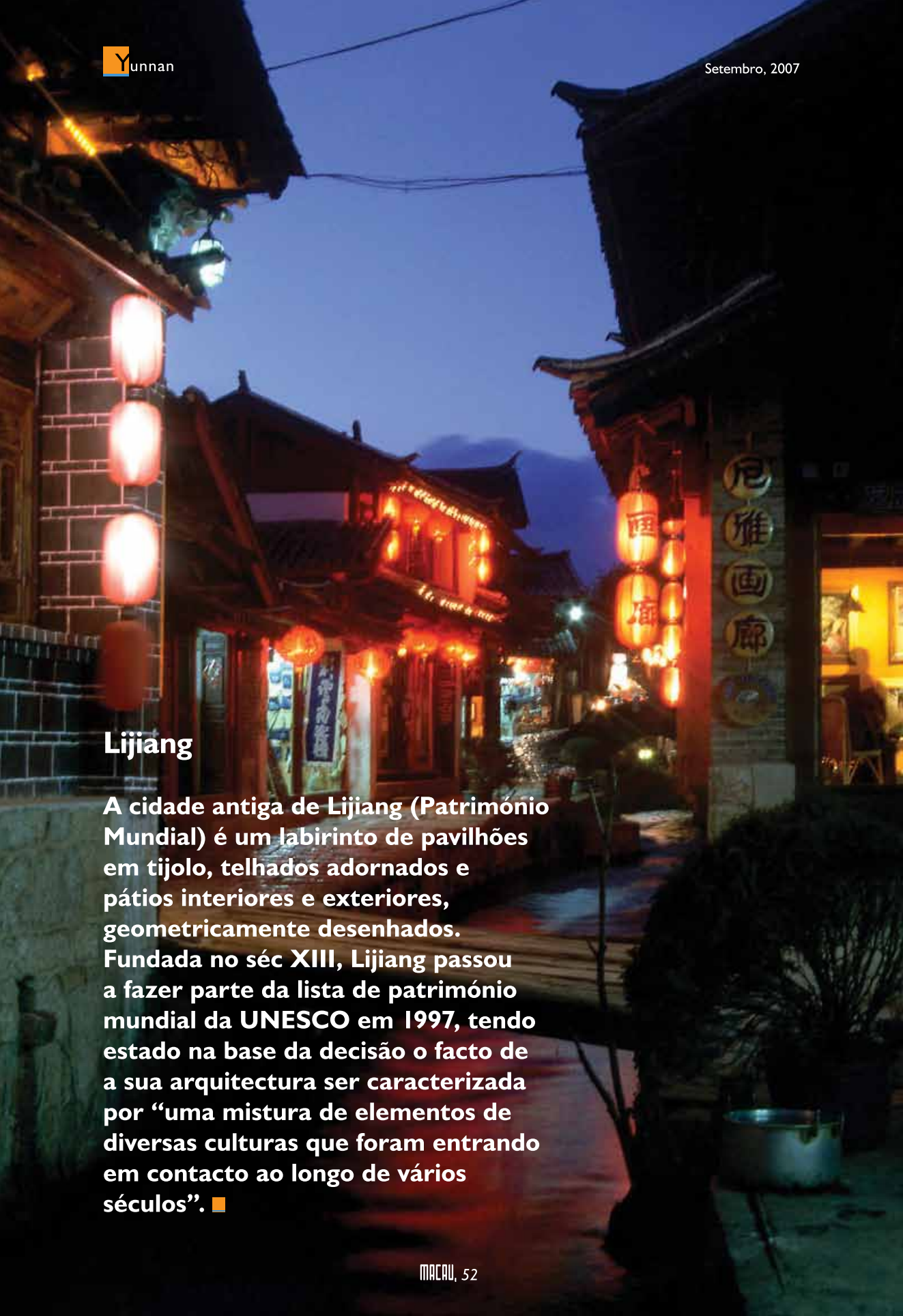
A Floresta de Pedra

A uma centena de quilómetros de Kunming, capital de Yunnan, agiganta-se a Floresta de Pedra (Shilin), uma das maravilhas naturais do mundo. Blocos maciços de rocha cinzenta a perder de vista no horizonte apontam para os céus assumindo as mais diversas formas esculpidas pelo desgaste da erosão milenar. Investigações científicas apontam para que, há 270 milhões de anos, a área estivesse completamente submersa.



Dali

Dali é uma cidade de história e cultura. Estrategicamente localizada na encruzilhada das rotas para o Mianmar e o Tibete e a dois mil metros acima do nível do mar, Dali foi durante séculos o centro do poder da região e o ponto de intercâmbio entre o Sudoeste Asiático e a China. Fortes, templos e torres de culto polvilham a paisagem da cidade. O próprio Kublai Kan, famoso líder militar mongol e imperador da China do século XIII, deixou ali uma placa a assinalar a sua conquista.



Lijiang

A cidade antiga de Lijiang (Património Mundial) é um labirinto de pavilhões em tijolo, telhados adornados e pátios interiores e exteriores, geometricamente desenhados. Fundada no séc XIII, Lijiang passou a fazer parte da lista de património mundial da UNESCO em 1997, tendo estado na base da decisão o facto de a sua arquitectura ser caracterizada por "uma mistura de elementos de diversas culturas que foram entrando em contacto ao longo de vários séculos".

Shangri-la

Rezam as investigações chinesas que a expressão mítica de Shangri-la, sinónima de paz e harmonia pela via do isolamento, terá as suas raízes no extremo Oeste de Yunnan. É que o romance de James Hilton, "Horizontes Perdidos", que conta a história de três pilotos americanos que se despenham na rota sino-indiana e que apresenta pela primeira vez ao Ocidente a expressão "Shangri-la", coincide com os registos oficiais de Yunnan. Pelas paisagens idílicas das montanhas espelhadas em lagos de águas cristalinas, admite-se que o autor descrevia a cidade de Zhongdian, junto à fronteira com o Tibete.



Banna

A região de Banna, ou Xishuangbana, localizada na ponta Sul de Yunnan, junto às fronteiras com Mianmar e Laos, abriga os 20 mil quilómetros quadrados de floresta tropical de Yunnan. Enquanto habitat natural do elefante asiático e de uma espécie protegida de símios únicos no Sudoeste Asiático bem como de mais cinco mil espécies vegetais, Bana é conhecida como o "Reino das plantas e dos animais" ou simplesmente por "A esmeralda do trópico de Câncer".

Agricultura e biologia

A agricultura e a biologia aplicada à farmacêutica são, por excelência, as principais indústrias de Yunnan. O tabaco, a cana-de-açúcar e a cultura de algumas ervas medicinais únicas no país e utilizadas na medicina tradicional chinesa constituem as principais exportações da província. Um dos produtos mais representativos é o Sanqi (falso Gingseng) cultivado há mais de 400 anos. O "Compêndio de Medicina", redigido na dinastia Ming (séc. XVI), alerta para que "não seja trocado nem por ouro" quando o descreve como o melhor tonificante do sangue.

Reservas minerais

A indústria mineira representa o segundo pilar económico da província. As reservas minerais de fósforo são as maiores da China e as segundas maiores do Mundo. Ao nível nacional, a província contém os maiores jazigos de zinco, chumbo, estanho, cádmio, índio e tálio. O valor potencial dos depósitos dos mais de 150 tipos de minerais descobertos na província foram avaliados pelo Governo Central em cerca de 375 mil milhões de dólares norte-americanos.

Revitalização do interior rural

Yunnan é uma das províncias mais carentes do interior rural chinês. Em 2004 o Produto Interno Bruto da província atingiu os 37 mil milhões de dólares norte-americanos – já constituindo um aumento anual na ordem dos 11,5 por cento. No mesmo ano o PIB per capita situou-se nos 840 dólares norte-americanos, ocupando o 29º lugar no ranking nacional, liderado por Xangai. Yunnan é um dos principais focos do plano de revitalização dos meios rurais lançado no início deste ano no âmbito do 11º plano quinquenal de desenvolvimento da China, tendo como objectivo equilibrar a disparidade económica entre o interior do país e as províncias costeiras.

GUIA

Projectos *on-line*

Mostrando a sua adesão às novas tecnologias, Yunnan criou diversas páginas electrónicas, como, por exemplo, a www.investyunnan.org, onde são especificados os projectos públicos – nas indústrias agrícola e mineira e não só – a que o investidor estrangeiro se poderá associar. Essas páginas apresentam igualmente informação sobre os incentivos destinados a atrair o investimento do exterior. Todos os procedimentos, documentação adequada e descrição da actual conjuntura económica e comercial da província podem ser encontrados *on-line*. É ainda dado destaque à emergente indústria transformadora e ao recém-criado parque de alta tecnologia.

Investimento precisa-se

Para além da agricultura, a reflorestação, a pesca e indústrias afins, Yunnan também precisa de investimento que lhe permita exportar outra das suas mais-valias, a energia eléctrica. Dotada já de uma vasta rede infra-estruturas hidroeléctricas, a província pretende ligar as suas redes de distribuição à província de Cantão e, num futuro próximo, ter condições para fornecer energia aos países com os quais faz fronteira. Outras indústrias em que é encorajado o investimento estrangeiro são as têxtil, química, farmacêutica, mecânica, dos transportes e das comunicações, além da prospecção e exploração de recursos minerais. O investimento estrangeiro é ainda encorajado em sectores como o turismo e o entretenimento.

Turistas chineses atraídos pelo Brasil

O mercado chinês de turistas foi o que mais cresceu no Brasil no ano passado, período em que 37.600 turistas chineses viajaram para o Brasil. De acordo com dados do Ministério do Turismo brasileiro sobre visitantes de 48 países, durante 2006 houve um crescimento de 109 por cento, quando comparado com 2005, ano em que pouco mais de 18 mil turistas chineses visitaram o Brasil.

Com o crescimento, a China ganhou este ano 11 posições na lista dos maiores emissores de turistas e está agora em 21° lugar, deixando para trás sete países europeus (Suécia, Noruega, Finlândia, Dinamarca, Bélgica, Áustria e Polónia), além de Austrália, Israel, Coreia do Sul e África do Sul.



Fundo para investimentos em África

O Governo Central criou um fundo de mil milhões de dólares para financiar o comércio e o investimento de empresas chinesas em África. Os planos para a criação do Fundo de Desenvolvimento China – África foram anunciados em Maio durante a reunião anual do Banco Africano para o Desenvolvimento (BAD), realizada em Xangai.

O Banco de Desenvolvimento da China vai financiar este Fundo de Desenvolvimento e admite mesmo alargar o montante até cinco mil milhões de dólares.



Maior destino das exportações de Angola

A China já é o maior destino das exportações angolanas, tendo superado o mercado mais importante, os Estados Unidos da América.

No ano passado, revela a *Economist Intelligence Unit*, o valor da balança comercial dos dois países terá ascendido a 11,83 mil milhões de dólares, mais 70 por cento do que no ano anterior, de acordo com estatísticas oficiais chinesas. Em Novembro do ano passado, as exportações de petróleo angolano para a China atingiram 477 mil barris diários, superando as da Arábia Saudita, maior produtor mundial.



Cimpor compra cimenteira chinesa

A Cimpor - Cimentos de Portugal adquiriu 60 por cento do capital social da empresa chinesa *Shandong Liuyuan New Type Cement Development Co* (New Liuyuan) por cerca de dois milhões de euros.

A aquisição foi feita através da subsidiária da Cimpor, a Cimpor Chengtong, e irá ser liquidada em duas parcelas de igual valor.

A Cimpor Chengtong irá também conceder um empréstimo interno à *New Liuyuan* no valor de aproximadamente dez milhões de euros, para a liquidação de dívidas a alguns accionistas da cimenteira chinesa.

Concluída a aquisição da *New Liuyuan*, os sócios da Cimpor Chengtong - *Cimpor Inversiones SA* (com 80 por cento) e *China Chengtong Cement Group* (com 20 por cento), irão proceder a um aumento do capital social, de acordo com as respectivas participações, no valor de cerca de 23 milhões de euros.





China é prioridade

Portugal colocou a China e a África no topo das prioridades da agenda da União Europeia (UE) para a presidência portuguesa do Conselho da Europa.

O crescendo das relações diplomáticas entre Portugal e a China nos últimos anos, leva mesmo alguns analistas a antever que a presidência portuguesa poderá servir de pretexto para resolver algumas questões pendentes, como o desembargo de armas à China. Entre os assuntos delicados e que podem vir a ser colocadas em cima da mesa estão a questão dos direitos humanos e o reconhecimento do estatuto de economia de mercado.



Maior destino turístico em 2014

China será o maior destino turístico do mundo em 2014, segundo a Organização Mundial do Turismo (OMT), cujas previsões anteriores apontavam 2020 como o ano em que a China ultrapassaria a França na liderança do mercado turístico global.

A China beneficiará da diversidade do país, que inclui as montanhas do Tibete, a arqueologia de Xian, a história de Pequim e a Grande Muralha ou o cosmopolitismo das novas metrópoles como Xangai e Cantão.



Fábrica de etanol no Brasil

A chinesa BBCA Bioquímica, da província de Anhui, e o brasileiro Grupo Farias, do estado de Pernambuco, uniram esforços para a instalação de fábricas de etanol no Brasil, cuja produção será totalmente voltada para o mercado chinês. Este é um investimento de 200 milhões de dólares, que deve entrar em funcionamento entre 2009 e 2010.

Cada fábrica da parceria sino-brasileira deverá ter uma capacidade de processamento de cinco milhões de toneladas de cana-de-açúcar por ano.

A produção inicial será de 800 milhões de litros de etanol por colheita, que serão enviados na totalidade para a China.



Investimento directo na China aumentou

No primeiro semestre de 2007, o investimento directo na China (IDE) atingiu os 31,9 mil milhões de dólares. São dados publicados pelo Ministério do Comércio chinês e que revelam que o crescimento do IDE foi de 12 por cento no mesmo período.

Os sectores que mais investimentos atraíram foram as indústrias transformadoras, as imobiliárias e os serviços comerciais.

Os analistas prevêem que até ao final do ano o IDE na China ultrapasse os 60 mil milhões de dólares (43,55 mil milhões de euros), apesar da nova lei fiscal que vai entrar em vigor a 1 de Janeiro de 2008 aumentar de 15 para 25 por cento os impostos das empresas estrangeiras, enquanto reduz de 33 para 25 por cento a carga fiscal sobre as empresas chinesas.

João Costeira Varela (texto) e António Falcão (fotos)

Virar de página na educação

Maior autonomia pedagógica e curricular e maior exigência e fiscalização do trabalho das escolas, visando a qualidade, são alguns dos vectores do novo sistema educativo não-superior de Macau

Pela primeira vez desde 1991, o ano lectivo de Macau começa este Setembro com novidades estruturais importantes. 2007/08 é o primeiro ano da implementação da nova Lei do Sistema Educativo Não Superior. Qualidade curricular, por um lado, e gratuitidade completa até ao secundário complementar, por outro, são os objectivos que o Governo quis ver atingidos ao apresentar, no Verão de 2006, a nova proposta de Lei à Assembleia Legislativa. Na baliza deste novo enquadramento e gestão do ensino pré-universitário de Macau está um fundo criado recentemente, de 1500 milhões de patacas, cuja principal função é assegurar o financiamento do desenvolvimento adequado das escolas, nomeadamente as que ministram os primeiros quatro anos de ensino.
Do ponto de vista curricular, são criados mecanismos que conferem à escola uma maior autonomia pedagógica e curricular, mas são também definidos objectivos gerais que os estabelecimentos terão de cumprir ao nível das competências dos alunos e qualidade tanto da escola como do corpo docente das mesmas. A fiscalização ao trabalho das escolas vai apertar (ver entrevista com o director dos Serviços de Educação e Juventude, Sou Chio Fai, nestas páginas) mas numa perspectiva mais de cooperação do que hipotética punição por incumprimento. O propósito do Governo é, paulatinamente, dotar as escolas dos meios humanos e técnicos necessários para que o ensino ministrado melhore substancialmente de qualidade e se vire para as verdadeiras expectativas e necessidades dos alunos.
Nesta perspectiva, está pensado – e garante o Executivo que será implementado – um sistema de monitorização permanente com capacidade de resposta aos defeitos detectados no trabalho das escolas.

Ensino técnico-profissional

Do ponto de vista curricular, a nova lei, com diversos parâmetros ainda por regulamentar, quer transformar o ensino pré-universitário de Macau num universo pluridisciplinar, fugindo aos cânones do ensino tradicional que até aqui tem caracterizado o sistema de Macau. Se a lei de 1991 pretendeu unificar os sistemas - eliminando os sub-sistemas e criando um grande sistema – esta nova lei pretende optimizá-lo na óptica do utilizador, o aluno. Ou seja, o Governo vai incentivar as escolas – privadas e públicas – a apostarem forte no ensino técnico-profissional, por um lado, e a chamarem, progressivamente, os alunos para áreas de estudo até hoje um pouco negligenciadas pelo actual sistema, nomeadamente para as artes e para disciplinas como a filosofia, a história, a sociologia e a psicologia. Esta vertente será sobretudo dinamizada através de actividades extra-curriculares, cuja organização por parte das escolas contará com apoios especiais dos Serviços de Educação. A intenção é dar a experimentar aos alunos a prática e a aprendizagem em áreas fulcrais para uma sociedade, mas que a realidade económica e social de Macau não tem permitido potenciar.
No fundo das motivações para o lançamento de um programa deste género está, também, o reflexo de uma necessidade nova com a qual escolas e governo se começam a defrontar de forma séria: o combate ao abandono escolar.
Avaliação das escolas, educação contínua – também para adultos – e o planeamento global dos critérios curriculares serão, assim, as três grandes responsabilidades do Governo na implementação desta nova lei, cuja aplicação cabal, nomeadamente na vertente da sua regulamentação,

"...em Macau há um projecto de definir a região como plataforma de intercâmbio entre a China e os países lusófonos. Por cá, no entanto, há poucas pessoas que falam bem português e nós temos de proporcionar a criação dos quadros (...) que trabalharão nesse projecto"



será gradual e estará completa no prazo de dois anos lectivos. Uma das questões importantes a definir por regulamento administrativo será a da carreira docente, algo que o Governo prometeu tratar adequadamente e com a colaboração dos professores e das escolas. Uma das hipóteses em cima da mesa é a criação de um fundo de previdência para os docentes. Sublinhe-se que em Macau a esmagadora maioria das escolas funciona no sector privado – embora participem na rede de ensino gratuito -, ou seja, os seus funcionários não gozam das regalias da administração como gozam os seus colegas das escolas públicas.

Mais turmas, mais qualidade

Uma das críticas há muito apontadas ao sistema de ensino de Macau é o reduzido número de turmas por escola e a excessiva concentração de alunos por sala, cenário que, para os teóricos do sector, condiciona substancialmente a qualidade do ensino. Sensível a este argumento, o Governo decidiu estipular que, a partir deste mês de Setembro, o número máximo de alunos por turma baixa de 45 para 35 e o mínimo de 35 para 25. Desta forma, garante o Executivo, serão criadas as condições para uma melhor comunicação entre alunos e professores e uma aprendizagem mais cabal.



Por outro lado, e esta não é bem uma novidade pois já vinha sendo implementada de há algum tempo para cá, vai ser reforçado o novo mecanismo de atribuição de subsídios às escolas privadas. Se, antes, o subsídio era dado por cabeça – algo que levava muitas escolas a aceitar mais alunos do que seria desejável, prejudicando a qualidade do ensino -, agora passará a ser distribuído tendo por referência a quantidade de turmas. Quanto mais turmas, mais dinheiro a escola recebe.

Ensino patriótico

Outro dos pilares da nova Lei do Sistema Educativo Não Superior é o ensino patriótico. O objectivo das alterações curriculares impostas pelo Governo é "aproximar as gentes de Macau do seu país, sob o princípio de 'Amar Macau, Amar a Pátria'". A pátria é a China e, segundo Sou Chio Fai, este ensino patriótico será desenvolvido sobretudo através das disciplinas de História e Educação Cívica. Passará sobretudo pela

identificação de símbolos e conceitos de aproximação e pelo desenvolvimento de um sentimento de pertença. Haverá, garante a DSEJ, verbas próprias para levar grupos de alunos em visitas de estudo à China, de forma a verem in loco aquilo que lhes é explicado em teoria na sala de aulas. Trabalhos de campo serão pedidos com maior frequência, não apenas em relação à China como também a Macau. O ensino da história do território será, de resto, reforçado, mas no contexto da história da China. "Macau é China e a História de Macau também é a história da China", explica Sou Chio Fai.

Para a Associação de Estudantes Chong Wa de Macau, uma das maiores da RAEM, não há dúvidas de que "o sistema de ensino melhorará significativamente com a aplicação da nova legislação". Num depoimento escrito enviado à Revista Macau, a direcção daquela associação salienta que "a nova lei é o produto de um esforço árduo do Governo e da comunidade escolar de Macau e merece todo o nosso apoio, sobretudo na questão da extensão do ensino gratuito." Gostavam, porém, que tivessem sido tratadas já nesta iniciativa legislativa matérias como a criação de mecanismos para garantir que as crianças em idade escolar estão de facto a estudar, a uniformização dos materiais escolares e a criação de exames regionais. Questões que o Governo considerou mas para as quais decidiu ainda não avançar, preferindo apostar na fiscalização aos estabelecimentos e no estreitamento da cooperação.

Uniformizar materias didácticos

No depoimento, a associação de Estudantes Cho Wa de Macau sublinha também o lado positivo da implementação do ensino patriótico, realçando que "é preciso criar materiais didácticos que uniformizem essa formação para que cada escola não desenvolva o seu próprio conceito de ensino patriótico." Os conceitos, sublinha a associação, "devem ser definidos pelo Governo." Esta questão foi prevista pelo Executivo, que planeia a definição global dos currículos das diferentes disciplinas, estabelecendo competências e objectivos a atingir. Apesar da ressalva, a associação acredita "nas obrigações cívicas dos cidadãos e na educação patriótica".

Para a Associação da Nova Juventude Chinesa de Macau, uma das mais representativas das classes mais jovens da população de Macau, esta lei, apesar de ainda ser cedo para fazer uma avaliação, "tem a vantagem de dotar Macau de um sistema de ensino mais adaptado à sua nova realidade social, cultural e económica." Em declarações à Revista MACAU, U Wai Ang, a presidente da ANJCM, exorta ainda o Executivo a regulamentar "o mais depressa possível a carreira docente do sector privado, de forma a que os professores possam estar rapidamente aptos a melhor responder aos desafios sociais." U considera mesmo que deveria haver uma uniformização de critérios da actividade docente, nomeadamente nos relativos à carga horária, aos salários, à evolução na carreira e à protecção na reforma. O Governo, na discussão do diploma na Assembleia Legislativa, prometeu tratar do assunto durante os dois primeiros anos de vigência da nova lei. A ANJCM considera que o tal Fundo para o Desenvolvimento Educativo poderia também ser usado para subsidiar os docentes que ministram no sector privado.

A ANJCM vê com bons olhos o reforço da educação cívica, considerando que o Governo está, com esta lei, "a tentar dar resposta aos problemas éticos que surgem numa sociedade dinamizada em torno do sector do Jogo". U defende que paralelamente ao estipulado por esta nova lei, o Governo deveria "apostar também na formação dos professores na questão da educação cívica, apoiando-os na correcta formação do carácter dos jovens estudantes." Da mesma forma,



elogia a forma como o Governo "está a promover o diálogo entre as escolas e as famílias", realçando que na vertente da educação cívica e do acompanhamento dos encarregados de educação será importante criar "mais actividades conjuntas e viradas para o contexto familiar."

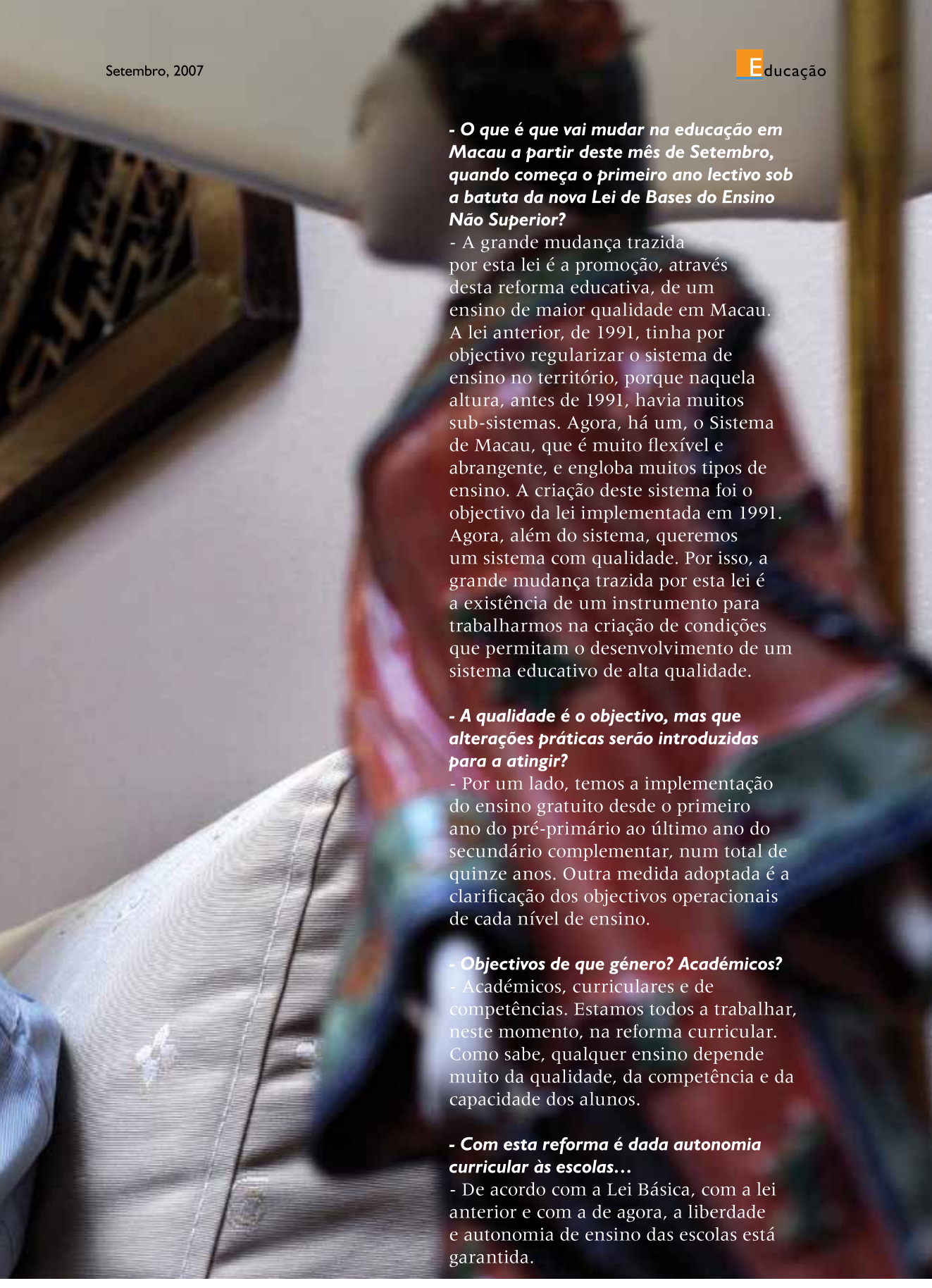
Macau como plataforma

Mais do que regulamentar, a nova legislação marca um virar de página na política de educação do Governo de Macau. Uma parte importante desta política é também a preparação de quadros para servir Macau na sua incumbência de plataforma de contacto entre a China e os países de língua portuguesa. Nesse contexto, estão a ser preparadas várias medidas consideradas cruciais para atrair mais jovens de Macau para a aprendizagem do Português. Na entrevista à Revista MACAU, o director dos Serviços de Educação e Juventude explica os passos que se irão dar.



Aposta na qualidade

Sou Chio Fai – Director dos Serviços de Educação e Juventude



- O que é que vai mudar na educação em Macau a partir deste mês de Setembro, quando começa o primeiro ano lectivo sob a batuta da nova Lei de Bases do Ensino Não Superior?

- A grande mudança trazida por esta lei é a promoção, através desta reforma educativa, de um ensino de maior qualidade em Macau. A lei anterior, de 1991, tinha por objectivo regularizar o sistema de ensino no território, porque naquela altura, antes de 1991, havia muitos sub-sistemas. Agora, há um, o Sistema de Macau, que é muito flexível e abrangente, e engloba muitos tipos de ensino. A criação deste sistema foi o objectivo da lei implementada em 1991. Agora, além do sistema, queremos um sistema com qualidade. Por isso, a grande mudança trazida por esta lei é a existência de um instrumento para trabalharmos na criação de condições que permitam o desenvolvimento de um sistema educativo de alta qualidade.

- A qualidade é o objectivo, mas que alterações práticas serão introduzidas para a atingir?

- Por um lado, temos a implementação do ensino gratuito desde o primeiro ano do pré-primário ao último ano do secundário complementar, num total de quinze anos. Outra medida adoptada é a clarificação dos objectivos operacionais de cada nível de ensino.

- Objectivos de que género? Académicos?

- Académicos, curriculares e de competências. Estamos todos a trabalhar, neste momento, na reforma curricular. Como sabe, qualquer ensino depende muito da qualidade, da competência e da capacidade dos alunos.

- Com esta reforma é dada autonomia curricular às escolas…

- De acordo com a Lei Básica, com a lei anterior e com a de agora, a liberdade e autonomia de ensino das escolas está garantida.



“As competências estão definidas na lei, as escolas têm de se esforçar para as atingir”

- Isso não será contraproducente para a melhoria da qualidade do ensino? Programas diferentes de escola para escola implicam, necessariamente, níveis qualitativos diferentes…
- Com certeza mas, como sabe, há um mercado completamente livre que não funcionará na perfeição na questão da concorrência, a qualidade é outro assunto. O que estamos a fazer neste momento é, por um lado, garantir sistematicamente a autonomia de ensino da escola. Por outro lado, definimos, nós, o produto de cada nível de ensino.

- O produto?
- O produto. Aquilo que são as competências necessárias para cada nível de ensino.

- Se esse produto não for atingido, quem é que sofre as consequências? Os professores ou os alunos?
- Quem sofre as consequências é a sociedade.

- Que mecanismos é que existirão para o Governo assegurar que esse produto é atingido?
- De acordo com esta lei, uma parte muito importante do nosso trabalho é a inspecção, que será muito reforçada. Não existe um exame regional em Macau, por isso, o que nós vamos fazer é, através da inspecção, empreender uma avaliação global dos nossos estabelecimentos de ensino. Com essa atitude poderemos saber com pormenor o nível qualitativo de cada escola, saber se ela atinge os objectivos requeridos. Escolas públicas e privadas, claro. Se as escolas não conseguirem atingir os objectivos e os alunos as competências, competirá aos nossos serviços perceber quais as razões para que tal aconteça.

- As escolas poderão ser obrigadas a alterar os seus métodos, a reformar o seu corpo docente?
- Podem, podem. As competências estão definidas na lei, as escolas têm que se esforçar para as atingir. As que mostrarem dificuldades em atingir esses patamares poderão contar com o apoio técnico e financeiro do Governo.

- Até aqui, muitas das críticas apontadas ao sistema de ensino, mesmo vindas do próprio Governo, eram referentes ao facto de muitas escolas de Macau privilegiarem a quantidade face à qualidade, dado que os subsídios do Governo eram atribuídos por cada aluno inscrito. Vai mudar alguma coisa neste parâmetro?
- Na verdade, o subsídio atribuído às escolas que integram a rede de ensino gratuito já não é equacionado com base no número de alunos.

- Sim, mas esta realidade é mais significativa no ensino secundário complementar, que só este ano lectivo é que é gratuito…
- Sim, mas calculamos o subsídio de uma maneira diferente. A gente não quer quantidade apenas, queremos, acima de tudo, qualidade. Em vez de darmos subsídios de acordo com o número de alunos, damos subsídios de acordo com o número de turmas. Isto levará a uma diminuição do número de alunos por turma e a um aumento da qualidade do ensino. Dependendo do nível de ensino, haverá um número máximo de alunos por turma. O máximo baixa de 45 para 35, e o mínimo de 35 para 25. Este é um esforço considerável.

- Numa sociedade como a de Macau, que se está a desenvolver com base praticamente em apenas uma actividade económica, são cada vez mais frequentes e sentidos os apelos, até do Governo, à diversificação da economia. Há, também, uma maior atenção do Governo às questões sociais, em reacção aos apelos da população, que deveria ser seguido de uma diversificação académica. No ensino pré-universitário, o que é que poderia ser feito para levar os nossos jovens a querer estudar sociologia, antropologia, filosofia, artes…?


“Outro projecto que temos, já em andamento, é a promoção do ensino técnico-profissional, visando a diversidade dos alunos e as suas diferentess capacidades”

- Estamos neste momento a desenvolver três actividades principais nesse âmbito. Temos um projecto de actividades extra-curriculares, que passa por subsidiar as escolas que podem organizar actividades recreativas culturais e desportivas.

- Em termos curriculares, não faria sentido incluir mais psicologia, mais filosofia, mais história e artes nos programas gerais de ensino?

- O projecto que referi há pouco é imediato. Outro projecto que temos, já em andamento, é a promoção do ensino técnico-profissional, visando a diversidade dos alunos e as suas diferentes capacidades. Os alunos não têm todos interesse em estudar artes, letras ou ciências e temos de diversificar o ensino pré-universitário. De momento temos 41 escolas secundárias em Macau, onze delas já têm este tipo de ensino técnico-profissional. O terceiro projecto é a reforma curricular, que passa pela introdução de disciplinas mais práticas nos programas, como a fotografia, por exemplo. Esta reforma é muito importante para nós. O primeiro e segundo projectos são imediatos, o terceiro é um trabalho para o médio-longo prazo.

- Neste momento, no ensino secundário, é obrigatório o estudo da psicologia, da filosofia ou da história?

- Não. Obrigatória só a língua materna, uma língua estrangeira, a matemática e a educação cívica. As outras disciplinas são opcionais. Quanto à diversificação do estudo, além deste trabalho que estamos a fazer nas escolas, trabalhamos com os alunos através do aconselhamento escolar de forma a eles próprios poderem saber quais as suas potencialidades e assim melhor escolher o curso superior ou o emprego que melhor lhes convenha no mercado de trabalho. Estamos também a criar oportunidades para os nossos alunos estudarem não só em Macau, mas também lá fora.

- De que forma?

- Visitei em Junho a ministra da Educação de Portugal exactamente por causa deste projecto. Como sabe, em Macau, há o projecto de definir a região como uma plataforma de intercâmbio entre a China e os países lusófonos. Por cá, no entanto, há poucas pessoas que falam bem Português e nós temos que proporcionar a criação dos quadros, a formação das pessoas, que trabalharão nesse projecto, pessoas bilingues. Queremos criar um meio para os nossos alunos irem estudar em Portugal, não só Direito mas também outros cursos superiores. Por um lado, vamos criar, através de protocolo, uma percentagem de lugares universitários em Portugal especificamente para os alunos de Macau, não só de etnia portuguesa mas também de etnia chinesa, enfim para residentes de Macau. Já há um pré-acordo e com esta quota os alunos não precisarão de ter as mesmas notas de acesso dos seus colegas em Portugal. A ideia é mais ou menos aquela que já existe em Portugal para os portugueses que vivem no estrangeiro. No entanto, como em Macau os alunos não falam ou falam muito pouco o Português, nós vamos fazer outra coisa. Para os alunos interessados em fazer o curso em Portugal, nós vamos dar-lhes um curso intensivo de Português, com a duração de três ou quatro anos, em conjunto com a Escola Portuguesa de Macau. Vamos colaborar no curso intensivo de Português e nas disciplinas nas quais eles necessitarão de fazer as provas específicas de acesso à Universidade.

- Que outros apoios existem para os alunos que queiram estudar no estrangeiro?

- Estamos também a colaborar com a Fundação Macau para ajudar os alunos que consigam entrar em cursos superiores nas primeiras trinta universidades do Mundo. Um aluno que consiga entrar numa destas universidades recebe uma bolsa anual de 250 mil Patacas, a fundo perdido. A

única condição é o aluno comprometer-se a vir trabalhar para Macau quando acabar o curso.

- O Governo apresentou a nova Lei de Bases do Ensino Pré-Universitário com um conjunto de objectivos e propostas bastante amplo. Houve, porém, uma insistência específica num conceito diferente, o "ensino patriótico". Consegue explicar o que é o ensino patriótico e como é que este se adapta a uma sociedade como a de Macau?

- Tal como o Chefe do Executivo já anunciou, temos de formar as novas gerações de Macau com patriotismo, sob o princípio "Amar Macau, Amar a Pátria". O que estamos a fazer, neste momento, é no capítulo da educação cívica, com a adopção de um novo manual didáctico para o currículo dessa disciplina. É com este manual que queremos aumentar nos nossos alunos os conhecimentos sobre Macau e sobre a China continental. Não será, porém, uma questão apenas de conhecimento. Será também uma questão de atitude, de atitude mais correcta face a Macau e à pátria. Vamos também dar subsídios às escolas para estas organizarem visitas de estudo à China.

- A História de Macau vai, finalmente, entrar o currículo?

- A história de Macau faz parte da história da China, vai também entrar no ensino ministrado nas nossas escolas.

- O Português deixou de ser língua obrigatória nas escolas públicas. Isto não será um passo atrás na prossecução do objectivo que há pouco referiu ser o do sistema de ensino de uma região que quer ser uma plataforma de contacto entre a China e os países de língua portuguesa?

- Não é bem assim. O Português poderá não ser ensinado. Nas escolas oficiais, estas podem optar por uma das línguas oficiais, Chinês ou Português, como língua de instrução. A outra língua deixa de ser obrigatória, mas a escola tem obrigação de a oferecer se os alunos a escolherem como opção. Acho que não é contraproducente, se os alunos aprendem uma coisa que não lhes interessa o resultado não será satisfatório.

- Mas não se corre o risco de, no médio, prazo, deixar de haver alunos a aprender Português nas escolas públicas de Macau?

- Não há esse risco porque os nossos alunos são espertos. Um dos factores que determina o interesse da aprendizagem é a utilidade e o mercado de trabalho. Após 1999 houve uma quebra no ensino do Português, mas os alunos estão atentos. Assim que Macau se definiu como a plataforma que atrás referi, o número de alunos interessados em aprender Português subiu.

- Há falta de professores de Português?

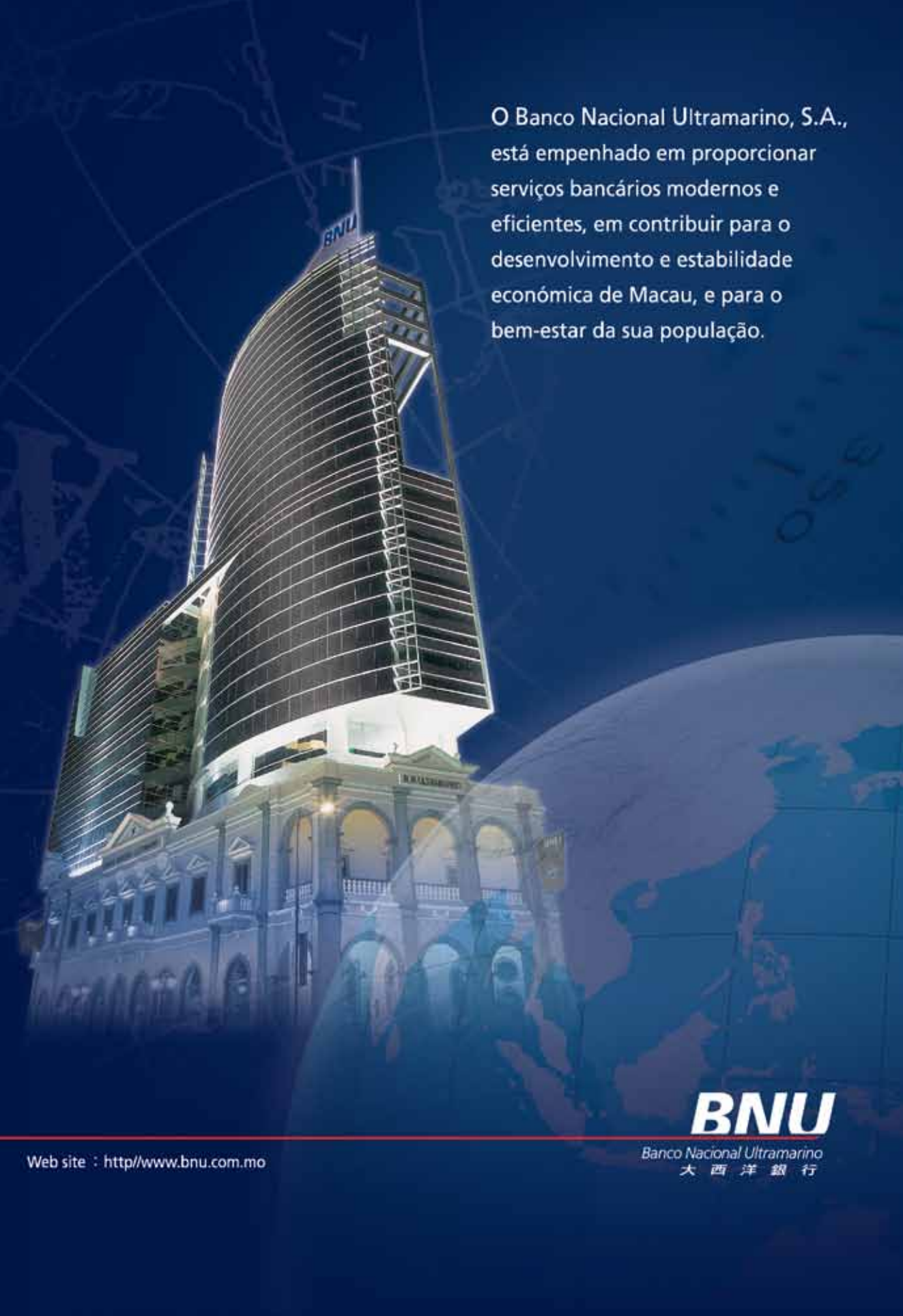
- Há. E por isso é que fui duas vezes a Portugal este ano para recrutar professores. Os alunos estão a aumentar de número tanto nas escolas públicas, como na Universidade como no próprio Instituto Português do Oriente. O Governo tem a responsabilidade de responder a esta necessidade da população, e é isso que estamos a fazer.

- O interesse dos alunos pelo Português também aumentou nas escolas privadas de Macau?

- Sim, aumentou. Há mais escolas que nos pedem ajuda para poderem oferecer aos seus alunos o ensino do Português, pedem-nos para destarcarmos professores para as suas estruturas.

- Mantém relações de amizade e intercâmbio com os Ministérios da Educação de outros países lusófonos, à semelhança das que mantém com Portugal?

- Há colaborações, mas muito pontuais. Temos toda a vontade de o fazer, mas depende do estudo daquilo que poderemos fazer. Neste momento, ainda não há nada.



O Banco Nacional Ultramarino, S.A., está empenhado em proporcionar serviços bancários modernos e eficientes, em contribuir para o desenvolvimento e estabilidade económica de Macau, e para o bem-estar da sua população.

BNU
Banco Nacional Ultramarino
大 西 洋 銀 行

Web site : http//www.bnu.com.mo

Joyce Pina

Toda a Ásia em Macau



Foto: Arquivo

Um ano depois dos Jogos da Lusofonia, Macau volta a ser palco de um grande evento desportivo. Em Outubro, a região administrativa especial acolhe milhares de atletas oriundos dos 45 países e regiões da Ásia para competições em que a inovação é a palavra de ordem. O evento é da responsabilidade do Comité Organizador dos 2os Jogos Asiáticos em Recinto Coberto (MAIGOC)

Os Jogos Asiáticos em Recinto Coberto são considerados, do ponto de vista do número de pessoas envolvidas, o maior evento desportivo alguma vez organizado em Macau. Entre os dias 26 de Outubro e 3 de Novembro milhares de pessoas, de todo o continente, desde atletas a treinadores, passando por oficiais, jornalistas e outros profissionais ligados à área do desporto, vão estar na Região Administrativa Especial de Macau. Durante nove dias, jovens atletas asiáticos vão competir em 17 modalidades, algumas com traços "exóticos" até para os mais atentos ao fenómeno desportivo.

À semelhança de outros eventos multidesportivos criados nos últimos anos no circuito internacional, os Jogos Asiáticos em Recinto Coberto (a primeira edição aconteceu há dois anos em Banguecoque) são fruto do desenvolvimento da prática desportiva no continente asiático.

A Ásia tem vindo a apostar na formação de atletas e na organização de provas de grande dimensão; como os Jogos Asiáticos de Doha, em Dezembro passado, que reuniram, no Qatar e pela primeira vez, os 45 membros que integram o Conselho Olímpico da Ásia, a entidade reconhecida pelo Comité Olímpico Internacional (COI) para organizar eventos desportivos de nível continental e internacional na região.

O facto de ser cada vez maior o número de países na região que reúne condições para a promoção da prática desportiva e o aparecimento de novas modalidades, em muito devido às novas tecnologias e melhoria das condições económicas e sociais, fizeram com que o COI optasse por diversificar e multiplicar os eventos que organiza.

Aos Jogos Asiáticos, que se realizam de quatro em quatro anos, juntaram-se novas competições como os Jogos de Inverno, os Jogos de Praia e os Jogos em Recinto Coberto. Este desenvolvimento é visto como uma forma de permitir aos atletas asiáticos aceder a provas com padrões de exigência internacionais e a promover, em simultâneo, modalidades recentes ou outras disciplinas que, por norma, não se encaixam nos grandes eventos internacionais como os Jogos Olímpicos.

Macau exemplifica diversificação

Os Jogos em Macau são disso exemplo. Do programa constam um rol de modalidades que, nalguns casos, há uns anos, dificilmente entrariam em altas competições, como é o caso dos jogos electrónicos ou os desportos radicais.

O desporto radical, no evento de Macau, adquire forma, nas suas várias categorias; aparecem as práticas físicas milenares, como é o caso do *kabaddi*, e também as disciplinas desportivas com origem na Ásia. É apresentado o *hoop sepaktakraw* (uma espécie de mistura entre voleibol e basquetebol jogados com todo o corpo), a natação com barbatana, o *muay* (ou boxe tailandês), o *bowling*, o *kurash* do Uzbequistão ou o xadrez.



Fotos: Arquivo

Atletismo em pista coberta

A Federação Internacional de Atletismo situa a origem da modalidade na pré-história. O atletismo tem evoluído e dado origem a um grande número de disciplinas, sendo praticado em masculinos e femininos por pessoas de todas as idades. Em pista, ao ar livre, na estrada, na montanha e em recinto coberto, são várias as formas de praticar a modalidade.

Em Macau, onde a variante em recinto coberto não tem tradição, foi já feito um evento teste durante este ano a pensar nos jogos, de forma a permitir aos atletas locais sentir as diferenças. O tipo de piso e a dimensão das pistas de Macau fazem com que haja aspectos distintos em relação à vertente mais clássica do atletismo.

Para os espectadores, o recinto fechado confere uma maior espectacularidade às competições, devido, em muito, à proximidade com os atletas.





Ciclismo de salão

Na realidade esta modalidade (ciclismo de salão) compreende duas disciplinas diferentes: o ciclismo artístico, uma espécie de ginástica em cima de uma bicicleta, e o ciclismo com bola, que apresenta semelhanças, em termos de objectivos, ao hóquei em recinto coberto, mas jogado em cima de duas rodas.

A modalidade apareceu na Europa no início do século passado, tendo conquistado um número de praticantes significativo na variante com bola.

A partir de meados do século, conhece uma maior expansão. Os últimos vinte anos foram decisivos para a sua entrada na Ásia.

Hong Kong organizou, em 1993, o primeiro campeonato do mundo de ciclismo de salão alguma vez realizado fora da Europa.

Ginástica Aeróbica

É uma das modalidades dos Jogos Asiáticos em Recinto Coberto de Macau virada essencialmente para os mais jovens. Disciplina que exige grande preparação física, a ginástica aeróbica começou por ser uma forma de manter o corpo em forma, mas rapidamente passou para o nível da competição, combinando coreografias de aeróbica com elementos de ginástica.

As primeiras provas tiveram lugar na Ásia e nos Estados Unidos da América, na década de 1980. A Federação Internacional de Ginástica reconheceu oficialmente a disciplina em 1995. Durante as provas, os atletas são avaliados não só pelos movimentos que fazem como também pela força, flexibilidade, coordenação e musicalidade.

Bilhar

Disciplina familiar do grande público, é uma modalidade em que se exige mais capacidade de concentração e estratégia do que força física. O bilhar, tal como hoje é conhecido, teve origem no início do século XIX. À semelhança de outras modalidades, o tempo fez com que fosse evoluindo, por um lado, e desse origem a outras variantes. São várias as competições anuais da disciplina, reunindo um grande número de praticantes e de fãs na Ásia.

Bowling

Modalidade muito popular tanto ao nível profissional como amador, a origem do *bowling* perde-se no tempo. Há quem aponte a Índia como local onde terá surgido a disciplina, mas foram também encontrados objectos em pesquisas arqueológicas que levam a concluir que era prática no Egipto antigo, no espaço onde actualmente se situa a Finlândia e o Iémen.

A variedade de locais faz com que seja também múltiplas as formas de jogo ao longo dos tempos.

Ao nível da competição, os atletas da modalidade lançam uma bola, com um peso determinado, ao longo de uma pista, sendo o objectivo derrubar os pinos colocados na extremidade oposta.

Xadrez Desportivo

Nos 2os Jogos Asiáticos em Recinto Coberto de Macau, o xadrez é apresentado em duas categorias distintas: o xadrez internacional e o xadrez chinês. De acordo com a organização, em ambas as categorias o objectivo é capturar o rei do adversário, que na disciplina oriental dá pelo nome de *"shuai"* ou *"jiang"*.

A organização dos Jogos Asiáticos em Recinto Coberto em Macau frisa ainda que o xadrez chinês pode ser considerado

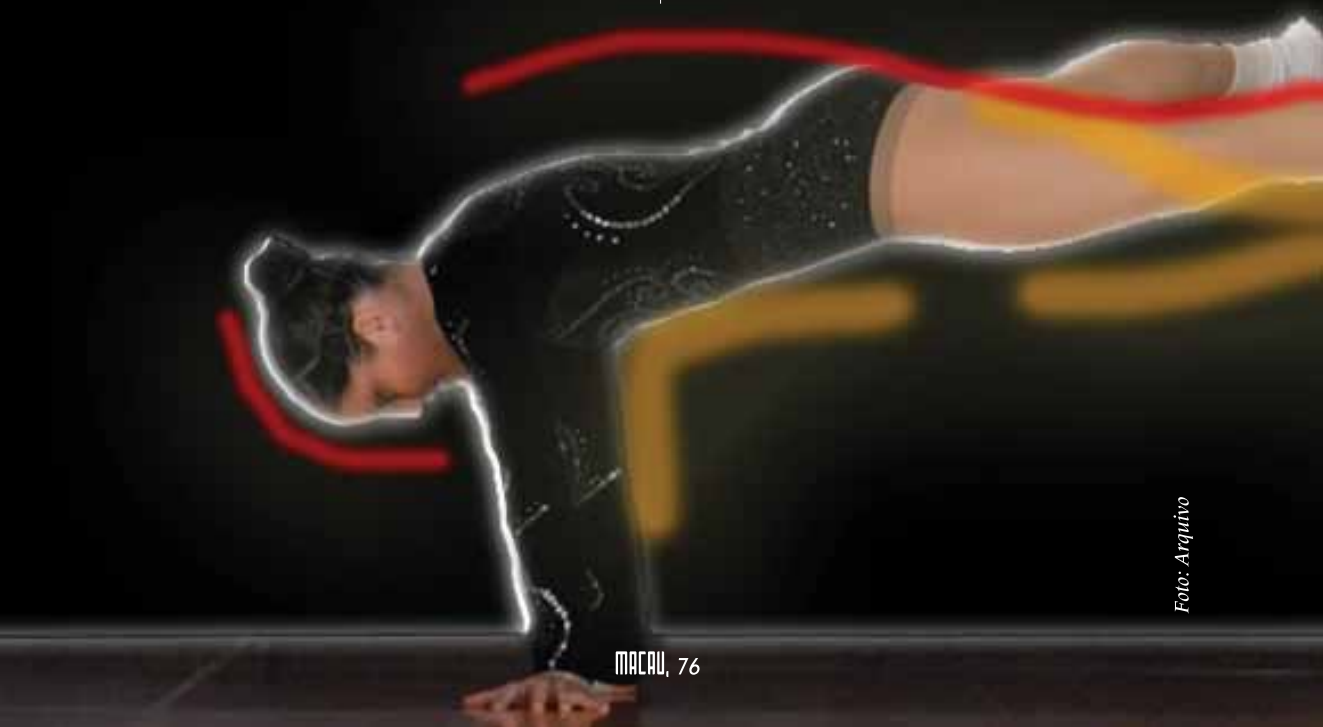


Foto: Arquivo

como uma das modalidades que retrata com mais exactidão "a sabedoria asiática".

Dança Desportiva

Com grande popularidade na Ásia, a dança desportiva, pelas características que apresenta, faz com que os pavilhões que acolhem as provas estejam cheios de espectadores.

Modalidade olímpica, praticada em todo o mundo, conta com quatro milhões de atletas a nível internacional. De difícil execução, resulta da combinação de habilidades artísticas e pode ser praticada em dois estilos, o *standard* e a dança latina.

Dança do Dragão e do Leão

Actividade física que dispensa apresentações na China, de onde é originária, a modalidade compreende duas disciplinas diferentes e tem um enorme peso simbólico na tradição oriental.

Os atletas têm que executar movimentos complexos e é necessária uma enorme capacidade de cooperação entre os elementos da equipa.

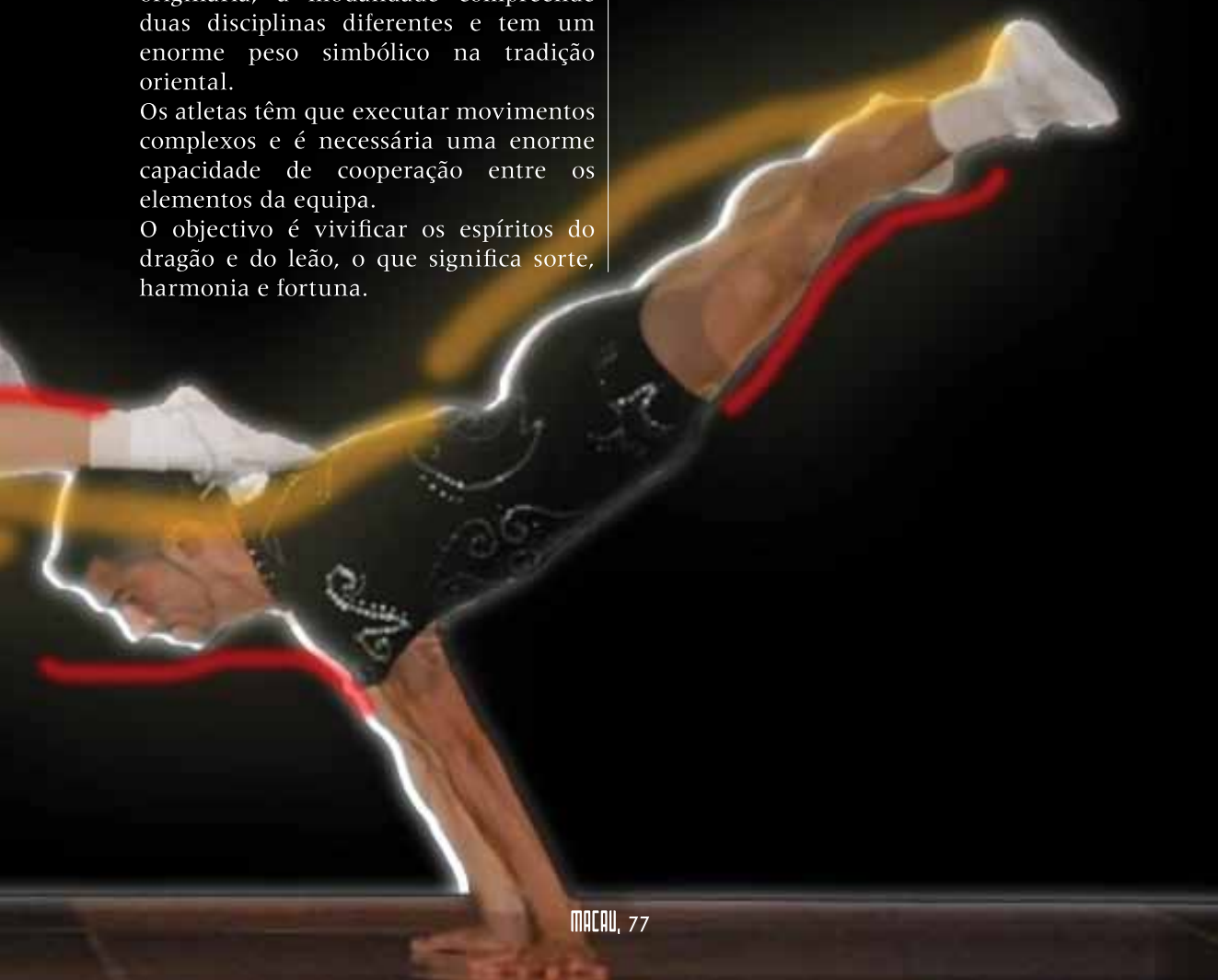
O objectivo é vivificar os espíritos do dragão e do leão, o que significa sorte, harmonia e fortuna.

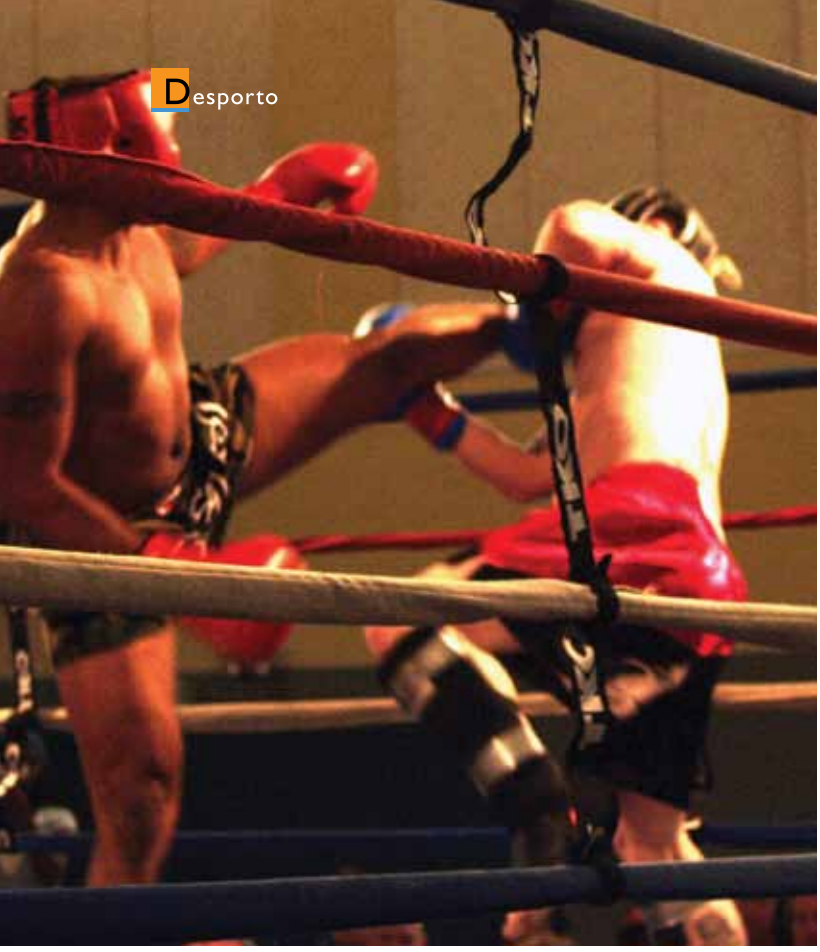
Jogos Electrónicos

É uma modalidade pouco convencional e exemplo de como as tecnologias podem estar ao serviço de novas práticas desportivas. Nas competições da disciplina, vence quem reage mais rapidamente a desafios e situações inesperadas, sendo uma modalidade que exige, sobretudo, uma mente bem treinada e muita coordenação motora.

Os praticantes têm a mesma noção de desportivismo de atletas de outras modalidades.

No evento de Macau, os jogos desta disciplina são todos eles simulações de provas desportivas, como futebol e basquetebol.





Muay

É o desporto mais popular da Tailândia e é normalmente designado por boxe tailandês. Há centenas de anos que é praticado, não só no país de origem como em toda a Ásia, sendo único nos desportos de combate por permitir um contacto físico total entre os atletas.
Nos últimos anos, conheceu uma grande expansão a nível internacional, tanto entre espectadores como no crescente número de praticantes.

Desportos Radicais

Escalada desportiva, bicicleta *stuart*, *skateboard* e patins em linha. São estas as variantes dos desportos radicais que vão ser praticados em Macau.
Modalidade com um grau de espectacularidade muito grande, tem nos mais jovens tanto os praticantes como os fãs. É uma disciplina que desafia o corpo a descobrir os limites e a mente a testar a imaginação.

Hoop Sepaktakraw

Faz parte da lista de modalidades com origem na Ásia. Desporto que deriva do tailandês *sepaktakraw*, é jogado com uma bola e um arco, entre duas equipas de cinco atletas e um suplente. A bola pode ser movimentada com qualquer parte do corpo, sendo o objectivo o remate ao arco do adversário.
Exigindo pouca interactividade, a disciplina põe à prova as habilidades individuais e o controlo da bola.

Hóquei em Recinto Coberto

O hóquei em recinto coberto tem, como origem, o tradicional hóquei em campo. A menor dimensão do campo em que é praticado exige uma maior habilidade no controlo da bola. Desenvolvido na Europa na segunda metade do século passado, foi reconhecido pela federação internacional da modalidade em 1968.
Embora haja torneios regulares da modalidade desde 1972, a primeira competição mundial realizou-se apenas em 2003.

Natação em piscina curta

Tal como o atletismo, a origem da natação perde-se na história. Desenhos da Idade da Pedra no Egipto retratam "a cave dos nadadores". Existem referências bibliográficas que datam de 2000 a.C., mas o primeiro livro sobre a modalidade é do século XVI, de um autor germânico. As competições na Europa começaram no início do século XIX.

A natação integrou os primeiros Jogos Olímpicos da Era Moderna, em 1896 e, como noutras práticas milenares, foi sofrendo alterações à medida que aumentou o conhecimento do corpo e surgiram novas tecnologias. Nos Jogos Asiáticos em Recinto Coberto, as provas vão ser realizadas na piscina de 25 metros, o que exige mais velocidade, pelo maior número de viragens que os atletas têm que fazer.

Natação com barbatana

Disciplina com reconhecimento internacional recente, as primeiras tentativas de natação com barbatana datam de 1927.

Doze anos depois, em França, realizou-se a primeira competição desta vertente da natação que pretende imprimir maior velocidade às provas, com o recurso às barbatanas.

Futsal

O futsal surgiu na América Latina e resulta de uma adaptação do futebol convencional à prática em recintos fechados. O menor número de atletas em cada equipa – são apenas 5, ao contrário dos 11 do futebol tradicional – e a menor dimensão do campo de jogo, bem como o piso utilizado, fazem com que os praticantes tenham que responder com grande rapidez e velocidade, tornando-se assim uma modalidade muito procurada pelo público.



Fotos: Arquivo



Kabbadi

Presume-se que o *kabbadi* terá surgido na Índia, há cerca de quatro mil anos, como forma de melhorar a capacidade de auto-defesa dos soldados, ajudando-os ainda a ter um maior nível de coordenação em equipa. Modalidade de combate pouco dispendiosa e de regras simples, nunca perdeu a popularidade na Índia e chegou a outros pontos da Ásia, com variantes e nomes diferentes. É o desporto nacional do Bangladeche. O *Kabbadi* é também praticado na Europa, principalmente em Inglaterra, e nos Estados Unidos da América, havendo campeonatos mundiais da disciplina.

Uma das variantes apresenta sete jogadores por equipa, vestidos com calções curtos. Cada equipa envia para o campo adversário um elemento que tenta "capturar" um adversário antes de regressar ao seu lado do campo.

Originalmente, durante a "investida" para a captura o jogador tem de proceder à operação de um só fôlego. Para provar que não inspira, o elemento enquanto dentro do lado "inimigo" tem de gritar *kabbadi*, como é costume na Índia e no Paquistão, (embora no Bangladesh seja *hadudu*, e no Nepal *guddu*) constantemente até perder o fôlego.

Do lado defensor, os membros da equipa atacada formam um cordão humano para impedir o "atacante" de regressar ao seu lado do campo, mas todo este processo tem de ser feito de um só fôlego o que torna o deporto curioso e divertido.

Modalidades de demonstração

Kickboxing e *Kurash*



Fotos: Arquivo

Os eventos multidesportivos de dimensão internacional ou continental contemplam, por regra, demonstrações de modalidades que não alinham no programa desportivo comum. Em Macau, o público vai poder ver competições de *kickboxing* e de *kurash*.

Criada no início da década de 1970 nos Estados Unidos da América, o *kickboxing* é uma disciplina que tem origem no *karate*. No entanto, aos atletas é permitido um maior contacto e outro tipo de movimentos típicos dos desportos de combate.

Já o *kurash* é uma modalidade menos conhecida a nível internacional, mas com uma história bem mais longa. A arte marcial tradicional do Uzbequistão tem mais de 3500 anos e distingue-se facilmente de outras disciplinas do género pelo facto de os atletas usarem casacos, um azul e outro verde. Neste tipo de luta, os oponentes não podem agarrar as calças um do outro, sendo o contacto permitido em todas as outras partes do corpo.

- MANTENHA-SE LIGADO À REALIDADE DE MACAU, ATRAVÉS DO CIBERESPAÇO

- ONDE QUER QUE ESTEJA!

- BASTA UM CLIQUE NO SEU RATO, PARA TER ACESSO AOS CANAIS PORTUGUESES DA TDM



COM A TDM,
MACAU ESTÁ MAIS PRÓXIMO DE SI



ACRESCENTE O NOSSO ENDEREÇO À SUA LISTA DE PREFERÊNCIAS:





TDM

AGRADECEMOS A SUA PREFERÊNCIA

*Rui Boavida**

2008

Torres olímpicas

Falta um ano para que os olhos do mundo se voltem para a China, durante os Jogos Olímpicos de Pequim 2008. Através da nova arquitectura, o País prepara-se para evidenciar o seu valor

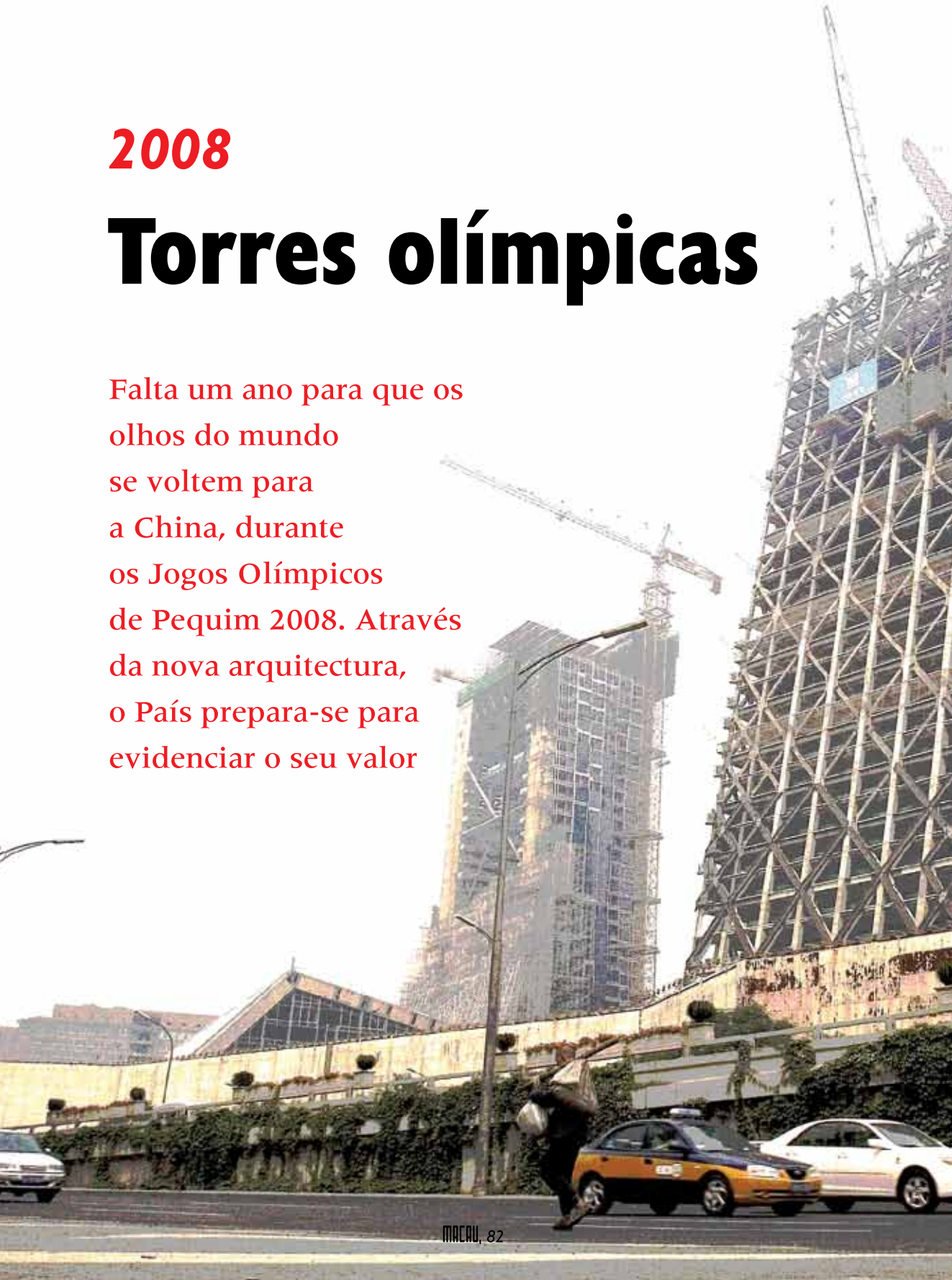




Foto: Lusa

Viver em Pequim é como criar um ouriço adolescente. Uma pessoa sai por uma semana e, ao regressar, olha para o horizonte e vê que nasceram novos picos na paisagem. Enquanto isso, os edifícios que já tinham nascido estão duas vezes maiores. E picos, ou arranha-céus, é o que não falta na capital chinesa, como um pouco por todo o país.

A um ano do arranque dos Jogos Olímpicos, a 8 de Agosto, se a China



Foto: Arquivo

tivesse de criar um novo símbolo para os estádios, como seria? A pergunta era um dos passatempos num recente churrasco na capital chinesa.
Entre diplomatas estrangeiros, professores, banqueiros, jornalistas e consultores, chineses e de fora do país, a resposta de uma arquitecta italiana foi a única com que todos concordaram. Dizia ela que pouca seria a surpresa se na opção escolhida figurassem o martelo e a grua, a escavadora, a betoneira e o capacete.
As cidades chinesas são um estaleiro permanente, num esforço de construção que parece seguir o lema olímpico de "Mais longe, mais alto, mais forte". No país de maior crescimento económico do mundo a nova arquitectura chinesa alista materiais inovadores, desenhos arrojados e arquitectos estrangeiros no esforço de provar ao mundo, e a si própria, o poder de uma superpotência em ascensão, cujo melhor símbolo é a Torre CCTV. Gigantesca, tal como tudo na China.

Prédios, poder e prestígio

Da Cidade Proibida à Grande Muralha, dos guerreiros de terracota de Xian ao Palácio de Verão, a China não precisa de lições sobre como projectar e demonstrar poder através da construção e das obras públicas.
A novidade é que a nova arquitectura e as novas construções exercem e demonstram o poder de forma cada vez mais discreta. Antes eram os Guerreiros de Terracota, o mausoléu imperial, a Cidade Proibida,



a residência do imperador, a Praça de Tiananmen, a sede do Governo, o Grande Palácio do Povo, a sede da Assembleia Popular.

Os novos grandes edifícios de hoje em dia não pertencem exactamente ao Governo Central, mas sim às empresas que dependem directamente do Estado, do Governo e do Partido.

As construções olímpicas dependem directamente do Governo Central, que as financia, mas a utilização desportiva retira-lhes o conteúdo abertamente político. O mesmo sucede com o edifício da CCTV, a televisão pública central chinesa. Vai albergar uma televisão – paga com fundos públicos, é certo - não um órgão de poder político. Em Cantão, a Torre do Rio das Pérolas será a sede da empresa estatal *Guangdong Tobacco*. O teatro de Pequim e a Ópera de Cantão são hinos às artes, não ao poder político que os financia.

Gerard Sabatier, professor de história na universidade francesa de Grenoble, definiu o processo como algo que acontece nas sociedade economicamente mais avançadas, uma "ideologia funcionalista, na qual o poder político tenta não parecer poder mas um autoridade que funciona ao lado de outras – a administração pública, as instituições económicas e culturais".

As novas construções da China têm também uma função clara. Legitimar o processo de desenvolvimento utilizando a linguagem arquitectónica dos grandes centros económicos e financeiros do mundo capitalista e, até certo ponto, ocidental.

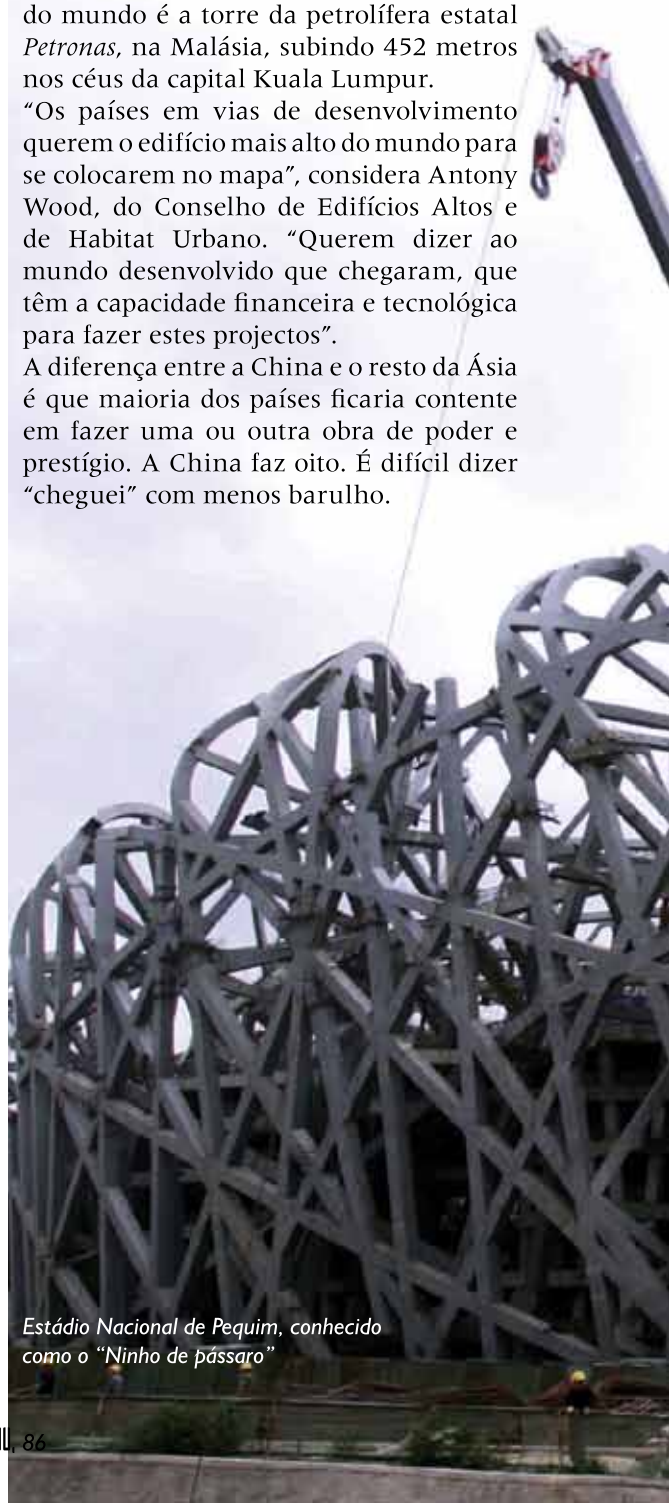
A mimetização é óbvia no *World Financial Centre* de Xangai, na Ópera de Cantão (preparada para receber óperas ocidentais, não ópera cantonense), ou nas "Torres Gémeas" já construídas em Pequim, para além dos milhares de condomínios um pouco por todo o país, como nomes como *Domaine du Rich* (Xangai), ou *Chateau Edimburgh* e *Beijing Chateau* (Pequim).

A construção de projectos arquitectónicos cada vez mais altos e complexos não é única na China. Sobretudo as economias asiáticas da Ásia e do Golfo Pérsico esforçam-se mais para construir em altura. Na actualidade, em todo o mundo estão em construção 42 torres super-altas (acima dos 305 metros de altura), a maioria no Médio Oriente e na Ásia.

Das torres já construídas, Taiwan tem a mais alta do mundo, a Taipe 101, com 509 metros de altura. A segunda maior do mundo é a torre da petrolífera estatal *Petronas*, na Malásia, subindo 452 metros nos céus da capital Kuala Lumpur.

"Os países em vias de desenvolvimento querem o edifício mais alto do mundo para se colocarem no mapa", considera Antony Wood, do Conselho de Edifícios Altos e de Habitat Urbano. "Querem dizer ao mundo desenvolvido que chegaram, que têm a capacidade financeira e tecnológica para fazer estes projectos".

A diferença entre a China e o resto da Ásia é que maioria dos países ficaria contente em fazer uma ou outra obra de poder e prestígio. A China faz oito. É difícil dizer "cheguei" com menos barulho.



Estádio Nacional de Pequim, conhecido como o "Ninho de pássaro"

Lugares de poder, poder dos lugares

O historiador italiano Giulio Carlo Argan dizia que a chegada das grandes cidades acompanha a chegada dos tempos modernos. "A grande criação política do século XVII foi o estado-nação, tipicamente na forma da monarquia absoluta. A concentração de poder levou à preeminência das cidades, que se tornaram centros de autoridade e sede dos órgãos do poder e da administração pública". Argan, aliás, sabia do que falava, tendo sido presidente da câmara de Roma, cidade ex-capital do Império.

Nesta lógica entre arquitectura e poder, é natural que os edifícios mais modernos cresçam nas maiores, nas mais ricas e nas mais poderosas cidades chinesas, como Pequim, Xangai e Cantão.

O poder do lugar é sobretudo importante no local onde os olhos do mundo se vão concentrar entre 8 a 24 de Agosto de 2008 – o Parque Olímpico chinês, sem dúvida o maior estaleiro de edifícios ultramodernos no mundo, para receber as provas das Olimpíadas.

O Ninho de Andorinha

A estrutura entrançada de aço que serve de símbolo aos Jogos Olímpicos de Pequim 2008 esteve quase para não ser construída. A culpa era do montante que os arquitectos suíços Jacques Herzog e Pierre de Meuron apresentaram. Um total de 3,8 mil milhões de renminbis.

Os poderes públicos sempre quiseram um desenho inovador para o estádio onde o presidente Hu Jintao vai dar como abertos os Jogos Olímpicos de Pequim 2008, cerimónia transmitida em directo nas televisões de todo o mundo, mas o orçamento não agradou.



Foto: Arquivo



Foto: Arquivo

As 42 mil toneladas de tubos de aço que tentam recriar os galhos de um ninho de pássaro dobram-se e suportam o Estádio Nacional, o nome oficial do edifício. Para além do preço, a concepção levantou também dúvidas quanto à segurança do edifício. Mas com o tempo a passar e a data das Olimpíadas a aproximar-se, o Governo deu luz verde à construção, desde que saísse do projecto a cobertura retráctil, que representou uma poupança de seis milhões de renminbis.

As aberturas na estrutura do edifício favorecem a circulação natural do ar, com os espaços abertos a cobertos com a mesma membrana translúcida que será usada no Centro Aquático Nacional. Mesmo em caso de chuva, a membrana protegerá os 91 mil espectadores.

A construção do Estádio Nacional deverá terminar no final de 2007. O que vai acontecer à estrutura quando os Jogos abandonarem o Ninho, é algo ainda por decidir pelo Governo chinês.

O Cubo Aquático

É o mais ecológico e o mais popular de todos os edifícios olímpicos. Numa recente sondagem, o público chinês considerou o Cubo Aquático o projecto mais popular do país.

Tal como o Ninho de Andorinha, foi a natureza que inspirou o Cubo Aquático. Mas se o Estádio Nacional tem como objectivo recriar uma estrutura natural



Centro Aquático Nacional, conhecido como "Cubo aquático", o mais popular de todos os edifícios olímpicos da China

inteira, o Centro Aquático Nacional evoca uma estrutura microscópica.
As três mil bolsas de ar feitas de plástico reciclado que envolvem a estrutura tentam recriar a forma mais comum na natureza – organização das células orgânicas. O projecto consegue assim copiar a forma mais eficiente na natureza de ocupar os espaços vazios tridimensionais, para além de reduzir o preço e tornar a construção mais eficiente.
"Percebemos desde o início que uma estrutura baseada nesta geometria única seria altamente repetitiva e fácil de construir tendo, ao mesmo tempo, uma aparência orgânica e aleatória", disse Tristram Carfrae, da empresa que forneceu os serviços de engenharia aos autores do projecto, a firma de arquitectura australiana PTW e à empresa estatal chinesa *China State Construction Engineering Corporation*.
A rede de finos tubos de aço que passam por entre as bolhas (as bolsas de ar) dão consistência à construção, permitindo ao Cubo de Água manter-se de pé durante tremores de terra, sem recorrer ao betão ou a vigas estruturais.
A membrana translúcida que o plástico cria permite também a entrada de muito mais luz e calor que o vidro, ajudando a aquecer a água das cinco piscinas e a reduzir em 30 por cento a factura energética.
O preço do Centro Aquático Nacional é desconhecido, e a obra deverá terminar no final de 2007.

O Computador

O Centro de Comunicações dos Jogos Olímpicos de Pequim 2008 inspira-se no circuito integrado de um computador mas, apesar disso, a sua elegância surpreende. Uma série de fios de água corre numa série irregular de painéis de LED (Diodo Emissor de Luz), entalhados num dos alçados do edifício.
Com a forma de uma caixa e revestimento em betão, alumínio e vidro, o *Digital Beijing*, como lhe chamaram o arquitecto Zhu Pei e o atelier Urbanos, que conceberam a obra, quer também evocar um código de barras, reflectido na superfície aquática que rodeia o edifício.
O chão do primeiro andar do *Digital Beijing* é feito à base de plexiglas, na construção de um tapete digital translúcido onde poderão ser vistas diversas projecções de imagens.
Na fachada do edifício que, repetindo as áreas sólidas e as áreas vazias, simboliza a repetição digital do um e do zero, os arquitectos optaram pela utilização de novos materiais, mais baratos. Em vez de pedra, tal como estava previsto no projecto original, o edifício terá uma fachada de alumínio leve, semelhante à pedra mas a uma fracção do preço.



Teatro Nacional de Pequim, conhecido como "O ovo", um projecto de Paul Andreu

O preço total do *Digital Beijing* nunca foi anunciado, mas sabe-se que a construção terá de terminar no final de 2007, tal como os outros edifícios olímpicos, concebidos para causar impacto.
Depois dos Jogos, o edifício servirá de local de exibição para a indústria digital e, esperam os arquitectos, deverá estar em constante remodelação, tal como o próprio sector das tecnologias da informação. A factura da manutenção do *Digital Beijing* poderá assim vir a ser muito maior que a da construção.

O Ovo, Pequim

O que meio ovo pode fazer. O Grande Teatro Nacional de Pequim, do arquitecto francês Paul Andreu, chamou mais a atenção pela controvérsia que causou do que pelo projecto em si.
Os críticos afirmam que o edifício, com a forma de uma nave espacial extraterrestre, pertence mais ao cenário de um filme de ficção científica do que à Praça de Tiananmen, o centro simbólico e político da China, onde está implantado.



Foto: Arquivo

O Governo chinês espera que a cobertura oval parcialmente revestida por placas de titânio ajude o Grande Teatro Nacional a tornar-se no novo símbolo da capital do país.

O teatro estará pronto em Setembro de 2007 e terá a inauguração oficial a 1 de Outubro, Dia Nacional da China, reforçando a ideia de que a liderança do país quer que o teatro mostre a nova identidade chinesa.

O projecto do teatro, aprovado pouco depois de Pequim ter ganho a candidatura para receber os Jogos Olímpicos, é um afastamento radical da arquitectura utilitarista e neoclássica do vizinho do lado, o Grande Palácio do Povo.

Com capacidade para seis mil pessoas e um custo anunciado de 3,8 mil milhões de renminbis, o edifício tem na realidade a forma de um meio ovo, que se completa através do reflexo no lago dos jardins circundantes.

As primeiras críticas são sobre a forma como a cúpula em vidro e a água do fosso circundante se vão portar de encontro às condições ambientais de Pequim, uma das mais poluídas cidades do mundo, que sofre de constante poluição atmosférica, emissões de partículas, tempestades de areia, fumos causados pela combustão do carvão que assegura a maioria do consumo energético e de calor da capital chinesa.

Para além da componente ambiental, as más-línguas põem também em causa o *feng shui* do projecto. O teatro tem uma área de 150 mil metros quadrados, com a entrada através de um túnel de vidro sob a água dos lagos. Tudo demasiado parecido com um mausoléu tradicional chinês, mais do que com uma ópera.

A polémica aumentou de tom com a derrocada, em 2004, da extensão do terminal do aeroporto Charles de Gaulle em Paris, também um projecto de Paul Andreu.

À noite, através da cúpula de vidro transparente, o Grande Teatro Nacional será visível por quem quer que passe na rua, podendo até assistir de fora a parte das récitas. Uma transparência que é pouco habitual na China, embora a ideologia da alta cultura para as massas seja parte integrante da tradição comunista.

O Saca-Rolhas, Xangai

A torre *World Financial Center* de Xangai, o centro económico e financeiro da China, terá 101 andares quando estiver concluído no início de 2008.

A frente do edifício do arquitecto Bill Pendersen, da firma de arquitectura



Foto: Arquivo

A pouco menos de um ano do iníco das competições olímpicas a finalização das infraestruturas intensifica-se

Kohn Pedersen Fox, é atravessada a toda a altura por dois arcos, acentuando os 492 metros de altura, o máximo que permite a legislação para Lujiazui, a zona de Xangai onde a torre se situa.

No topo do *World Financial Center* abre-se uma "porta celeste" quadrada de seis andares, uma abertura que no início do projecto era para ser redonda, num piscar de olhos ao feng shui das portas lunares dos jardins chineses, mas o presidente da câmara de Xangai exigiu a mudança, por considerar que a forma redonda era demasiado parecida com o símbolo do sol nascente das forças japonesas que invadiram a China durante a Guerra do Pacífico.

Com a abertura quadrada veio a alcunha que os habitantes de Xangai deram à torre - o "saca-rolhas gigante", mas a porta celeste é também uma solução prática para aliviar a pressão dos ventos sobre o edifício.

Com um preço de 850 milhões de renminbis, o *World Financial Center* terá também um hotel de seis estrelas, o *Park Hyatt*, que será o mais alto hotel de luxo do mundo.

Torre do Rio das Pérolas, Cantão

A nova sede da *Guangdong Tobacco Company*, um dos maiores fabricantes de cigarros da China, quase que dá ao fumo um bom nome. O projecto da *Skidmore, Owings and Merril*, de Nova Iorque, visa levar a construção sustentável a novas altura, pelo menos à altura dos 71 andares do edifício.

Os arquitectos prometem que este será o primeiro arranha céus com um consumo zero de energia, o que significa que a torre vai gerar tanta energia quanto a que consome.

A meta é ambiciosa e para a cumprir não chega instalar acessórios ecológicos, tais como painéis solares. Toda a concepção

de raiz do edifício foi feita para atingir a meta de consumo zero.
A localização na margem do Rio das Pérolas em Cantão, capital da província de Guangdong, permite reunir três fontes renováveis de energia –a água, o vento e o sol.
A fachada de paredes duplas é constituída por células fotovoltaicas que absorvem energia solar e é revestida a vidro anti-reflexo que isolam o interior dos reflexos e do calor que faz aumentar o consumo de ar condicionado.
As paredes do edifício causam também a condensação da água na atmosfera, que o edifício depois recolhe e que, em conjunto com o ar, alimenta um sofisticado sistema de aquecimento e arrefecimento do interior com um consumo energético 60 por cento inferior aos sistemas comuns.
As três curvas em que a torre se divide conduzem o vento para as aberturas nos andares, onde se situam os sistemas mecânicos do edifício. As aberturas permitem atenuar a pressão do vento e canalizar essa força para mover as turbinas eólicas que irão produzir muita da electricidade que a Torre do Rio das Pérolas vai consumir.
Quando estiver terminado em 2009, esperam os arquitectos, a torre será um manual para a construção de edifícios energeticamente eficientes.

A Ópera de Cantão

Se a Ópera de Pequim de Paul Andreu foi acusada de ser um OVNI, a nova Ópera de Cantão da arquitecta Zaha Hadid é que parece vir de outro planeta.
Só alguém com a fama de Zaha Hadidl, a primeira mulher a vencer o Pritzker, o equivalente na arquitectura a um prémio Nobel, poderia ter convencido o Governo da província de Guangdong, da qual Cantão é capital, com o projecto da ópera.
Com uma área de 46 mil metros quadrados, capacidade para 1800 espectadores e uma sala multiusos com 2500 metros quadrados de área, o desenho da ópera evoca dois seixos lado a lado.
Segundo a memória descritiva do projecto, os dois seixos "estão em perfeita sintonia" com o local de construção, na margem do Rio das Pérolas, e "reflectem a viagem da cidade através da história".
A arquitectura insinuante do edifício remete também, diz a memória descritiva, para as notas altas e agudas da ópera cantonense. A ópera relaciona-se também de forma directa com quem passeia na rua. Graças ao acesso aberto à margem do rio e à zona de docas enquanto uma rua interna atravessa o edifício. A coberta de acesso à ópera, pelo lado do rio, será local de lazer para os visitantes, incluindo cafés, lojas e restaurantes.

A Jóia da Coroa

Um exército marcha no centro de Pequim. Em vez das braçadeiras vermelhas dos Guardas da Revolução, os novos soldados usam capacetes amarelos. Nada menos do que dez mil operários trabalham dia e noite para construir a torre CCTV, a resposta chinesa às pirâmides de Egipto.
O estaleiro da obra é uma cidade em si mesmo, no centro de Pequim. E a Torre da CCTV, que vai mudar para sempre o céu da capital chinesa e mesmo, há quem diga, a arquitectura mundial, impõe respeito. Desde logo pelo tamanho, pela altura, pela escala. E depois, pela ambição.
A torre cresce num lote de dez hectares em pleno centro financeiro e de negócios de Pequim. A forma básica é a de duas torres em forma de "L" unidas no topo através de uma ponte em arco.
A torre mais alta terá 230 metros de altura com uma superfície de solo de 405 metros. Os dois prédios em vez de paralelos, descaem na base num ângulo de 60 graus em relação ao solo. No topo, no entanto, para que se encontrem, desdobram-se num ângulo do 90 graus.
Apesar dos jornalistas da CCTV já chamarem o projecto de "calças", a

sua construção é um acaso muito sério que desafia todos os códigos de construção e de engenharia conhecidos, só possível graças às novas técnicas de engenharia, obvias nos padrões da fachada.

O padrão exterior do edifício adopta um esqueleto de rede de com tubos de aço que atravessam a fachada em vidro e dão apoio a toda a estrutura, inclusive em caso de tremor de terra.

O próprio arco de 12 andares de ligação das duas torres terá de ser terminado precisamente ao início da manhã, antes do sol nascer,



Foto: Lusa

para concentrar a força do aço.

A construção da Torre da CCTV, um projecto do Office of *Metropolitan Architecture (OMA)* do holandês Rem Koolhas, vai terminar em 2009 e custará 5,8 mil milhões de renminbis.

Com 52 andares e 400 mil metros quadrados, só o Pentágono ultrapassa em termos de área a Torre da CCTV. Nada mau, para um par de calças. Ou para o símbolo da China do futuro.

** Jornalista da Lusa, em Pequim*



Tocha olímpica (em cima)

Futura sede da CCTV, canal público de televisão da China, em Pequim (à esquerda)

O contributo de Macau

Os cálculos de Pequim indicam que serão necessários uns 100 mil voluntários para várias tarefas durante a realização dos Jogos Olímpicos e dos Jogos Paraolímpicos.

O processo de candidatura para o serviço de voluntariado termina em Maio do próximo ano. No entanto os responsáveis pelo recrutamento quase não têm mãos a medir porque o número de candidatos já ultrapassou o meio milhão. São, na maioria jovens oriundos do Continente chinês, mas Taiwan, Macau e Hong Kong, assim como países vizinhos ou do Ocidente, também são fonte de candidatos a voluntários. Uma condição prioritária – todos têm de falar ou poder comunicar em mandarim.

Macau, que se quer posicionar como um centro de estágio e de treino para atletas de alta competição de nível internacional e que já tem toda uma infra-estrutura desportiva montada, que serviu os Jogos da Lusofonia e vai ser usada nos Jogos em Recinto Coberto (ver artigo nesta edição), vê nos Jogos Olímpicos 2008 uma oportunidade para enriquecer o seu curriculum vitae.

Quem vier de Pequim trará um capital de experiência que a região administrativa especial pode aproveitar para as suas ambições desportivas.

O que Macau pode oferecer aos Jogos Olímpicos 2008 em termos de voluntariado não se mede em termos de quantidade numérica: serão, acima de tudo, candidatos capazes de comunicar em mandarim e em português para dar assistência aos atletas de países de língua portuguesa.

Até ao Verão, o Instituto de Desporto de Macau, entidade encarregada de gerir o processo de candidaturas dos voluntários em Macau e responsável pela promoção dos Jogos Olímpicos no território, tinha registado uns mil candidatos para o evento.

Essas pessoas, na maioria jovens, foram ou serão sujeitas a um treino para depois serem observadas por Pequim, que tem a última palavra no que toca à sua "contratação". O Comité Organizador dos Jogos Olímpicos de Pequim ainda não definiu quantos voluntários vai necessitar de Macau.

O treino básico para qualquer voluntário ao serviço deste evento inclui conhecimentos gerais sobre os Jogos Olímpicos e Jogos Paraolímpicos; história e cultura da China e vida cultural de Pequim, no caso de Macau, história do território; conhecimentos gerais de assistência médica, de operações de salvamento e de assistência a pessoas com deficiências físicas. E apenas serão considerados para o lugar aqueles que souberem sorrir, porque "Sorrir é o melhor cartão de visita" é o lema destes Jogos Olímpicos.

Gilberto Lopes

Salto mortal na estreia

Macau viu Nani estrear-se com a camisola do Manchester United e assistiu ao salto mortal do jovem futebolista português, uma das grandes contratações dos *red devils* para a temporada que acaba de se iniciar



O Estádio de Macau encheu para ver o campeão inglês, que efectuou uma digressão à Ásia na pré-época. O *Manchester United* jogou no Japão, Coreia do Sul, China (Cantão e Macau). Em Macau, Ronaldo e companhia estagiaram durante quatro dias.

Cerca de 16 mil espectadores vibraram com a equipa de Alex Ferguson, que goleou os chineses do *Shenzhen Xiangxue Eisiti* por 6-0. Nas bancadas muitos adeptos de Hong Kong, que marcaram também presença no treino aberto, que levou cerca de 4000 fãs ao Estádio da Taipa.

Para Ronaldo e Nani, a passagem por Macau foi marcante, já que os jogadores tiveram a oportunidade de ouvir os adeptos portugueses aplaudir as suas jogadas. Ronaldo confessou que estava muito satisfeito por estar em Macau, "pois sei que há aqui muitos portugueses, que a nossa língua é um dos idiomas oficiais".

Cristiano Ronaldo, confirmando o seu estatuto de estrela, foi dos jogadores mais aplaudidos pelo público. E em muitos momentos ouviu gritar C-Long Na Tou, o seu nome em cantonês.

O futebolista português, que muitos apontam como um dos principais candidatos ao título de melhor jogador do Mundo, que a FIFA (Federação Internacional de Futebol) vai atribuir no próximo ano, revelou sempre grande simpatia com os adeptos, o que, de resto, foi realçado pelo próprio treinador do *Manchester United*. "Ronaldo é um rapaz inteligente e que sabe perfeitamente tomar conta da sua vida, ao contrário de alguns jogadores que não têm uma boa relação com a fama e com o mediatismo", disse Alex Ferguson. "Ronaldo não tem esse problema. Desde que chegou ao *Manchester* nunca deu sinais de ficar empolgado ou vaidoso com o estatuto de estrela. Por isso, nunca fico preocupado com as inúmeras solicitações de que é alvo para dar entrevistas ou nos contactos com os adeptos. Já viveu muito desde que chegou, mas agiu sempre da melhor

maneira e amadureceu de forma fantástica", destacou o técnico escocês.

O jogo de Macau ficará também marcado na carreira do jovem Nani. O antigo jogador do Sporting estreou-se em Macau com a camisola dos *red devils* (não jogou em Tóquio e Seul). Actuou durante 59 minutos e marcou o seu primeiro golo com a camisola dos "diabos vermelhos". Em Macau, Nani deu também o tradicional salto mortal, movimento com que o jovem futebolista costuma festejar os golos que marca. Alex Ferguson "proibiu", no entanto, Nani de continuar a festejar em grande estilo para evitar eventuais lesões. Em Cantão, voltou a "facturar", mas já não deu o salto mortal…

O jogo que serviu de ensaio para os Jogos Asiáticos em Recinto Coberto foi um excelente teste para a competição que em Outubro vai trazer a Macau atletas de 45 países e territórios.

O *Manchester United* está, por outro lado, a estudar a hipótese de criar na Ásia uma escola de futebol. Macau é uma das possibilidades em análise, mas os responsáveis pelo clube inglês ainda não tomaram a decisão final. Cantão e Hong Kong estão também interessados em receber a escola de futebol do *Manchester United*.

Fotos: Lusa

Cristiano Ronaldo com os fãs em Macau

Novo jornal em língua inglesa

Desde o dia 1 de Junho que Macau conta com mais um jornal diário em língua inglesa. Chama-se *Macau Daily Times* e é dirigido pelo jornalista Rodolfo Ascenso.

Com uma tiragem prevista de dez mil exemplares, sete dias por semana, com suplementos ao fim-de-semana e entre 32 a 40 páginas por dia, a publicação quer revolucionar o mercado local com notícias para todos os que não lêem nas línguas portuguesa ou chinesa.

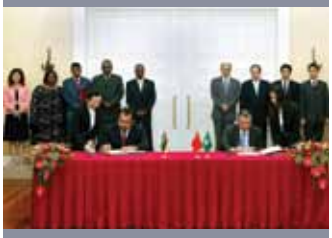
Este é o segundo jornal diário em língua inglesa da RAEM, depois de há três anos ter saído para as bancas o *Macau Post Daily*.



Juntos contra a evasão fiscal

Moçambique e Macau assinaram um acordo para evitar a dupla tributação e prevenir a evasão fiscal em sede de impostos sobre o rendimento. O acordo foi assinado pelo ministro moçambicano das Finanças, Manuel Chang, que esteve em Macau entre os dias 14 e 17 de Junho, e o secretário para a Economia e Finanças, Francis Tam.

Durante a sua estadia no território, Manuel Chang, acompanhado pelo embaixador de Moçambique em Pequim, António Inácio Júnior, manteve reuniões de trabalho com os Serviços de Finanças, Instituto de Formação Turística e com o Secretariado Permanente do Fórum para a Cooperação Económica e Comercial entre a China e os Países de Língua Portuguesa.



Centro de estudos sino-lusófonos

As relações económicas e comerciais entre a China e os países de língua portuguesa e seus impactos serão alvo de estudo científico no Instituto Inter-Universitário de Macau, que criou recentemente o Centro de Investigação sobre as Relações Económicas e Culturais entre a China e os Países de Língua Portuguesa (CHIPOR).

Entre os projectos do CHIPOR está a avaliação das oportunidades de negócio na China e nos Países de Língua Portuguesa.

Além dos estudos a serem realizados em cada um dos países abrangidos, o projecto do Centro inclui conferências e seminários e a publicação semestral de uma revista em português e chinês.



Curso de português para chineses

Em Outubro arranca um curso de três anos para alunos do ensino médio de Macau que pretendam frequentar cursos superiores em Portugal. Esta é uma iniciativa dos Serviços de Educação de Macau em conjunto com a Escola Portuguesa de Macau (EPM). A formação inclui língua, gramática, cultura e a vida quotidiana.

O curso é um complemento de um outro programa de língua e cultura portuguesas que já foi ministrado na EPM, a pedido dos Serviços de Educação, e que contou com a participação de 93 alunos de língua materna chinesa de escolas secundárias do território.

Em Macau, cerca de 45 mil alunos frequentam o ensino secundário leccionado em chinês.





Chefe do Executivo na província de Fujian

Macau e a província de Fujian vão organizar conjuntamente uma acção no espaço europeu comunitário para angariar negócios para a região. Esta foi uma das medidas anunciadas aquando da visita do Chefe do Executivo, Edmund Ho, a Fuzhou para participar no Seminário de Cooperação Económica Fujian – Macau e Desenvolvimento da Costa Ocidental do Estreito, e na Reunião Anual da Associação Promotora da Cooperação Económica entre Fujian e Macau.

Fujian e Macau pertencem à aliança regional chinesa do Grande Delta do Rio das Pérolas também conhecido como "9+2".



Fórum do Grande Delta

O Chefe do Executivo participou no 4º Fórum para a Cooperação e Desenvolvimento da Região do Grande Delta do Rio das Pérolas, em Chansha, durante o qual anunciou que Macau quer potenciar relações económicas entre os países de língua portuguesa e os 11 membros do Fórum.

Edmundo Ho lembrou que "o volume global do comércio entre a China e os países de língua portuguesa cresceu dez mil milhões de dólares em 2003 para 30 mil milhões até aos dias de hoje" e sublinhou os esforços desenvolvido por Macau para promover a qualidade de serviços locais junto dos membros do Fórum do Grande Delta do Rio das Pérolas.



Macau assina suplemento do CEPA

Macau assinou com o Continente o Suplemento IV ao Acordo de Estreitamento das Relações Económicas e Comerciais entre o Continente Chinês e Macau (vulgo CEPA).

De acordo com o IV Suplemento, com base nos compromissos existentes sobre a liberalização do comércio de serviços, a partir do próximo ano, o interior da China procederá à maior liberalização nos 17 sectores de serviços existentes, bem como acrescentará 11 outros como a informática e serviços conexos, investigação e estudos de mercado, serviços de consultadoria para a gestão, utilidade pública, limpeza de edifícios, serviços fotográficos e impressão.

Ao mesmo tempo, são reduzidos os requisitos exigidos na entrada do mercado chinês quer a bancos quer a companhias financeiras do território.



Visitas a Moçambique, Angola e Portugal

Representantes do sector financeiro de Macau estiveram no passado mês de Julho em Moçambique, Angola e Portugal em mais uma acção de cooperação da China com os países de língua portuguesa através de Macau.

O grupo, num total de 21 pessoas, integrou representantes dos maiores bancos em actividade em Macau como o Banco Nacional Ultramarino, o Espírito Santo do Oriente, o BCP, o BPI, o Banco da China, o Tai Fung, o Weng Heng e o Luso-Internacional.

Sofia Jesus

De portas abertas

A recentemente reeleita presidente da Casa de Portugal em Macau (CPM), Amélia António, defende a alteração dos estatutos da associação no sentido de ela passar a acolher no seu seio, em condições especiais, elementos de outras comunidades

Reeleita no passado mês de Junho, Amélia António, advogada com uma carreira de 25 anos em Macau, refere que "os estatutos [da associação] estão feitos exclusivamente para a comunidade portuguesa". Uma lacuna que entende ser necessário colmatar. Basta ver, diz, o interesse cada vez maior manifestado pela comunidade chinesa e por outras comunidades nas actividades da Casa.
A tarefa não é fácil, reconhece. A abertura a essas comunidades implica uma aposta nas traduções – para as línguas chinesa ou inglesa, pelo menos – e isso acarreta custos elevados. "Mas é uma das coisas que quero fazer", assegura.
Neste sentido, uma das hipóteses que sugere é a criação de uma figura, nos estatutos, "que enquadre os não portugueses", não os fazendo sócios de pleno direito – para "não desvirtuar a função" da Casa –, mas permitindo-lhes um contacto mais próximo com a associação. Um pouco à semelhança da actual figura dos "amigos" da CPM, cuja lista integra tanto nomes de peso nos livros de História, como Xanana Gusmão, como o casal de industriais que cedeu a sede provisória da associação, antes do Executivo lhe atribuir a actual, no nº 28 da Rua Pedro Nolasco da Silva. Aberta agora das dez da manhã às oito da noite – para tentar facilitar a vida aos sócios que trabalham –, a sede da CPM pretende ser, segundo Amélia António, "um local de convívio". Para isso, as instalações incluem uma televisão – frente a um ecrã gigante, recorda, muitos portugueses viveram as emoções dos jogos do Mundial de Futebol de 2006, madrugada adentro –, computadores com ligação gratuita à Internet, sala de leitura onde alguns sócios passam para ler o jornal do dia e ainda salas de aulas para os cursos de formação, organizados sobretudo na área das novas tecnologias.
Porque "o importante é o colectivo", Amélia António não tem dúvidas na mensagem que quer passar.

Uma associação com seis anos

Mais de 400 anos depois de os portugueses terem pisado pela primeira vez a Cidade do Nome de Deus e volvidos quase oito desde a transferência de poderes do território para a China, a comunidade lusitana, embora minoritária, parece continuar a dar que falar em Macau. Em menos de uma década de existência, a história da Casa de Portugal na RAEM confunde-se com a do sucesso dos jovens atletas que forma, dos cursos que dá, do trabalho dos artistas que divulga.
Há tri-campeões nos Barcos-Dragão e escolas de patinagem, há conferências e workshops e há até prémios para incentivar os mais novos a cultivar a língua de Camões.



Foto: António Falcão

Amélia António, ao centro, durante as celebrações do 25 de Abril em Macau

Como conta Amélia António, a associação nasceu pouco tempo depois do regresso do território à mãe pátria. Corria o final do ano de 2000, princípios de 2001, e muitos portugueses residentes na RAEM tinham ainda algum receio do que poderia vir a ser o seu futurona Região. Por isso, decidiram unir-se para manter viva a presença lusitana, "preservando a identidade da comunidade e o seu património cultural" e "servindo de interlocutor permanente e privilegiado para os seus problemas específicos", mas também "cooperando com as associações representativas da comunidade chinesa e de outras comunidades residentes", como se lê nos seus estatutos. A associação viria a ver formalmente a luz do dia a 1 de Junho de 2001. Tendo como presidente da primeira direcção João Costa Antunes – director dos Serviços de Turismo –, começaram por dar vida à Casa cerca de 500 sócios. Hoje, as estatísticas dão conta da existência de quase 800. Mas os números enganam, alerta a advogada, estimando-se que cerca de 200 pessoas tenham entretanto deixado Macau.
Na lista dos benefícios dos sócios somam-se descontos em várias entidades do território, mas também o usufruto de preços especiais – ou nalguns casos isenções – nas actividades desenvolvidas pela CPM. E iniciativas não faltam.

Actividade multifacetada

Só nos primeiros seis meses do corrente ano a CPM organizou a projecção de filmes e documentários, trouxe concertos com direito a recolha de fundos para ajudar Timor-Leste, montou exposições e festejou datas especiais, do "25 de Abril" ao São João. No campo das actividades anuais, espaço ainda para a atribuição do prémio CPM, destinado a recompensar os melhores









Foto: cortesia Casa de Portugal em Macau

alunos do ensino secundário na disciplina de Língua Portuguesa – um concurso que já viu o prémio pecuniário aumentar para as três mil patacas por aluno e que a presidente espera vir a ver ser estendido aos estudantes do ensino superior, já no próximo 5 de Outubro.

A tudo isto, soma-se o desporto. Porque, como sublinha Amélia António, é importante apoiar os jovens – muitos deles "longe do contexto familiar" alargado –, a CPM tem investido tempo e meios na promoção das actividades desportivas e na formação de novos atletas capazes de representar a RAEM nas competições regionais e internacionais.

No currículo da equipa de hóquei em patins, conta a presidente, já constam "n" vitórias. Mesmo a nova equipa feminina – única na RAEM e por isso sem ninguém com quem competir no território – viu no ano passado a hipótese de participar no campeonato em Macau, mediante um acordo que obrigava as equipas masculinas dos vários clubes a integrar duas atletas durante a competição.

Além do hóquei, há ainda uma equipa de basquetebol, outra de bolinha, outra de futebol e a famosa escola de Barcos-Dragão, que já deu à equipa da CPM três títulos de campeã. Mas Amélia António quer ir mais longe. A criação de uma escola de natação e a formação de uma equipa feminina de basquetebol são dois dos objectivos do seu segundo mandato à frente da associação.

Reeleita no mês passado, a advogada quer rever os estatutos, de modo a que permitam, por exemplo, a entrada de sócios com menos de 18 anos – "para ganharem o gosto pela vida associativa" e rejuvenescer os membros.

A revisão passa ainda por incluir no documento uma alusão à Casa também enquanto grupo desportivo já que, lamenta, a falta desta formalidade pode gerar problemas nos pedidos de subsídios ao Governo.

Mas o que interessa, sublinha Amélia António, em jeito de conclusão, "é fazer chegar às pessoas que a comunidade portuguesa existe, está activa e tem valores".

PUB CEM

*Luís Nestor Ribeiro**



A Oeste Nada de

O cinema chinês tem conseguido manter-se em evidência nas mais diversas plateias, durante as duas últimas décadas. Se exceptuarmos as produções anglo-saxónicas, é a cinematografia que alcançou mais prémios e distinções em eventos internacionais

O realizador Zhang Yimou (5ª Geração) considera que os filmes chineses são frequentemente incompreendidos no Ocidente. Esta constatação radica, a seu ver, no facto de haver uma tendência exacerbada para se examinarem as obras através de uma "lente demasiado política".
O cineasta lamenta que a crítica ocidental politize demasiadamente, de forma bipolarizada, as produções oriundas da China. Sustenta que se os filmes não evidenciam abertamente uma posição *anti-establishment*, então são considerados, numa perspectiva meramente redutora, simples obras de propaganda. Sugere que se acabe com este *parti pris*, porque as narrativas são habitualmente complexas, permitindo diferentes leituras e abordagens.
Esta posição esteve na origem da decisão do realizador retirar *Not One Less* (Nenhum A Menos) do mediático Festival de Cannes. Desde então, Berlim e Veneza têm sido os certames mais atentos e empenhados em dar a conhecer o que se produz no interior da China continental. No entanto, em 2007 a presença chinesa fez-se notar na *Croisette* [1]: Maggie Cheung [2], actriz de Hong-Kong, fez parte do júri; Jia Zhang-Ke, realizador, participou como jurado na selecção dos documentários e curtas-metragens apresentados à secção *Cinéfondation*; Qin Bian, crítico de cinema, participou no painel de jurados da mostra *Un Certain Regard* (mais vocacionada para as produções independentes) e Wong Kar-wai apresentou a concurso a sua primeira obra filmada na América, *My Blueberry Nights*. Considerando que em 2006 a actriz Zhang Ziyi também participara como membro do júri em Cannes e que Zhang Yimou presidiu ao júri do Festival de Veneza (composto exclusivamente por realizadores) que teve início no final de Agosto deste ano, pode afirmar-se, sem veleidades, que o cinema chinês tem conseguido manter-se em evidência nas mais diversas plateias, durante as duas últimas décadas. Se exceptuarmos as produções anglo-saxónicas, é a cinematografia que alcançou mais prémios e distinções em eventos internacionais dedicados à sétima arte durante o período em questão.
Apesar das pressões que os cineastas têm que enfrentar para poderem concretizar os seus projectos e do controlo exercido pelo organismo que supervisiona os audiovisuais, o cinema chinês nunca logrou apresentar uma imagem unificada da China, acabando por retratar várias Chinas, o que é uma prova eloquente de vitalidade criativa dos seus autores e da diversidade étnica e cultural deste grande pais.

A geração urbana

Após o abalo provocado pelo *crash* das economias asiáticas em 1987, as transformações operadas na cena política da China, em 1989, e as incertezas que pairavam sobre o *handover* de Hong-Kong (1997), assistiu-se à emergência de um

NOVO

crescente número de primeiras obras de jovens realizadores chineses. Desde o início de 1990, o meio cinematográfico chinês conheceu uma transformação radical no seu *modus operandi*. Enquanto os estúdios centrais enfrentavam uma série de constrangimentos de ordem financeira e ideológica, originados por uma série de reformas institucionais, eis que irrompeu de forma autónoma, dentro e fora dos estúdios, uma alternativa. A protagonizar este renovado compromisso de fazer cinema estavam muitos estudantes e artistas candidatos a cineastas que se movimentavam nas grandes urbes, à margem dos meios de produção oficiais, principalmente em Pequim e Xangai. A entrada da China para a Organização Mundial do Comércio em 2001 fomentou a implementação de novos regulamentos e métodos de produção, incluindo uma medida determinante que revolucionou o meio: a possibilidade dos produtores independentes produzirem filmes sem necessitarem de estar filiados em estúdios oficiais. Um moderno cinema urbano despontou, acompanhado por um forte empenhamento em captar a realidade, através da rodagem de documentários, com uma forte carga social, constituindo um privilegiado testemunho do seu mundo peculiar, um sinal dos tempos.

O movimento que originou a 6ª Geração do Cinema Chinês gravitou numa primeira fase, em torno de realizadores como Zhang Yuan, Wang Xiaoshuai, He Yi e Lou Ye. Embora tivessem frequentado a Academia de Cinema de Pequim (*Beijing Film Academy*), estavam descontentes com o tipo de ensino ali ministrado, criticando-o por ser demasiado académico, persistindo na promoção do legado socialista numa época de incerteza moral e ideológica. O seu primeiro impulso de afirmação foi o de cimentar um distanciamento em relação aos nomes consagrados pela geração precedente, que tanto sucesso tinha granjeado, principalmente no Ocidente. O seu *motto* era o de documentar a crescente destruição-reconstrução do tecido social e identidade urbana. A realidade fragmentada do espaço das cidades passou a constituir o seu campo de pesquisa primordial. É nesse palco que se projectam as pulsões dos seus actores, indivíduos frequentemente perdidos na imensidão de um labirinto apocalíptico, ditado pela urgência de uma urbanização em larga escala encetada pela China, ao avançar para um novo século em que pretende impor-se globalmente.

A intensidade destas mudanças e consequentes transformações sociais só encontram talvez um paralelo na história recente chinesa com a primeira vaga de modernização forçada, ocorrida com a abertura de vários portos chineses ao tráfego marítimo imposto pelas potências

A 6ª Geração gravitou em torno de realizadores como Zhang Yuan, Wang Xiaoshuai, He Yi e Lou Ye (foto com Zhang Ziyi)



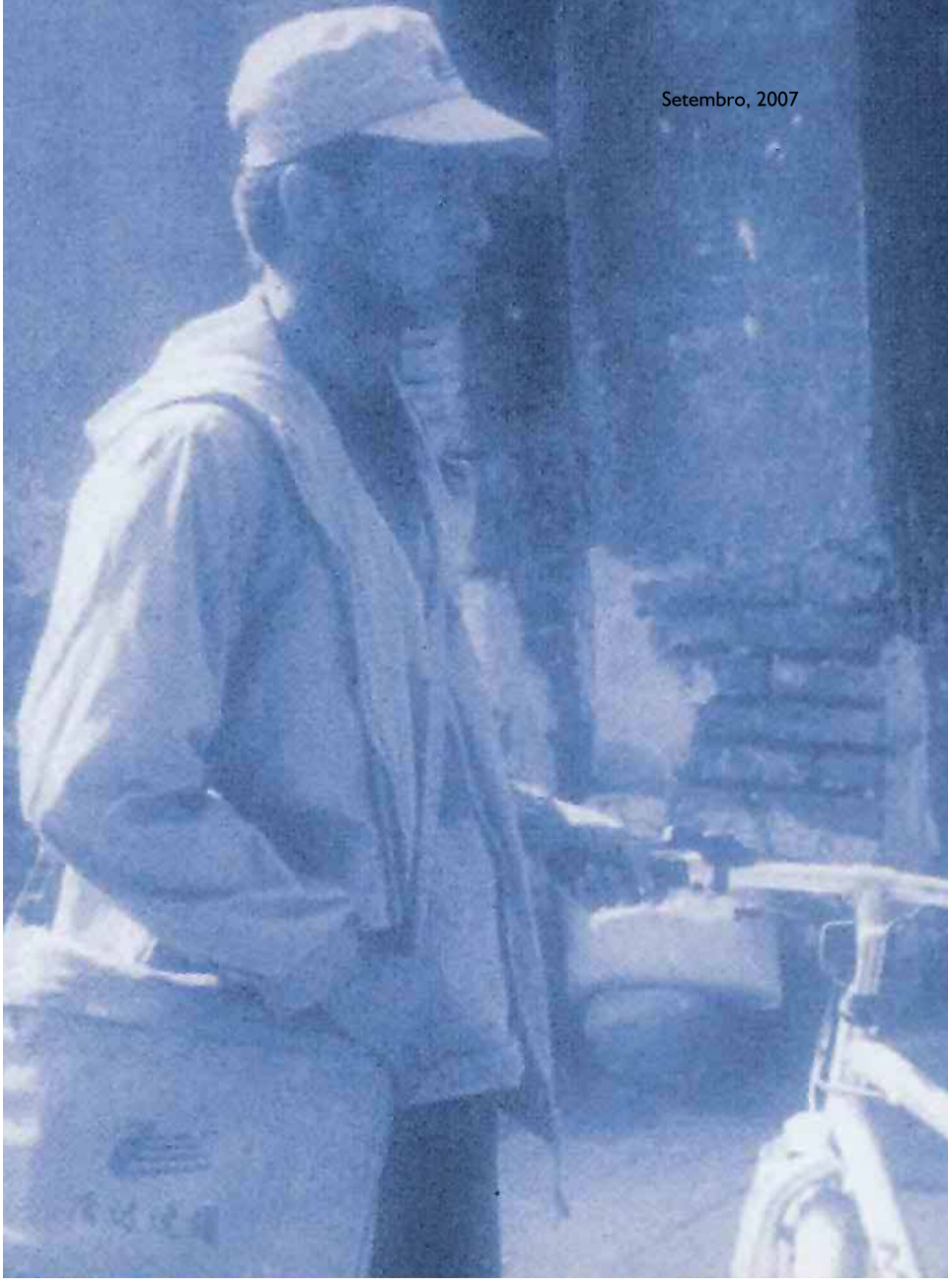
estrangeiras, através do Tratado de Nanquim (1842), e com o despontar de Xangai como grande metrópole, no início do século XX.
Como imagens de marca da 6ª Geração, temos a presença ubíqua do *bulldozer*, da grua de construção civil e das ruínas resultantes da demolição do espaço urbano. Tudo isto contrasta com a iconografia promovida pela 5ª Geração, frequentemente consubstanciada na reprimida mulher camponesa (personificada variadíssimas vezes por Gong Li) que domina uma tela inundada de cores vibrantes e adereços etnográficos. Os protagonistas que animam os enquadramentos do novo cinema urbano são invariavelmente indivíduos tolhidos numa teia de problemas, marginais sem futuro, desde boémios errantes, carteiristas, hospedeiras de bares e *karaokes* até carteiros, taxistas e trabalhadores migrantes. Uma galeria de personagens frequentemente interpretadas por actores amadores que compartilha o mesmo espaço social contemporâneo dos realizadores e dos espectadores nas plateias.

A era da transformação

A partir da década de noventa, os mais tradicionais bairros das cidades chinesas sofreram alterações profundas, tanto infraestruturais como sociais. Aglomerados típicos de comércio e cultura, como os *hutong* de Pequim e os *longtang* de Xangai, foram demolidos para ceder o seu lugar a vias rápidas, estações de metro e centros comerciais que são o reflexo de uma marcha desenfreada



Foto: Getty images



Indivíduos, anónimos e desenraizados, movendo-se no espaço fragmentado das grandes metrópoles, são os protagonistas ideais dos filmes que caracterizam a 6ª Geração

rumo a uma avançada economia de mercado e consequente globalização. Face às transformações profundas efectuadas na malha urbana de Pequim, já desapareceu o gosto de passear e as pessoas só saem à rua para ir de um lado a outro. Na capital chinesa são cada vez mais raras as bicicletas. Desaparecem gradualmente de circulação cedendo o caminho aos automóveis, num tráfego excessivo e caótico que gera engarrafamentos monumentais. As cidades são efectivamente os segmentos da realidade chinesa que mais evidenciam, de forma concentracionária, uma profunda transformação económica, social e cultural. Constituem-se como grandes laboratórios onde se ensaia o amanhã ainda hoje, a uma velocidade vertiginosa. Nada exemplifica melhor o novo mantra da modernização, contextualizado pelo "socialismo que pratica a economia de mercado".

Admirável mundo novo

Cerca de dez milhões de pessoas transferem-se por ano das zonas rurais



para as cidades. Em finais de 2006, a população urbana atingiu os 577 milhões. A urbanização galopante provocou um intenso movimento à escala nacional de trabalhadores migrantes que abandonaram os valores tradicionais da ruralidade e abraçaram avidamente os novos desígnios da sociedade de consumo, participando activamente na edificação de uma nova realidade, demolidores implacáveis de tudo o que é despiciendo. As mulheres, companheiras inseparáveis neste carrossel de andarilhos, garantem o seu sustento em fábricas ou no comércio retalhista, como trabalhadoras não especializadas, sem horizontes para além de um magro salário. Outras, com menos sorte, são exploradas nas franjas da sociedade como *entertainers*, fazendo equilibrismo numa corda bamba que oscila entre o lícito e o ilícito, num labirinto povoado de spas, institutos de beleza, casas de massagem e salões de *karaoke*. Estes indivíduos, anónimos e desenraizados, movendo-se no espaço fragmentado das grandes metrópoles, são os protagonistas ideais dos filmes que caracterizam a 6ª Geração, ilustrados em obras como Postman de He Jianjun (1995), *Shower* (Chuveiro) de Zhang Yang (1999), *Suzhou River* (Os Amantes do Rio) de Lou Ye (2000), *Beijing Bicycle* de Wang Xiaoshuai (2001), *Tiexi District: West of The Tracks* de Wang Bing (2002) e *Still Life* (Natureza Morta) de Jia Zhang-Ke (2006).



É notória a ausência da cidade como cenário na maioria dos filmes da 5ª Geração. Isso deve-se principalmente a uma estratégia de utilização dos ambientes rurais. A memória recente da Revolução Cultural, cujos efeitos devastadores os realizadores sentiram no espaço das cidades, impeliu-os noutra direcção, em termos criativos. Agiam como se estivessem perante uma cidade proibida, ainda não se sentiam preparados para a explorar do ponto de vista cinematográfico. Dessa tarefa se encarregaram os jovens cineastas da 6ª

O realizador Zhang Yimou considera que os filmes chineses são frequentemente incompreendidos no Ocidente





Foto: Getty images

Geração.
A presença da cidade como espaço ontológico no cinema chinês não é inédita, nem sequer constitui uma raridade. Desde o início do sec. XX, ela impusera-se no ecrã, de forma realista ou metafórica em variadíssimas obras, assumindo um papel determinante no período de 1930-1937, em clássicos como *Street Angel* (1937) e *Crossroads* (1937).
Com o abrandamento da fiscalização oficial em sectores como os da distribuição e exibição, têm proliferado os locais alternativos de projecção que alimentam uma crescente cultura cinéfila que renasce nas cidades. É extremamente acessível adquirir filmes em suportes VCD ou DVD, devido à vulgarização de produtos contrafeitos disponíveis no mercado negro e a uma regulação permissiva relativamente à apresentação em cineclubes e vídeo-bares. Bastante procurados por estudantes, artistas, comunidades de expatriados e cinéfilos ávidos por visionar e discutir o novo cinema chinês e as novidades que chegam da Europa, América e Japão, são espaços que fomentam a divulgação de obras que não teriam visibilidade no circuito tradicional das grandes salas de cinema. *Yellow Pavillion Bar*, próximo da *Beijing Film Academy*, *Butterfly Swallow Movie Bar* na zona de bares de Sanlintun e o *Box Café* nas cercanias da Universidade de Qinghao, são alguns dos espaços de eleição na capital chinesa para ver cinema alternativo.
Realizadores como Lou Ye e Jia Zhang-Ke devem muito da sua formação como artistas a este intercâmbio de ideias e de valores alternativos que enaltece as virtudes do cinema de autor.
Em *Suzhou River* (Os Amantes do Rio, 2000), Lou Ye oferece-nos um retrato completamente diferente da Xangai que estávamos habituados a ver. Ela surge-nos através do olhar fragmentado de um estafeta que circula pelos subúrbios com a sua motorizada. Logo na sequência inicial, a cidade é introduzida mediante uma sequência de planos de localização, empregando técnicas pouco convencionais, como câmara ao ombro, panorâmicas rápidas, cortes bruscos com inclusão de planos cruzados, utilização de ângulos criativos, por entre edifícios em ruínas, pontes decrépitas, transeuntes de ar ausente, ao longo do poluído rio Suzhou. As maravilhas arquitectónicas de Pudong, a marginal e o *Bund* da grande metrópole, que surgem frequentemente filmadas nas grandes

produções internacionais são aqui intencionalmente esquecidas. Suzhou River é um claro exemplo de um filme rodado com suporte financeiro do exterior. É o resultado de uma co-produção com a Alemanha, com o produtor Philippe Bober a supervisionar o processo de conversão dos originais para 35mm e que ainda aguarda projecção em território chinês, apesar do grande sucesso obtido no circuito dos festivais internacionais.

O espírito independente que caracteriza a geração urbana surge-nos de forma eloquente nas obras de Jia Zhang-Ke. Nascido em 1970, podemos dizer que ele é um produto da era das reformas. A Revolução Cultural e os eventos históricos que a precederam são matérias que pouco ou nada lhe interessam. Apesar de ter frequentado os Departamentos de Literatura e Crítica Cinematográfica da *BFA (Beijing Film Academy)*, condena veementemente o seu elitismo e forma um grupo de artistas que encontra amplo eco junto de jovens que apostavam no "cinema amador" e nas virtudes do formato DV, desvinculando-se dos meios de produção dos estúdios oficiais.

Os suportes digitais acrescentam um novo motivo de preocupação às autoridades: o exercício da propriedade sobre as obras. É algo que o *Chinese Film Bureau* nunca tinha enfrentado porque os filmes eram entendidos como obras do estado, executadas por artistas-funcionários que viviam do seu salário. Ao produzirem nas margens do sistema, Jia e os seus companheiros de causa, começam a inscrever os seus projectos nos mais variados festivais e mostras internacionais, sem aprovação oficial. A miniaturização e duplicação, só possíveis com o novo formato digital DV, facilmente transferível para suportes de dimensões reduzidas como o DVD, facilitava-lhes o envio dos seus filmes para o exterior. No tempo em que imperava o celulóide, com películas armazenadas em várias bobinas de maior dimensão e peso, era impensável subtrair ao controlo estatal, o despacho de material para o estrangeiro.

O espírito independente que caracteriza a geração urbana surge-nos de forma eloquente nas obras de Jia Zhang-Ke.



A partir de 1993, começam a ser projectadas obras provenientes da China, assinadas por autores desconhecidos, em discretos festivais como os de Roterdão, Tóquio, Paris, Nantes e Cairo, que serviam de trampolim para a sua estratégia de afirmação no mundo exterior. Daí até à consagração de alguns em eventos de primeiro plano é uma questão de tempo. Assiste-se então a um extremar de posições, de carácter geracional. Realizadores consagrados não hesitam em criticar os mais





novos, como é o caso de Zhang Yimou, que os considerava oportunistas e artisticamente imaturos. Critica-os abertamente, referindo que antes de se dedicarem ao estudo da Teoria do Cinema preferiam aprofundar contactos com o Ocidente, nomeadamente com os organizadores dos festivais. Os jovens assumem a sua irreverência, acusando os seus predecessores, à excepção de Tian Zhuangzhuang, de se terem transformado em autores conformistas, de não reflectirem sobre a realidade e os temas actuais e de se terem deixado integrar pelo sistema, graças aos privilégios que lhes foram concedidos.

O mundo a seus pés

O percurso de Jia Zhang-Ke é exemplar. Após algumas curtas-metragens experimentais, alcança notoriedade internacional com Xiao Wu (O Carteirista, 1997), um filme rodado em jeito de documentário e que acompanha as peripécias de um carteirista, que se assume como um artesão em que as mãos são o seu verdadeiro instrumento de trabalho. Nele vislumbram-se as influências de mestres como Robert Bresson (o celebrado autor de outro carteirista, *Pickpocket*-1959), Jean-Luc Godard, Vittorio de Sica e Roberto Rosselini. Os dois últimos, figuras de





proa do neo-realismo italiano com Ladrões de Bicicleta (1948) e Roma, Cidade Aberta (1945), constituem uma referência incontornável de muitas obras da 6ª Geração.

Platform (Plataforma, 2000), filme nomeado para o Leão de Ouro de Veneza, evoca as consequências da globalização na China. Nele acompanhamos as digressões de uma trupe teatral de artistas amadores, cujas encenações são um espelho das transformações socio-económicas mais recentes vividas pela população chinesa. De início, as representações idolatram Mao e o socialismo. Perto do final, surgem novos valores e símbolos, de influência ocidental, reproduzindo em palco as alterações profundas ocorridas na década de oitenta e que mudou irreversivelmente a face da China.

Em 2002, com *Unknown Pleasures*, Jia segue as deambulações de dois jovens desempregados, desiludidos com as suas vidas sem futuro. Pretendem viver um quotidiano sem constrangimentos, buscando prazer nos jogos de vídeo e nos ambientes que frequentam em bares de *karaoke*, através de uma ilusória sensação de liberdade e desprendimento que aí logram obter.

The World (O Mundo, 2004), novamente nomeado para o Leão de Ouro de Veneza, reflecte mais uma vez sobre as consequências da globalização. Um parque temático, nos arredores de Pequim, com cópias em escala reduzida de ex-libris famosos em todo o mundo, como a Torre Eiffel e a Torre de Pisa, é visto na óptica dos seus próprios empregados, isolados e desiludidos pela falta de comunicação que sentem, o que é acentuado pelo carácter virtual e ilusório do "mundo" de aparências onde se movem.

Still Life (Natureza Morta, 2006) foi o grande vencedor do Leão de Ouro em Veneza. Expõe magistralmente de forma emblemática e em grande escala, as preocupações estéticas que motivaram o surgimento da Geração Urbana. Rodado no cenário natural do mega-empreendimento



A realidade fragmentada do espaço urbano é uma imagem de marca da 6ª Geração

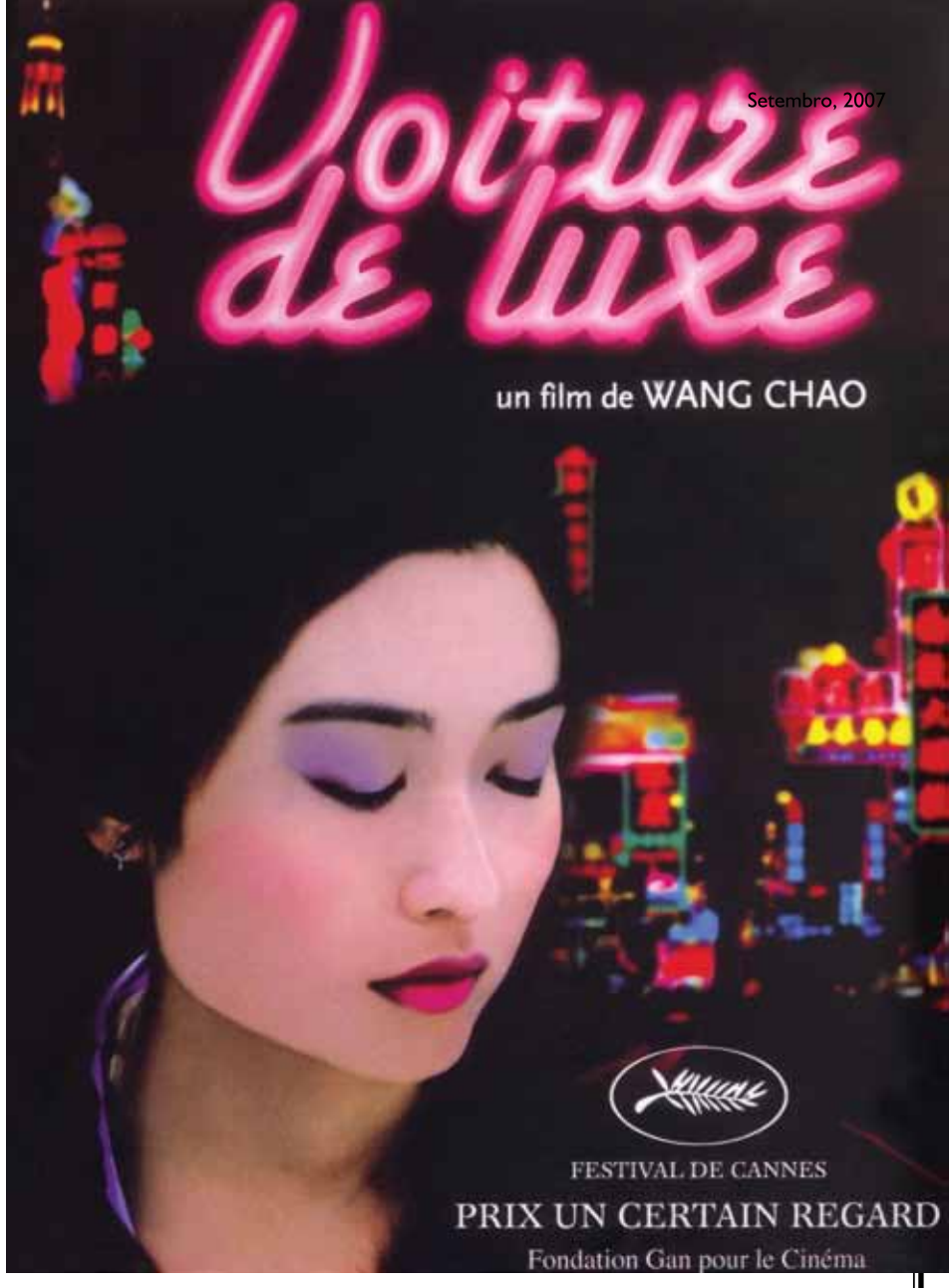
da barragem das Três Gargantas, é um retrato de um mundo a ser demolido, onde tudo é efémero. Um mineiro regressa à sua cidade de origem (Fengjie). Procura a mulher que não vê há dezasseis anos. O reencontro ocorre nas margens do rio Iangtsé, com o casal prometendo reiniciar a relação. Numa acção paralela, uma enfermeira procura o marido, ausente do lar há dois anos. Fengjie impõe-se-nos cinematograficamente através de uma lenta panorâmica que a descobre e que nos oferece um quadro de inegável valor iconográfico: o que a tela ilustra não é mais do que a imagem das encostas do rio que surge no verso das notas de dez renminbi. Aqui o filme apropria-se da realidade sem margem para subterfúgios de índole metafísica. Os dois pretendem reatar a vida conjugal enquanto dançam num *travelling* antológico, sob a presença imponente da grande barragem que os parece esmagar. Ali não há mais lugar para sentimentos humanos e a relação esfria, sem futuro.

O cinema de Jia Zhang-Ke, o cineasta mais representativo da nova vaga, é feito de *takes* lentos que convidam o olhar a reter-se sobre as imagens que nos oferecem frequentemente registos de uma realidade que deixou de o ser, perante a marcha inexorável do tempo.

• *Realizador / Artista Plástico*

N.A.
(1) Avenida marginal de Cannes, na orla do Mediterrâneo, onde se situa o Palais des Festivals et des Congrès em cujas salas tem lugar o Festival Internacional de Cinema de Cannes

(2) Maggie Cheung, foi casada com o realizador francês Olivier Assayas. Primeira actriz chinesa a ganhar o prémio de melhor interpretação feminina no Festival de Berlim em 1992 em Center Stage de Stanley Kwan. Foi também galardoada no Festival de Cannes em 2004, pelo seu papel em Clean, realizado por Assayas.



Selecção de filmes da 6ª Geração

Unknown Pleasures (Prazeres Desconhecidos) – Jia Zhangke, 2002
Suzhou River (Os Amantes do Rio) – Lou Ye, 2000
Beijing Bicycle (Bicicletas de Pequim)– Wang Xiaoshuai (2001)
Still Life (Natureza Morta) – Jia Zhangke, 2006
Luxury Car – Wang Chao, 2006
Tiexi District: West of The Tracks – Wang Bing (2002)
Platform (Plataforma) – Jia Zhangke (2000)
Tuya's Marriage – Wang Quan'an
Shower (Chuveiro; Banhos, no Brasil) – Zhang Yang (1999)
Postman – He Jianjun (1995)



Figuras e Factos

NOME: Jia Zhang-Ke
Realizador
Nasceu em 1970, na cidade de Fenyang, província de Shanxi.
O seu avô exerceu actividade como médico, tendo emigrado para a Europa. Em consequência disso, a sua família foi enviada para Fenyang, pequena cidade rural de uma das mais pobres províncias do interior. A sua terra natal é o cenário natural escolhido para muitos dos seus filmes.
Os temas preferidos de Jia remetem-nos para as grandes mudanças operadas na paisagem social da China. Descreve-se a si próprio como "um realizador oriundo das classes mais baixas da sociedade". Um contraste com a maioria dos realizadores da 6ª Geração, oriundos de famílias influentes das grandes cidades, tendo estudado em escolas reservadas para as elites.
Enquanto adolescente foi membro de uma troupe de dançarinos que animava sessões de *breakdance*.
Depois de completar os estudos secundários, Jia juntou algumas economias, escrevendo pequenas histórias e pintando painéis publicitários, como artesão migrante, na capital provincial, Taiyuan. Suportou os seus estudos na *Beijing Film Academy*, como aluno supranumerário.
Por conhecer bem a situação dos trabalhadores migrantes elegeu essa condição social para tema base das suas obras, procurando tratar o cinema como uma ferramenta de comunicação ao serviço do cidadão anónimo e não para as elites intelectuais..
The World (O Mundo, 2004) foi a sua primeira obra a conhecer exibição comercial nas salas de cinema chinesas.

Foto: Getty images



Exposições



O Tempo Reencontrado

Robert Doisneau

Uma mostra sobre o quotidiano parisiense nos anos 40 e 50 do século passado pelo olhar do fotografo francês, Robert Doisneau, autor da célebre fotografia "Le Baiser de l'Hotel de Ville" que se transformou num símbolo do amor e da vida quotidiana na capital francesa. Doisneau (1912-1994) ficou conhecido não só pelo gosto pela fotografia a preto e branco, como pela sua capacidade de criar uma cumplicidade entre o fotógrafo e quem é fotografado. Referido ainda pela sua capacidade de captar o real que sempre aligeirava com uma dose de humor.

Museu de Arte de Macau, até 14 de Outubro

Exposição das Ossadas da Baleia Bryde

A baleia de doze metros de comprimento Bryde, está agora exposta ao público no parque Seac Pai Van em Coloane. Após ter sido encontrada morta ao largo da costa há cerca de cinco anos, o corpo deste mamífero foi retirado da água e levado para a Universidade Sun Yat-sen em Cantão, para que aí fosse possível preservar a mesma em forma de esqueleto.

Sala de Exposições, Parque Seac Pai Van, Coloane.
Exposição permanente

Momentos Fugazes, Lentos, Perspectivas
60 Anos de Fotografia

Tam Kai Hon

São 60 anos dedicados à fotografia por Tam Kai Hon, sistematizados agora em várias temáticas. Na série "Memórias", Tam utilizou lentes olho de peixe para captar a mesma cena em diferentes anos. Na série "Vicissitudes", o fotógrafo transporta os observadores numa viagem aos velhos tempos do bairro da Praia Grande e de Sai Van. Ainda a destacar as fotografias tiradas de objectos geométricos simétricos que dão o mote para a série "Visual". Outras duas temáticas, "Viagem" e "Resplandecência", estão também em exposição. A primeira é uma colecção de fotos sobre os encantos e costumes locais tiradas nos diversos lugares por onde tem passado; "Resplandecência", traz-nos uma série de fotos de fogo de artifício em Macau em diferentes eventos.

Galeria de Exposições Temporárias do Instituto para os Assuntos Cívicos e Municipais, até 9 Setembro



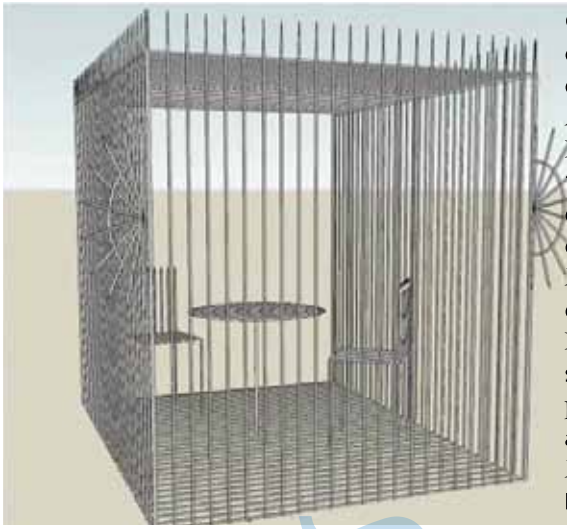
Observação Sincera

Lam Kin Ian

Esta mostra de Lam Kin Ian resulta da própria observação do artista. Pensamentos distorcidos, exagero e cores unidas foram motes para este conjunto de trabalhos patentes no Centro de Indústrias Criativas.
O artista consegue ainda apresentar traços da cultura tradicional oriental e nas suas propostas que acabam igualmente por ser um elo de ligação com o mundo e que funcionam como uma linguagem universal.
Centro Indústrias Criativas, 8 a 29 Setembro

História da Taluda - Exposição de Bilhetes de Lotaria Antigos e Raros

Os bilhetes em exposição são representativos de diferentes tipos de lotaria e rifas desde a dinastia Qing aos tempos modernos. Expostas estão ainda peças raras como, por exemplo, uma página com dez fracções de lotaria.
Esta mostra conta ainda o percurso da lotaria na China, que surge numa grande variedade de estilos, formas e origens. De um lado os bilhetes emitidos localmente como a Hua Hoey e a Wei Sing. Representada também a Pacapio, uma das lotarias preferidas no território e que utilizava os primeiros oitenta caracteres do "Clássico dos Mil Caracteres" para efectuar o sorteio.
Expostos também vários bilhetes emitidos no Continente e lotarias estrangeiras como a filipina Lotaria de Luzon, vendida em Xangai.
Casas - Museu da Taipa, Casa de Exposições, até 7 de Outubro



Lugar

O Museu de Arte de Macau encorajou os artistas locais a participarem na 52ª edição da Exposição Internacional de Arte da Bienal de Veneza. O tema era Lugares. Onze peças foram escolhidas. 'Si monumentum requiris, circumspice' de Konstantin Besmerny e a 'Gôndola de Macau' dos irmãos Lui representaram Macau em Veneza. Agora o Museu de Arte decidiu expor os restantes nove trabalhos. Instalações, vídeo, escultura e performance são alguns dos géneros dos trabalhos que poderá ver e que mostram as visões dos artistas locais sobre o presente e o futuro de Macau.
Museu de Arte de Macau, até 14 de Outubro



Festival Internacional de Música de Macau

O XXI Festival Internacional de Música de Macau decorre entre os próximos dias 5 e 31 de Outubro. Durante aproximadamente um mês Macau recebe artistas e grupos de renome internacional dos mais variados géneros de música. São dezassete propostas de música nova, tradicional, clássica, pop e electrónica da Finlândia, Argentina, Áustria, República Checa, Brasil, Itália, Alemanha, Singapura e Canadá que vão colorir os palcos de Macau de sons antigos e experimentais.
Este ano, a cabeça de cartaz do festival é a pianista portuguesa Maria João Pires que regressa ao território 25 anos depois de ter estado em Macau de um recital na Biblioteca Sir Robert Ho Tung, para tocar as pautas que a consagraram: Beethoven e Mozart. A Orquestra de Macau é a anfitriã deste concerto que encerra o festival.

Rigoletto

Victor Hugo escreveu esta história real na decadência de muitas monarquias europeias. Francesco Maria Piave centrou-a no bobo da corte Rigoletto e aprimorou o libreto com cenas de paixão, sedução e conspiração. Verdi elevou a música aos picos de *"Caro nome"* e *"La donna è mobile"*.
Grande Auditório, Centro Cultural de Macau
5 a 7 de Outubro



Don Giovanni

Teatro Nacional de Marionetas de Praga (República Checa)
A última ópera de Wolfgang Amadeus Mozart estreou em Praga em 1787 e foi dirigida pelo próprio compositor. Nesta versão única de Don Giovanni, as estrelas do Teatro Nacional de Marionetas de Praga seguem à letra o libreto italiano original.
Teatro Dom Pedro V
6 e 7 de Outubro





Orquestra Chinesa de Macau convida Jenny Yen

Jenny Yen, a estrela de *cantopop*, sobe ao palco do Grande auditório do Centro Cultural de Macau nos dias 12 e 13 de Outubro. Jenny Yen nasceu em Macau, mas ganhou reconhecimento em Hong Kong e Taiwan

Grande Auditório, Centro Cultural de Macau
12 e 13 de Outubro



Coro de Câmara de Praga

(República Checa)

Afinadas pelo maestro Josef Pancik, as 18 vozes do Coro de Câmara de Praga desvendam os mistérios da música coral checa do século XVI ao XX. A tradição de compositores tão importantes como Leoš Janá ek e Josef Bohuslav Foerster é recriada em pautas sagradas e imagens da Europa de Leste.

Igreja de Nossa Senhora de Fátima
8 de Outubro

Trio Omniart

(Itália)

As cortinas do Teatro Dom Pedro V abrem-se para o tango de Astor Piazzolla, inspirando o acordeão de Ruggiero Mascellino. O fã do mestre argentino entra num diálogo de emoções jazz em nome próprio e convida violino e contrabaixo para a festa. A milonga de Piazzolla volta a embalar o coração e o trio regressa a casa para tocar com verismo o *Intermezzo de Cavalleria Rusticana*.

Teatro Dom Pedro V
10 de Outubro

Orquestra Chinesa de Macau

Convida Camané (Portugal)

Camané sobe ao palco com a Orquestra Chinesa de Macau, prova mais uma vez o gosto pelos desafios e mata as saudades do fado, enquanto a Orquestra recorda Macau Junção de Rão Kyao, numa nostalgia de encontros entre China e Portugal.

Grande Auditório, Centro Cultural de Macau
16 de Outubro



Uniko - Kimmo Pohjonen Kluster e Quarteto de Cordas Proton

(Finlândia)

Num encontro experimental, os finlandeses Kimmo Pohjonen e Juuso Hannukainen manipulam o átomo musical com o Quarteto de Cordas Proton na Fortaleza do Monte.

Luzes, samples de acordeão e voz em rota de colisão com *loops*, ritmos e efeitos variados vão disparar emoções electrónicas.

Fortaleza do Monte
25 de Outubro

Trio Berlim

(Alemanha)

Clarinete e flauta fazem este programa com a bênção de compositores europeus. Mas o namoro é adocicado pelo Chôro Nº 2 de Heitor Villa-Lobos. O brasileiro aquece para o génio do flautista Kaspar Kummer se expressar em Andreas Blau, sentimentos que Wenzel Fuchs traduz religiosamente na última sonata de Francis Poulenc.

Teatro Dom Pedro V
16 de Outubro

Orquestra Nacional da Rússia

(Rússia)

Alexander Vedernikov conduz as hostes nesta viagem clássica ao universo de três dos maiores compositores russos. Uma paleta de ritmos bem colorida faz as apresentações desta orquestra que assina a sua entrada em palco com Mikhail Glinka, o pai do nacionalismo musical russo.

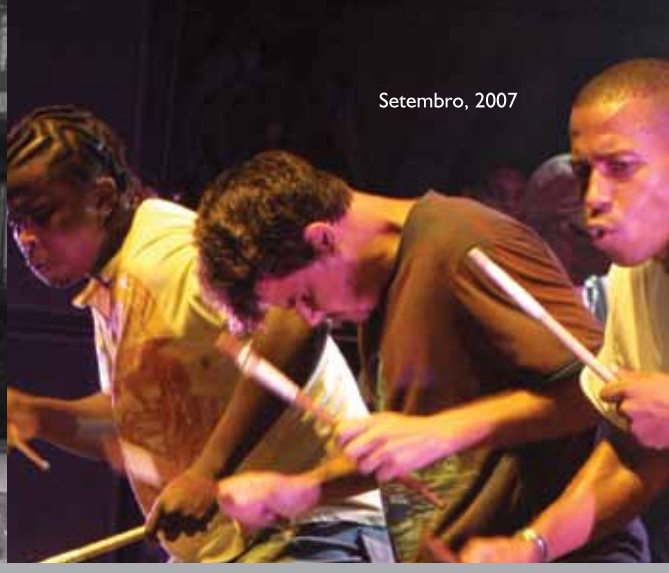
Grande Auditório, Centro Cultural de Macau
17 de Outubro

Orquestra Chinesa de Singapura

Dizem que tem sabor "Nanyang" por dar a provar muitas partituras originais compostas a pedido da própria orquestra. Nem o novo nem o antigo da China são preteridos nesta caixinha de música que, mesmo dando corda ao experimentalismo sofisticado de Reminiscência de Março e A Teia Celestial, fica a apurar a origem dos sons.

Grande Auditório, Centro Cultural de Macau
18 de Outubro





Orquestra de Macau
Convida Maria João Pires

(Portugal)

Maria João Pires ocupa o lugar de honra no cartaz do XXI Festival Internacional de Música de Macau. A pianista fecha o mais relevante evento cultural da Região. Na companhia da Orquestra de Macau visita quem a consagrou, Mozart e Beethoven.

Grande Auditório, Centro Cultural de Macau
31 de Outubro

Grupo Cultural AfroReggae

(Brasil)

Plantada há quase uma década no solo revolto das favelas do Rio de Janeiro, a semente do Grupo Cultural AfroReggae germinou ao som do maracatu, da congada e do *jong*, mesclando raízes e palavras de ordem de um *hip hop* mensageiro. A banda canarinha reinventou assim o próprio quotidiano.

Fortaleza do Monte, 27 de Outubro

Jaime Torres

(Argentina)

O segredo do sucesso do Argentino é o charango, uma guitarra mais pequena que um cavaquinho capaz de encantar os Andes tão bem ou melhor que as flautas *sikus* e o *quena*. São sopros a acompanhar o virtuoso nesta dança das Américas onde ainda bailam a paixão do tango e as melodiosas Coplas.

Fortaleza do Monte, 19 de Outubro

Orquestra Barroca Tafelmusik
As Quatro Estações: Um Ciclo do Sol

(Canadá)

Tafelmusik dá nova vida às Quatro Estações de Antonio Vivaldi num ciclo que fecha no tempo do Inverno e se renova numa viagem pela música do mundo. Ao palco sobem convivas de várias tradições como as vozes do grupo nativo canadiano Aqsarniit, a mestre em *sarangi* Aruna Narayan e a solista de pipa Wen Zhao, que desenha uma reminiscência primaveril. A viagem prossegue a compasso com mais amigos a pisar o *tablado*, terminando num brinde colectivo ao "Inverno" de Vivaldi.

Teatro Dom Pedro V, 20 de Outubro

Ensemble de Música Nova de Pequim
Sons em Migração

A China une os vértices do programa deste ensemble, o único grupo independente a dedicar-se à música contemporânea chinesa. Blacher é o primeiro dos autores ocidentais a provar a sua relação com o Império do Meio. Eli Marshall mantém o tom no presente ao oferecer novo inédito a Macau. Theordorico Pedrini surge entre chineses para dar um toque oriental do barroco ao concerto e Béla Bartók despede-se com Contrastes.

Teatro Dom Pedro V , 21 de Outubro



Pequenos Cantores de Viena

(Áustria)

As polcas e valsas de Strauss vão abrindo caminho a textos de Heine, Caroline Alice Elgar ou mesma da épica finlandesa Kalevala, embalando para autores tão contemporâneos como Ager, Blackwell ou Ross. O maestro Kerem Sezen conduz o Haydnchor dos Pequenos Cantores de Viena, lançando a âncora nas águas profundas da tradição germânica.

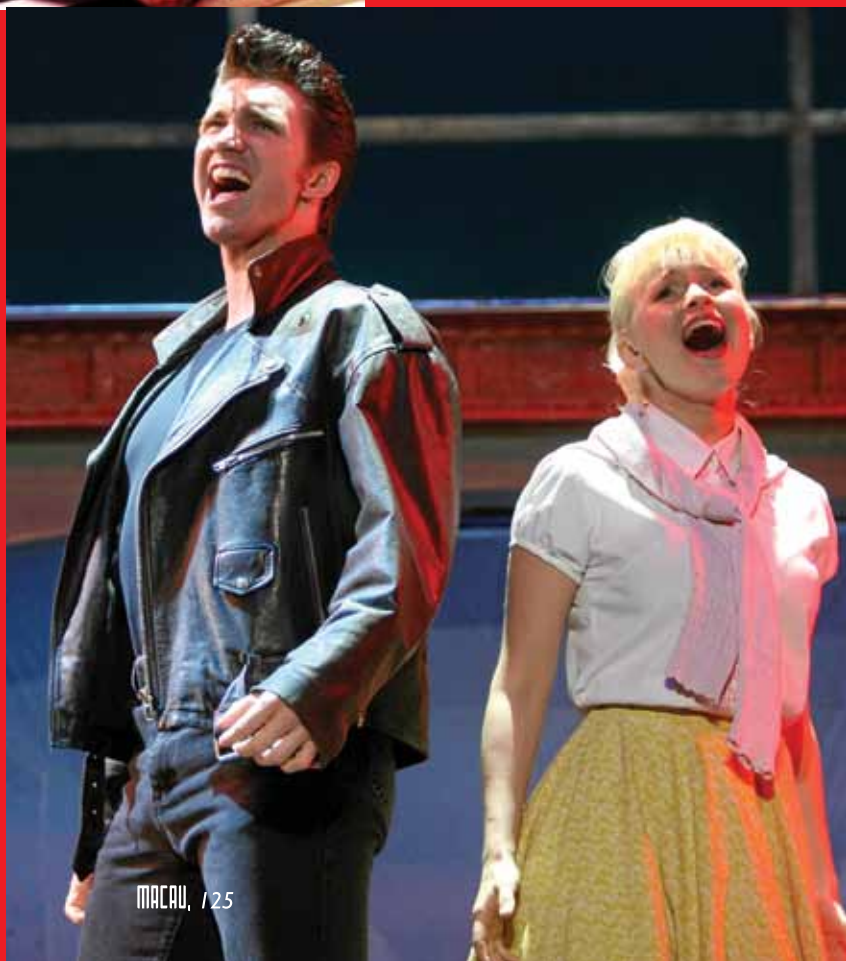
Teatro Clementina Leitão Ho Brito
24 de Outubro

Grease - O Musical

(EUA)

Parecia condenada a ser mais uma daquelas curtas paixões de Verão mas o destino quis que Sandy e Danny se reencontrassem no turbulento Liceu Rydell. Ela derrete-se de amores, ele não dá parte fraca e trata-a com desdém. Dany arrepende-se e tenta a sorte com o seu jeito mariola. Não a convence. Sandy prova que tem fogo no sangue e vira deusa greaser. Danny deixa o ar de rufia para a conquistar. São mudanças que não iludem o coração.

Grande Auditório, Centro Cultural de Macau
26 a 29 de Outubro



Gao Ge Poemas

Fernanda Dias



Fernanda Dias traduziu para a língua de Camões poemas de Gao Ge, poeta que reside no território desde os anos 70.

Natural de Fujian, Gao Ge, nome artístico, é licenciado em letras pela Universidade de Xiamen. Em Macau, tem-se dedicado ao ensino da História da Arte.

A tradução dos poemas de Gao Ge foi de Fernanda Dias, que teve o apoio da estudiosa de literatura chinesa Stella Yee. Fernanda Dias admite que a obra pode ter perdido a música da língua chinesa, mas argumenta que ganhou a comunicação com a língua portuguesa.

2007, Instituto Português do Oriente, Macau

Strolling in Macau

Steven L. Bailey



Da cozinha à arquitectura, das Ruínas de São Paulo ao Templo de Na Tcha, Macau é uma cidade de contrastes. Uma realidade que Steven L. Bailey transpõe para este livro, que não é mais do que um guia para ajudar a descobrir a malha das ruas de Macau e compreender os contrastes que marcam a cidade, que reflecte a presença portuguesa ao longo de mais de 400 anos. O autor dá algumas dicas para quem quer sentir Macau, aconselhando o visitante a descobrir o território através de passeios a pé.

Steven K. Bailey escreve para várias publicações sobre viagens e tem assinado trabalhos sobre o Vietname, Hong Kong e a RAEM.

2007, ThingsAsian Press, Singapura

Poetas clássicos chineses e poetas contemporâneos

É um conjunto de seis livros (chinês e inglês) de poemas de autores clássicos e contemporâneos lançados pela Associação de Estórias de Macau e que reflectem os vários períodos da História.

Da Dinastia Ming, cerca de 70 poemas de Meng Jiao reunidos na obra *"Bird in an empty city"*. Já da Dinastia Song, a obra de Xin Qiji ilustrada com cerca de 40 traduções reunidas em "Clear echo in the valley's depths".

"Song of the water clock at night and other poems for spring" é, por sua vez, um livro que reúne traduções e variações de poemas de Li Yu (936-978), que foi o último imperador da Dinastia Tang.

Ainda a obra *"Tryst"*, de Nalan Xingde (1654-1685), um nobre Manchu, que além de poeta era ainda o guarda-costas do imperador Kangxi.

Dos poetas contemporâneos duas obras. Christopher Kelen apresentou *"Ke yuan kan Aomen"*, que reúne também desenhos do escritor. Yao Feng escolheu para título do seu livro *"When the fish close their eyes"*.

2007, Associação de Estórias de Macau

Macau Business Law and Legal System

Jorge Godinho

A obra inclui uma introdução ao direito de Macau e uma série de capítulos sobre questões de direito civil e comercial, incluindo o direito dos contratos, a responsabilidade civil, as sociedades comerciais, garantias de pagamento, e outras matérias de direito comercial.

Trata-se de um texto que resulta de aulas leccionadas nas Faculdades de Direito e de Gestão de Empresas na Universidade de Macau, onde Jorge Godinho é docente.

2007, LexisNexis, Macau

Diário da Guiné
Lama, Sangue e Água Pura

António Graça de Abreu



Um diário de guerra elaborado com excertos de aerogramas enviados a familiares em Portugal e que agora surgem nesta obra organizados, acompanhados de documentos da época e de fotografias. Esta obra explica de algum modo o"movimento dos capitães" nascido na Guiné e o golpe militar de 25 de Abril de 1974, cujo objectivo era também pôr fim às guerras de África. António Graça de Abreu foi oficial num Comando Operacional entre Junho de 1972 e Abril de 1974. Ao fim de trinta e três anos volvidos do fim da guerra colonial, decidiu abrir a gaveta das memórias e organizar o futuro. Para o autor, este é o tempo certo para partilhar um passado que permanece "doloroso".

2007, Editora Guerra e Paz, Lisboa

As Mulheres do Meu Pai

José Eduardo Agualusa



Trata-se de um romance sobre mulheres, música e magia. Faustino Manso é um famoso compositor angolano que deixa sete viúvas e dezoito filhos. A filha mais nova, Laurentina, realizadora de cinema tenta reconstruir a atribulada vida do falecido músico. As quatro personagens do romance que o autor escreve, enquanto viaja, vão com ele de Luanda, capital de Angola, até Benguela e Namibe. Cruzam as areias da Namíbia e as suas povoações-fantasma, alcançando finalmente Cidade do Cabo, na África do Sul. Continuam depois, rumo a Maputo, e de Maputo a Quelimane, junto ao rio dos Bons Sinais, e dali até à ilha de Moçambique. Percorrem, nesta deriva, paisagens que fazem fronteira com o sonho, e das quais emergem, aqui e ali, as mais estranhas personagens.

2007, Dom Quixote, Lisboa

África Acima

Gonçalo Cadilhe



Depois de quinze anos a viajar por terra e mar, Gonçalo Cadilhe aventurou-se pelo continente africano numa jornada que teve início no ponto mais austral de África, a Cidade do Cabo, e terminou em Lisboa. Oito meses, quinze países, 27 000 quilómetros e 50 000 palavras depois resultaram em África Acima, um livro em que as amizades, o humor, a tolerância e a humildade conseguem vencer a miséria, a corrupção, as estradas desfeitas e o calor brutal de uma viagem épica por um continente impressionante. Na sua mais recente viagem, Gonçalo Cadilhe redescobre a magia e os mistérios de uma África que continua a fascinar os grandes viajantes.

2007, Oficina do Livro, Lisboa

Confidencial
A década de Sampaio em Belém

João Gabriel



Uma obra polémica do antigo assessor de Jorge Sampaio, que aborda os *dossiers* mais quentes do período em que o antigo presidente esteve à frente dos destinos de Portugal, como a demissão de Pedro Santana Lopes em 2005 e a convocação de eleições legislativas antecipadas. João Gabriel dedica ainda um capítulo à transição de Macau e à visita do antigo Presidente ao território em 1997.

Um livro escrito em forma de grande reportagem por um dos mais directos colaboradores de Jorge Sampaio.

2007, Prime Books, Lisboa

António Falcão/Bloomland*CN (foto)

Jamelito Escote

"Somos a maior fonte de profissionais de Macau"

Está em Macau desde 1988. É um dos membros mais influentes da comunidade filipina da RAEM. Dono e gerente de uma empresa de limpeza e de importação/exportação, Jamelito Escote garante que em Macau sente-se em casa.

O que mais o atrai em Macau?

- Macau tem uma herança e uma cultura complexas, que são o que eu mais gosto. Tal como as Filipinas, um país construído sob influência de várias culturas: malaia, chinesa, espanhola e americana, que deixaram no país muita marca, bem visível na língua e nas tradições culinárias de hoje.

Em Macau, essas herança e cultura estão presentes em todas as esquinas, o que faz com que um filipino se sinta em casa. Por outro lado, o custo de vida não é muito elevado e a cidade oferece muitas oportunidades a nível profissional e empresarial.

E em que lugar da Ásia temos um Museu do Vinho no mesmo edifício onde funciona o Museu do Grande Prémio? Dizem que Macau é uma "cidade de cultura", eu considero que é antes uma "cidade que nunca dorme", porque é um local maravilhoso a qualquer hora do dia.

O que diria aos outros estrangeiros que querem vir para Macau?

- Aconselho-os a fazer uma primeira viagem de "reconhecimento" para conhecerem a realidade local e analisar as oportunidades do mercado.

A primeira vaga de filipinos que chegou a Macau, lembro-me bem disso, era composta por empregados domésticos. O seu nível de educação era, geralmente, baixo, por vezes muito baixo.

A nova Macau exige níveis de educação elevados e profissionais bem treinados. O segredo do sucesso está na capacidade de adaptação dos que se querem instalar nesta cidade.

Qual o papel da comunidade filipina em Macau hoje em dia?

- À medida que Macau tenta preencher as vagas nos casinos, restaurantes, hotéis, companhias aéreas, empresas de segurança e por aí fora, a comunidade filipina, e isso é um facto, está a tornar-se na maior fonte de profissionais que servem a Região Administrativa Especial de Macau. Confesso sentir um certo orgulho nisso.

Para além da sua empresa, é um dos organizadores de um festival muito importante para a comunidade filipina, o *Sinulog*. De que se trata?

- A primeira edição do festival ocorreu em 2003. A intenção foi compartilhar com os locais um dos eventos mais populares nas Filipinas. Foi também uma forma de nos divertirmos e de mostrar uma parte importante do espírito da nossa comunidade. A primeira edição foi um sucesso imediato. O evento acabou por promover uma maior união no seio da comunidade filipina em Macau.

O *Sinulog* é uma dança, um ritual, em honra da imagem miraculosa de Santo Niño. A dança é feita ao som de tambores, num ritmo marcado pelos passos.

Reza a lenda que, antes da chegada dos portugueses à ilha de Cebu, nas Filipinas, em 1521, para colocar a cruz de Cristo na praia onde desembarcaram, reclamando a terra ao Rei de Espanha, já o *Sinulog* era celebrado, com adorações a imagens de madeira.

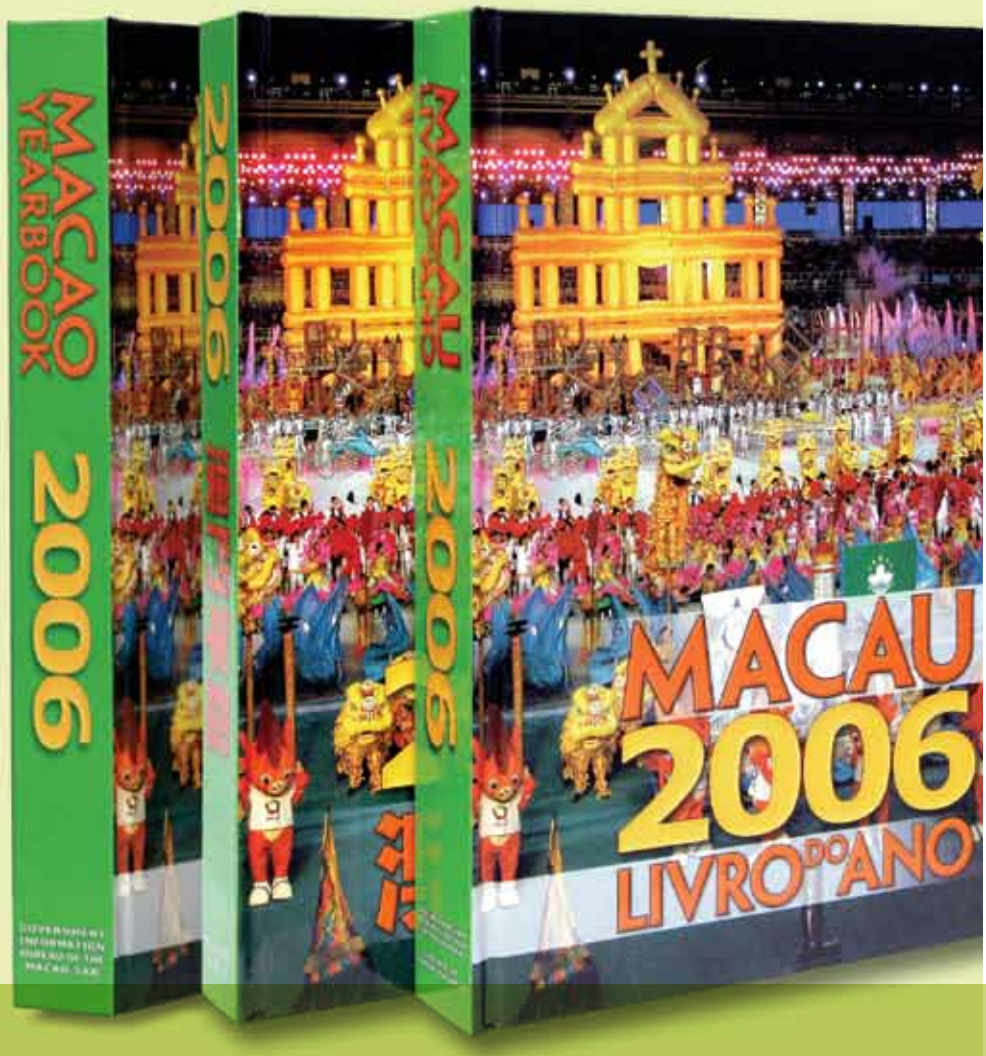
A introdução do Cristianismo na ilha passou pela entrega de uma figura de Santo Niño (uma imagem do menino Jesus) como prenda de baptismo a Hara Amihan, a mulher do Rajá de Cebu, Humabon. Hara, depois do baptismo, passou a chamar-se Joana. Com o exemplo da rainha Joana, outras 800 pessoas baptizaram-se na ilha. Com o tempo, a dança do *Sinulog* passou a ser feita em homenagem a Santo Niño, até aos dias de hoje.


小心地滑
CAUTION
WET FLOOR

Macau 2006 Livro do Ano

MACAU 2006
Livro do Ano é uma publicação anual do Gabinete de Comunicação Social que regista de forma sistematizada o desenvolvimento político-económico e sócio-cultural da região administrativa especial.

MACAU 2006
Livro do Ano, meio essencial para todos quantos desejam estudar e compreender melhor a realidade da RAEM, publica-se nas versões chinesa, portuguesa e inglesa ao preço de capa de 120 patacas.



As edições chinesa, portuguesa e inglesa podem ser adquiridas em Macau nos seguintes locais: Plaza Cultural, Livraria Seng Kwong, Livraria Portuguesa, Livraria Wan Tat, Elite Bookstore, Livraria Uma, Livraria Universal e, ainda, na loja da Divisão de Filatelia (Sede) e estações dos serviços de correios da Rua do Campo, do Terminal Marítimo, do Aeroporto e da Urbanização Nova Taipa, na Imprensa Oficial (Sede) e Loja da Imprensa Oficial sita na Rua do Campo Edifício Administração Pública; e em Hong Kong na Commercial Press (HK) LTD e Cosmos Books LTD.



Revista MACAU

Locais de Venda

ANGOLA

Lello, SARL
Lg. David Cervant
Luanda
Tel: +(244) 2 333 144

BRASIL

São Paulo

Casa de Macau de São Paulo
Rua Mário Martins de Almeida, 234
04772-150 - SP
Tel: +(55 11) 56685888

Rede Siciliano

Banca Cidade Jardim
Pr. Deputado Dário de Barros, no 15
05670-090 - SP
Tel: +(55 11) 3812-7299

Barão
Rua Barão de Itapetininga, 227
01042-001 - SP
Tel.: +(55 11) 3255-6641

Shopping D
Av. Cruzeiro do Sul, 1100
- Canindé - 2o Piso
03033-020 - SP
Tel: +(55 11)3313-1944

Shopping Ibirapuera
Av. Ibirapuera, 3103
Indianópolis - Piso Jurupis
04029-903 - SP
Tel: +(55 11) 5543-0071

Shopping Iguatemi
Av. Brigadeiro Faria Lima, 2232
Jd. América - Piso Térreo
01451-000 - SP
Tel: +(55 11) 3031-9434

Shopping Jardim Sul
Av. Giovanni Gronchi, 5819
Piso 1 - Morumbi
05724-003 - SP
Tel: +(55 11) 3744-1901

Shopping Metrô Santa Cruz
Rua Domingos de Moraes, 2564
- Loja L1/2
04035-100 - SP
Tel: +(55 11) 5083-4616

Shopping Metrô Tatuapé
Rua Domingos Agostim, 91
Segundo Piso
03314-030 - SP
Tel: +(55 11) 6192-9562

Shopping Paulista
Rua 13 de Maio, 1947 –
Piso Maestro Cardim - Bela Vista
01327-020 - SP
Tel: +(55 11) 3289-3507

Shopping Pátio Higienópolis
Av. Higienópolis, 618
Piso Higienópolis
01238-000 - SP
Tel: +(55 11) 3823-2669

Shopping Plaza Sul
Praça Leonor Kaupa, 100
Piso Térreo - Jardim da Saúde
04151-100 - SP
Tel: +(55 11) 5073-8040

Shopping Sp Market
Av. das Nações Unidas, 22540
- Jurubatuba
04795-100 - SP
Tel: +(55 11) 5685-3552

Shopping West Plaza
Av. Antártica, 380 - Bloco A
Segundo Andar - Água Branca
05003-020 - SP
Tel: +(55 11) 3872-7195

Espaço Siciliano - Vila Olímpia
Rua Cardoso de Melo, 630
04548-003 - SP
Tel: +(55 11) 3842-9811

Rio de Janeiro

Casa de Macau do RJ
R. Gonzaga Bastos, 325, Vila Isabel
CEP 20541-000 - RJ
Tel: +(55 21) 22887225

Rede Siciliano

Leblon
Ataufo de Paiva,1063 A - Leblon
22450-010 - RJ
Tel: +(55 21) 2540-8725

Botafogo Praia Shopping
Praia de Botafogo, 400
Loja 408/409 - Botafogo
22250-040 - RJ
Tel: +(55 21) 2237-9100

Copacabana
Av. N. S. de Copacabana, 766
22050-000 - RJ
Tel: +(55 21) 2548-2683

Rio Branco
Av. Rio Branco, 156 - Centro
20040-006 - RJ
Tel.: +(55 21) 2544-432

Barra Shopping
Av. das Américas, 4666
Primeiro Piso - Barra da Tijuca
22631-004 - RJ
Tel: +(55 21) 2431-9507

São Conrado Fashion Mall
Estrada da Gávea, 899
Segundo Piso - São Conrado

22610-000 - RJ
Tel: +(55 21) 3322-0637
Norte Shopping
Av. Dom Helder Camara, 5474
Piso S - Del Castilho
20774-004 - RJ
Tel: +(55 21) 2595-7504
Brasília
Rede Siciliano
Brasília Shopping and Towers
Setor Coml. Norte B, QD 05 Lote A
70710-500 - DF
Tel: +(55 61) 3326-6946
Conjunto Nacional
SDN/CNB - Lojas 2083/2087
70077-900 - DF
Tel: +(55 61) 3328-5813
Shopping Liberty Mall
SC/Norte, Quadra CN 02
70710-900 - DF
Tel: +(55 61) 3328-0694
Pátio Brasil Shopping
SCS/B - Lote A, Nível 1
70307-902 - DF
Tel: +(55 61) 3323-6789
Park Shopping
SAI/SO Área, 6580 - Primeiro Piso
71211-970 - DF
Tel: +(55 61) (61) 3362-0918

MOÇAMBIQUE
Livraria Minerva
Rua Consiglieri Pedroso, 66/84
Maputo
Tel: +(258) 21 322 092
Mabuko
Av. Julius Nyerere, 820
Maputo
Tel: +(258) 21 415 865
Europa - América (MOC), Lda.
Av. 24 Julho, 377
Maputo
Tel: +(258) 21 491157

PORTUGAL
Lisboa
Casa de Macau em Portugal
Av. Gago Coutinho, 142,
1700-033, Lisboa
Tel: +(351) 21 849 5342
Centro de Promoção e Informação Turística de Macau em Portugal
Direcção dos Serviços de Turismo da RAEM
Av. 5 de Outubro, n.o 115, r/c
1069-204 Lisboa
Tel: +(351) 217 936 542

Porto
Livraria Latina
Rua de Santa Catarina, 2
4000-441 - Porto
Tel: +(351) 22 200 12 94
Aveiro
Livraria Nobel Académica
Rua Eça de Queirós 62
3810-109 Aveiro
Tel: +(351) 234421494

TIMOR-LESTE
Hotel Timor
Rua Mártires da Pátria
Dili
Tel: +(670) 723-2007

MACAU
Livraria Portuguesa
Rua São Domingos, 18-22
Tel: +(853) 2856 6442
Livraria S. Paulo
Travessa do Bispo - 11 R/C "C"
Tel: +(853) 2832 3957
Livraria Bloom
Largo do Pagode do Bazar
Rua de Guimarães, 206
Tel: +(853) 2892 0121
Plaza Cultural Macau
Av. do Conselheiro Ferreira de Almeida, 32
Tel: +(853) 2833 8561

Se deseja ser assinante da Revista Macau (assinatura anual) fotocopie, preencha o cupão e envie-o por correio, fax ou e-mail.

Av. Dr. Rodrigo Rodrigues 600E,
Edf. Centro Comercial First International, 14º andar, Sala 1404 - Macau
email: assinaturas@revistamacau.com Tel: + 853 2832 3660 Fax: + 853 2832 3601

Nome: .....

Morada: .....

Telefone: ..... *Fax:* .....

E-mail: .....

Angola: 1,150.00 AON
Brasil: R$ 29.00
Cabo Verde: 1,200.00 CVE
Guiné Bissau: 7,000.00 XOF
Macau: 100.00 MOP

Mundo: US $13.00
Moçambique: 350,000.00 MZM
Portugal: € 10.00
S. Tomé: 94,000.00 STD
Timor: US $13.00

δ deltaedições